



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JOSÉ LUCAS DO NASCIMENTO BARBOSA

**O ENUNCIADO DIGITAL TENSIONADO SOB A CONCEPÇÃO FILOSÓFICA
BAKHTINIANA DO ATO RESPONSÁVEL: um enfoque não-logocêntrico**

Recife
2024

JOSÉ LUCAS DO NASCIMENTO BARBOSA

**O ENUNCIADO DIGITAL TENSIONADO SOB A CONCEPÇÃO FILOSÓFICA
BAKHTINIANA DO ATO RESPONSÁVEL: um enfoque não-logocêntrico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Virginia Martins Pereira

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Barbosa, José Lucas do Nascimento.

O enunciado digital tensionado sob a concepção filosófica bakhtiniana do ato responsável: um enfoque não-logocêntrico / José Lucas do Nascimento
Barbosa. - Recife, 2024.

123 p. : il., tab.

Orientador(a): Sônia Virginia Martins Pereira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

Inclui referências.

1. Enunciado digital. 2. Linguagem não-logocêntrica. 3. Ato responsável.
4. Círculo russo. 5. Análise Dialógica do Discurso. I. Pereira, Sônia Virginia Martins . (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2024 - 85)

JOSÉ LUCAS DO NASCIMENTO BARBOSA

**O ENUNCIADO DIGITAL TENSIONADO SOB A CONCEPÇÃO FILOSÓFICA
BAKHTINIANA DO ATO RESPONSÁVEL: um enfoque não-logocêntrico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 19 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Sônia Virginia Martins Pereira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Otávia Pinheiro Pedrosa Fernandes (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Roberta Varginha Ramos Caiado (Examinadora Externa)
Universidade Católica de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Uma das lições que se pode obter ao estudar profundamente a concepção de linguagem no Círculo Russo, especialmente as ideias do pensador Mikhail Bakhtin, é que o enunciado — aqui, esta dissertação como um grande enunciado — só tem vida concreta quando dialoga com outras vozes. Isso significa que a constituição da linguagem e do próprio ser da existência depende de sua relação com o outro, ou seja, o resultado final desta dissertação resulta de um grande diálogo realizado durante os dois anos em que se sucedeu esta pesquisa. Assim, expresso meus agradecimentos a cada voz que me ajudou na concretização desta dissertação e também em minha trajetória como pesquisador.

Primeiramente, agradeço a Deus, gênese de todo conhecimento, por ser a luz que me guia no caminho da linguagem.

À minha família, que me orienta na trajetória da vida: minha mãe, Zuleide Maria do Nascimento Barbosa; meu pai, Jorge Oliveira Barbosa e meu irmão, Jorge Lucas do Nascimento Barbosa.

À Universidade Federal de Pernambuco, especialmente ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) e a todos profissionais da educação que contribuíram para minha formação acadêmica.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro para a realização desta dissertação de mestrado.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Sônia Virginia Martins Pereira, por ser meu alicerce nas discussões científicas, por ter me guiado em cada passo da escrita desta pesquisa e por ter se tornado uma amiga de vida, à qual serei eternamente grato. Sem ela, não estaria onde estou.

Ao Grupo de pesquisa Rede de Estudos Dialógicos (RED) e às/aos colegas do grupo, com as/os quais mantive intensos diálogos que contribuíram para a minha pesquisa.

À minha amiga e parceira de pesquisa, Prof^a. Ma. Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos, por me apresentar, pela primeira vez, a magnitude do pensamento de Mikhail Bakhtin. Esse momento foi o diálogo mais importante para trilhar a minha caminhada acadêmica.

À minha amiga e professora, Ana Maria da Silva Fernandes, por ter apresentado o mundo dos livros a mim, por sempre estar à disposição para diálogos a respeito de nossas leituras e por ter sido uma das primeiras pessoas com quem conversei sobre esta dissertação.

Aos comentadores das obras do Círculo russo (Sheila Grillo, Beth Brait, Paulo Bezerra, Carlos Alberto Faraco, Adail Sobral, Morson e Emerson, entre outros), que desbravaram as peculiaridades do pensamento de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev.

À banca de qualificação, composta pelas professoras e doutoras Isabel Muniz Lima e Roberta Varginha Ramos Caiado, por contribuírem para o aperfeiçoamento desta dissertação.

A todas as minhas professoras e professores que me guiaram no caminho da educação. Em especial, agradeço a Rejane Albuquerque por ser a primeira professora que me fez amar o mundo da linguagem.

A meus amigos e amigas que me apoiaram durante o mestrado.

Aos futuros leitores desta dissertação, meus superdestinatários.

À educação pública, sem a qual não teria conquistado saberes que hoje tenho.

É aterrorizante tudo o que é tecnológico, quando abstraído da unidade singular do existir de cada um e deixado entregue à vontade de sua lei imanente de seu desenvolvimento; ele pode repentinamente irromper nesta unidade singular da vida de cada um como força irresponsável, deletéria e devastante (Bakhtin, 2017b).

RESUMO

No cronotopo digital, a perspectiva pós-dualista e não-logocêntrica de linguagem evidencia como o humano, a tecnologia e o ambiente se hibridizam na comunicação. Nessa circunstância, a concepção filosófica do Círculo russo se faz pertinente, pois já apresentava, no contexto de produção de suas ideias, um viés não-logocêntrico. Considerando esse cenário, a questão central que norteou esta pesquisa indagou como comportamentos digitais se apresentam sendo passíveis de análise à luz de uma filosofia moral do ato responsável, configurando, assim, modos de interagir, na contemporaneidade? Para responder ao questionamento, a pesquisa adotou uma análise hipotético-dedutiva, pois se percebe, na perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, a viabilidade de se abordar atividades languageiras em ambientes digitais como atos responsáveis. Dessa forma, ao se diligenciar os princípios filosóficos e não-logocêntricos presentes na concepção de linguagem do Círculo à concepção filosófica de Bakhtin, foi possível alcançar uma compreensão mais abrangente do fenômeno languageiro no universo digital. Assim, o objetivo geral desta pesquisa centrou-se em analisar, a partir de uma postura não-logocêntrica da linguagem, como comportamentos digitais são passíveis de análise, à luz de uma filosofia moral do ato responsável, que configuram, assim, modos de interagir, na contemporaneidade. Como objetivos específicos: (1) Desvelar singularidades não-logocêntricas da concepção filosófica de linguagem presentes no Círculo, com destaque para sua relevância na reflexão sobre discursos digitais; (2) Refletir sobre webnotícias veiculadas em sites, que implicam comportamentos digitais, como atos responsáveis, à luz da filosofia bakhtiniana; (3) Examinar como interações discursivas nos ecossistemas *TikTok*, *Instagram* e *X*, sob a concepção de linguagem do Círculo, em diálogo com a Análise do Discurso Digital, são passíveis de uma análise, a partir da ética bakhtiniana do ato responsável. Para tanto, esta investigação fundamentou-se na abordagem teórico-metodológica da Análise Dialógica do Discurso proposta pelo Círculo, especialmente Bakhtin (2016; 2017b) e Volóchinov (2017; 2019), em seu tratamento embrionário de uma concepção não-logocentrada de linguagem, em interlocução teórica com a Análise do Discurso Digital, de Paveau (2021) e na perspectiva pós-dualista de Santaella (2021; 2022). A análise do *corpus* demonstra que há uma concepção de linguagem não-logocêntrica no Círculo, a qual permite uma reflexão filosófica de comportamentos digitais através da filosofia do ato responsável, proposta por Bakhtin.

Palavras-chave: Enunciado digital; Linguagem não-logocêntrica; Ato responsável; Círculo russo; Análise Dialógica do Discurso.

ABSTRACT

In the digital chronotope, the post-dualistic and non-logocentric perspective of language highlights how humans, technology, and the environment hybridize in communication. In this circumstance, the philosophical conception of the Russian Circle becomes relevant, as it already presented a non-logocentric inclination in the context of producing its ideas. Considering this scenario, the central question that guided this research inquired about how digital behaviors present themselves for analysis in light of a moral philosophy of responsible act, thus configuring modes of interaction in contemporary times. To address this question, the research adopted a hypothetical-deductive analysis, as it perceives, from the perspective of Dialogical Discourse Analysis, the feasibility of approaching language activities in digital environments as responsible acts. Thus, by examining the philosophical and non-logocentric principles present in the Circle's conception of language in dialogue with Bakhtin's philosophical perspective, it was possible to achieve a more comprehensive understanding of the linguistic phenomenon in the digital universe. Therefore, the overall objective of this research focused on analyzing, from a non-logocentric stance on language, how digital behaviors are subject to analysis in light of a moral philosophy of responsible act, configuring modes of interaction in contemporary times. Specific objectives included: (1) Unveiling non-logocentric singularities in the philosophical conception of language present in the Circle, with emphasis on their relevance in reflecting on digital discourses; (2) Reflecting on web news disseminated on websites, implicating digital behaviors as responsible acts in light of Bakhtinian philosophy; (3) Examining how discursive interactions in the TikTok, Instagram, and X ecosystems, under the Circle's conception of language and in dialogue with Digital Discourse Analysis, are subject to analysis based on Bakhtinian ethics of responsible act. To achieve these goals, this investigation was grounded in the theoretical-methodological approach of Dialogical Discourse Analysis proposed by the Circle, especially Bakhtin (2016; 2017b) and Volóchinov (2017; 2019), in their embryonic treatment of a non-logocentric conception of language, in theoretical dialogue with Digital Discourse Analysis by Paveau (2021) and in Santaella's post-dualistic perspective (2021; 2022). The corpus analysis demonstrates a non-logocentric conception of language in the Circle, allowing for a philosophical reflection on digital behaviors through Bakhtin's philosophy of responsible act.

Keywords: Digital utterance; Non-logocentric language; Responsible action; Russian Circle; Dialogical Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — <i>Print</i> de <i>Stories</i> do <i>Instagram</i> de @hugogloss e de seu <i>site</i> de notícias.....	52
Figura 2 — <i>Print</i> do <i>post</i> no ecossistema <i>X</i> usado no <i>site</i> Hugo Gloss	53
Figura 3 — <i>Print</i> do <i>post</i> de @hugogloss no ecossistema <i>X</i> sobre o caso Larissa Manoela ...	54
Figura 4 — O caso Larissa Manoela em diferentes ecossistemas.....	57
Figura 5 — Meme no ecossistema <i>X</i> sobre o caso Larissa Manoela.....	58
Figura 6 — Pessoas em rede	67
Figura 7 — Procedimentos Metodológicos	79
Figura 8 — Página inicial do @tiktokbrasil.....	80
Figura 9 — Galeria de efeitos do <i>TikTok</i>	81
Figura 10 — Tecnodiscursos de @adressahcatty	82
Figura 11 — Funções do <i>Instagram</i>	84
Figura 12 — <i>Threads</i> do <i>Instagram</i>	85
Figura 13 — Página inicial do @X	87
Figura 14 — <i>Print</i> do vídeo sobre a Zara.....	90
Figura 15 — <i>Print</i> do vídeo sobre hambúrguer preto	91
Figura 16 — Comentários no vídeo de @layllaqueiroz	93
Figura 17 — <i>Print</i> do vídeo compartilhado por Leandrinha Du Art no <i>Instagram</i>	95
Figura 18 — <i>Print</i> do <i>post</i> no <i>X</i> de Leandrinha Du Art	95
Figura 19 — <i>Print</i> de <i>live</i> no <i>Instagram</i> de jovens exibindo armamento	97
Figura 20 — <i>Print</i> do <i>post</i> de @bryannaNasck em resposta à notícia no ecossistema <i>X</i>	98
Figura 21 — <i>Print</i> de comentários no <i>post</i> de @BryannaNasck no <i>X</i>	100
Figura 22 — <i>Print</i> de notícia sobre atentado à escola.....	101
Figura 23 — Reações de curtir no <i>Facebook</i>	102
Figura 24 — Discussão no <i>X</i> sobre curtida e compartilhamento serem endosso	102
Figura 25 — <i>Print</i> de <i>post</i> sobre atentado à escola	104
Figura 26 — <i>Emoji</i>	106
Figura 27 — <i>Print</i> de notícia sobre post de Bolsonaro no ecossistema <i>X</i>	107
Figura 28 — <i>Print</i> do <i>post</i> de Bolsonaro usado na matéria do <i>Jornal Estadão</i>	108
Figura 29 — Marcelo Álvaro Antônio faz publicação atacando Felipe Neto.....	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Tradução da palavra russa <i>viskázivanie</i> (enunciado).....	27
Quadro 2 — A palavra russa <i>slovo</i>	27
Quadro 3 — Trechos das obras do Círculo	46
Quadro 4 — Semelhanças do <i>Instagram</i> com outros ecossistemas	86
Quadro 5 — Mudanças na interface do <i>X</i>	88

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A FILOSOFIA PÓS-DUALISTA: UMA REFLEXÃO SOBRE A INSEPARABILIDADE ENTRE HUMANO E SEU <i>LOCUS</i> DE EXISTÊNCIA.	24
2.1	BREVE INTRODUÇÃO SOBRE O DUALISMO.....	32
2.2	O PÓS-DUALISMO COMO CONDIÇÃO PÓS-HUMANA.....	34
2.3	O NÃO-ÁLIBI DA EXISTÊNCIA: A QUESTÃO DA RESPONSABILIDADE NO MUNDO PÓS-DUALISTA.....	40
3	A CONSTRUÇÃO DO ENUNCIADO DIGITAL: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO PARA O PENSAMENTO NÃO LOGOCÊNTRICO DE LINGUAGEM.....	44
3.1	AS ANÁLISES DO DISCURSO: A CRÍTICA DE MARIE-ANNE PAVEAU	44
3.2	A DIALOGIA DO DISCURSO NA ECOLOGIA DIGITAL	49
4	A FILOSOFIA DA VIRTUDE DISCURSIVA DE MARIE-ANNE PAVEAU E A FILOSOFIA DO ATO EM MIKHAIL BAKHTIN: REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO DIGITAL COMO ATO RESPONSÁVEL	62
4.1	ENQUADRAMENTO TEMÁTICO: UMA INTRODUÇÃO CONTEXTUAL	62
4.2	UM DIÁLOGO ENTRE MARIE-ANNE PAVEAU E BAKHTIN: AS TRAMAS DO DISCURSO DIGITAL	70
5	COMPORTAMENTOS DIGITAIS À LUZ DA FILOSOFIA MORAL DO ATO RESPONSÁVEL.....	76
5.1	DECISÕES METODOLÓGICAS	76
5.1.1	Parâmetros da pesquisa: caracterização e escopo da amostra.....	76
5.1.2	Procedimento de coleta e análise de dados	77
5.2	ECOSSISTEMAS: <i>TIKTOK</i> , <i>INSTAGRAM</i> E <i>X</i>	79
5.2.1	O <i>TikTok</i> : a criatividade como missão.....	79
5.2.2	<i>Instagram</i> e <i>X</i> : uma questão de metamorfose digital.....	83
5.3	ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	89
5.3.1	A linguagem não-logocêntrica	89
5.3.2	O ato responsável.....	96
5.3.3	O não-álibi da existência	107

**CONSIDERAÇÕES FINAIS: NÃO EXISTE NADA ABSOLUTAMENTE
“ACABADO”, POIS CADA SENTIDO TERÁ SUA FESTA DE RENOVAÇÃO**

112

REFERÊNCIAS.....118

1 INTRODUÇÃO

“Qualquer oração pode figurar como enunciado acabado, mas, neste caso, é completada por uma série de elementos essenciais de índole não gramatical, *que lhe modificam a natureza pela raiz*” (Bakhtin, [1978] 2016, p. 44, grifo nosso).

“Uma abordagem simétrica postularia que as unidades chamadas ‘não linguísticas’ ou ‘extralinguísticas’ participam plenamente do desenvolvimento da produção verbal, dentro de um *continuum* entre verbal e não verbal, e não mais uma oposição” (Paveau, 2020, p. 21).

As epígrafes, apesar de serem produzidas em momentos histórico-sociais distintos, ilustram uma preocupação em comum: a natureza da linguagem como uma construção entre elementos linguísticos e não-linguísticos. Essa preocupação leva Mikhail Bakhtin a construir suas ideias em torno do discurso não como algo abstraído da existência, mas intrínseco a ela, por isso a necessidade do extralinguístico nessa construção. Por outro lado, Marie-Anne Paveau compreende, de forma semelhante, essa natureza híbrida da linguagem, isto é, do discurso. Contudo, a autora se singulariza em sua abordagem por levar em consideração um tipo de elemento peculiar de sua atualidade, os recursos digitais, como partícipes da construção linguageira na chamada era digital — o que justifica a postura simétrica de suas análises.

É necessário, antes de aprofundar as discussões sobre o pensamento bakhtiniano e a Análise do Discurso Digital, situar-se no estado da arte atual sobre as contribuições de Marie-Anne Paveau para a Análise do Discurso Digital.

Observa-se, no cenário brasileiro, um número crescente de pesquisas que buscam, para além de compreender o pensamento de Paveau, estabelecer um diálogo entre a autora e outras correntes em torno das reflexões sobre a linguagem — a tese de doutorado *Modos de Interação em Contexto Digital*, defendida em 2022, por Isabel Muniz Lima, é um exemplo desse diálogo teórico.

Muniz-Lima (2022) propõe uma revisão da noção de interação na Linguística Textual, abrangendo, também, os diversos modos de interagir nos ambientes digitais. O argumento defendido pela autora, baseada em Paveau (2021), é de que a interação é entendida como um processo de coconstrução de sentidos não somente entre humanos, mas também entre humanos e/ou não humanos, nos quais há a influência de fatores languageiros e tecnológicos como mídia, suporte e sistemas semióticos.

Além disso, ao se observar o trabalho de Muniz-Lima, é possível perceber o destaque para a interdisciplinaridade com as ciências da comunicação e na compreensão do que é entendido por análise do discurso digital:

[...] a interdisciplinaridade entre Linguística Textual e Ciências da Comunicação é fundamental para que possamos compreender como a consideração de elementos tecnológicos pode interferir na noção de interação e que aspectos parecem fundamentais na construção de sentidos em contexto digital. Na verdade, ao assumirmos a visão de ecologia dos discursos, estamos também aceitando que não se trata apenas de uma interferência da tecnologia na interação, mas de um condicionamento do hibridismo humano-linguagem-recursos tecnológicos (Muniz-Lima, 2022, p. 24).

Em suas conclusões, as reflexões de Muniz-Lima (2022) enfatizam a necessidade de aplicar os conceitos discutidos em sua pesquisa ao ensino de Língua Portuguesa, principalmente quando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza o trabalho em sala de aula de práticas de linguagem em ambientes digitais.

Seguindo a perspectiva do ensino e também estabelecendo um diálogo interdisciplinar com Paveau (2021), encontra-se a tese de doutorado *Arquiteturas tecnodiscursivas no ensino-aprendizagem de Língua(gem): textos digitais e letramentos em (trans)formação*, defendida por Jailine Mayara Sousa de Farias, em 2022. Em sua pesquisa, Farias (2022) se propôs a investigar os modos de produção digital no ensino *online*, tendo como foco os aspectos pedagógicos e composicionais usados pelos professores em formação.

Ao compreender as dinâmicas do discurso digital como resultantes de diversos elementos, incluindo as próprias interfaces de plataformas, Farias (2022) questiona, à luz de Paveau (2021), os limites entre o que é considerado linguístico e não linguístico, para pensar as produções de linguagem como dinâmicas em ambientes digitais. Além de Paveau, a autora dialoga, em sua pesquisa, sobre a noção de texto na Linguística Textual, bem como sobre os (novos/multi/trans) letramentos.

Conclui-se, com a leitura da tese de Farias (2022), que essa pesquisa contribui para a compreensão das potencialidades do discurso digital, não somente ao estabelecer uma interlocução teórica com áreas como letramentos, transletramentos e multiletramentos e linguística textual, mas também ao destacar a importância de integrar, no âmbito da educação, o digital de forma crítica e ética. É válido ressaltar que esse último ponto, sobre a educação, também é enfatizado por Muniz-Lima (2022) em suas conclusões. Logo, ambas as teses são exemplos de abordagem interdisciplinar, que apontam, cada uma de forma singular, à necessidade de incluir no ensino de língua as contribuições de suas pesquisas.

Além dessas teses, ainda é possível encontrar pesquisas publicadas em periódicos e revistas científicas, utilizando a Análise do Discurso Digital de Paveau (2021) como pressuposto teórico. Costa e Glück (2021), por exemplo, buscam analisar a utilização de imagens na divulgação científica em ambientes digitais, a fim de compreender o papel da imagem nesse tipo de discurso. Em outro trabalho, também focalizando o discurso digital na divulgação científica, Glück, Iracet e Giering (2022), baseados na Análise do Discurso Digital e na Teoria da Estrutura Retórica, objetivaram analisar como as hiperligações nas revistas *online* Galileu e Superinteressante são usadas para influenciar os leitores. Em suas conclusões, os autores compreendem que as revistas utilizam, em seus textos, *links* para tornar a informação científica mais confiável.

Já no âmbito da argumentação, o trabalho de Seixas (2021) propõe perspectivas para o estudo do que ele intitula como “argumentação digital”. Tendo como foco textos nativos digitais, o autor analisa um *corpus* selecionado do *Instagram* com as *hashtags* #forabolsonaro e #impeachmentbolsonaro, durante e após as manifestações de 7 de setembro. Em sua análise, Seixas (2021) aponta a argumentação como posicionamento e as redes sociais semelhantes a espaços públicos, onde a retórica pode ser utilizada para analisar a argumentação nesses espaços digitais. Por fim, fica claro, em sua pesquisa, que a imagem, as palavras e os demais recursos tecnológicos colaboram para construção dos sentidos argumentativos, tal como proposto em Paveau (2021), que compreende o linguístico e o tecnológico num *continuum*.

Realizando uma análise pragmática de uma postagem de Jair Bolsonaro, no *Facebook*, feita em 8 de julho de 2020, um dia após seu diagnóstico positivo para COVID-19, e dos comentários gerados na postagem, Figueira, Neves-Hora e Hora (2022) baseiam-se nos conceitos de enquadres e *footing*, de Erving Goffman¹, e Análise do Discurso Digital, para chegarem à conclusão de que as interpretações das interações digitais estão ligadas a contextos dentro e fora do ambiente digital.

Esse brevíssimo panorama serve para evidenciar como a Análise do Discurso Digital, de Marie-Anne Paveau, é utilizada em diálogo com outras perspectivas teóricas. Nesse ínterim, com o foco também em estabelecer um diálogo entre teorias, esta pesquisa caminha nesse propósito de traçar um diálogo entre a teoria do Círculo russo e a Análise do Discurso Digital.

¹ A noção de enquadre refere-se à maneira de representar informações em uma conversa, ou seja, a forma como as mensagens são estruturadas. Já o conceito de *footing* diz respeito a como os participantes de uma situação comunicacional gerenciam suas interações através das posturas que assumem. Em resumo, significa a posição, atitude ou perspectiva adotada em uma conversa. Nesse sentido, uma mudança de *footing* implica em ajustar a posição em relação a si mesmo e ao outro na interação (Figueira; Neves-Hora; Hora, 2022).

Em virtude desse contexto, pode-se afirmar que o cenário analítico das investigações discursivas presente nos ambientes virtuais torna-se, progressivamente, coagido a adotar essa postura simétrica, à luz de Paveau (2021), para a compreensão das múltiplas formas de interação humana no mundo digital e como a multiplicidade de recursos tecnológicos e linguísticos se hibridizam na construção de sentido nesse ambiente. É importante destacar que Paveau, ao assumir essa postura, o faz tendo respaldo numa filosofia pós-dualista, a qual alcança, também, outros campos do saber. Dessa forma, faz-se necessário, aqui, explicitar o motivo da escolha em se adotar a concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev para a reflexão sobre o fenômeno digital. Longe de se estabelecer anacronismos e, com uma postura transdisciplinar, acredita-se que, mesmo sendo construído em contextos divergentes da realidade digital (como a *Web. 2.0*), o pensamento do Círculo apresenta certas características que podem, na conjuntura digital, frutificar contribuições: a filosofia do ato responsável, a qual enxerga todas as ações da espécie humana como realizações de atos, sobre os quais o ser humano possui certa responsabilidade.

Em um de seus primeiros textos, idealizado no início dos anos vinte², Bakhtin (2017b) escreveu essa proposta filosófica, na qual afirmava que todos os atos humanos são atos responsáveis. Anos mais tarde, em 1978, em outra obra intitulada *Os gêneros do discurso*, o autor russo propôs que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (Bakhtin, 2016, p. 11). Assim, apesar de ambas as afirmações estarem em épocas e obras diferentes, o elo que as une é o de enxergar a linguagem através do prisma da filosofia, ao compreendê-la relacionada a todas as esferas de atuação humana, e também, transpassada pela questão da responsabilidade.

Diante disso, ao resgatar essas ideias de Bakhtin para refletir, atualmente, sobre a interação digital, pode-se concluir que todas as ações humanas de interação discursiva nos ambientes virtuais são como espécies de atos, nesse caso, portanto, considerados como atos responsáveis. Dessa forma, justifica-se a motivação desta pesquisa a partir desse ponto inicial de reflexão sobre a teoria do Círculo, além da constatação de que as sociedades estão passando por mudanças, principalmente no cenário da interação discursiva em ambientes digitais.

² Segundo comentadores das obras do Círculo, Ponzio (2019) e Sobral (2019), Mikhail Bakhtin esboçou a escrita de *Para uma Filosofia do ato responsável* entre os anos de 1920 e 1924. Contudo, a sua publicação, a qual somente ocorreu em 1986, na Rússia, passou por alguns percalços: o livro só chegou ao público após a morte do autor (1974). Além disso, quando encontrado para publicação, o texto não estava finalizado e não apresentava as páginas iniciais. Em outros países, como o Brasil, a tradução chegou anos depois, como a edição utilizada nesta dissertação, traduzida por Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco a partir da edição italiana (2009).

Essas mudanças têm suas raízes, como bem aponta Santaella (2022), no processo progressivo e complexo do desenvolvimento da inteligência dos Sapiens, no qual “o desdobramento das linguagens foi sendo acompanhado pela multiplicação de tecnologias de linguagem, portanto, tecnologias inteligentes que tornaram os processos comunicativos cada vez mais complexamente interconectados” (Santaella, 2022, p. 12).

Partindo desse contexto, assumir a interconectividade que a autora apontou significa abandonar a visão de mundo dualista, que separa a espécie humana de seu espaço de existência e compreende a linguagem como possuindo duas instâncias: uma interna e outra externa, na qual a segunda não faz parte da construção languageira, atuando como um pano de fundo para a cena linguística. Não somente Santaella (2021; 2022) vai adotar uma visão que diverge dessa dualidade, mas, também, Paveau (2021), como citado anteriormente.

É na configuração pós-dualista que o pensamento dessas autoras compreende a hibridização da linguagem, entendendo o ambiente digital não como algo estranho à natureza humana, mas como um espaço que se relaciona com esse humano e, juntos, coconstroem a linguagem digital. Portanto, o pensamento do Círculo é contundente, pois não somente afirma que todos os diversos campos de atuação humana estão envolvidos com a linguagem, logo, o digital, também. Mas por ser o digital campo de atuação humana, a responsabilidade dos atos incide nessa esfera, resultando em novas formas de discurso e interatividade.

Dois polos de consequência, positivo e negativo, advêm dessas novas formas de interação discursiva. Sobre a primeira, a positiva, Bruzzone (2021) diz:

A comunicação digital em rede também reduziu as distâncias e encurtou os tempos. Aumentou o número de nossas interações com pares. Nos aproximou de pessoas que já eram queridas, mas com as quais a comunicação era esparsa. Grupos de WhatsApp mantêm cotidianamente em contato irmãos que moram longe, filhos, amigos espalhados pelo planeta. Ajudam pesquisadores a encontrar bibliografia, trocar ideias, aprender melhor, pensar juntos. Organizam mobilizações, derrubam políticos, condenam pedófilos, promovem mudanças sociais (Bruzzone, 2021, p. 32).

Como é possível notar, Bruzzone (2021) seleciona alguns exemplos para ilustrar os benefícios da interação digital. Contudo, filósofos contemporâneos como Byung-Chul Han fazem um diagnóstico bastante negativo da realidade digital. Han (2018) culpabiliza a revolução digital por ter criado um espaço para a massificação de pessoas, que ele classifica como enxame digital, isto é, sujeitos que não habitam lugar nenhum e não estabelecem nenhum senso de coletividade, pois só fazem barulho. Mesmo quando se juntam, “os seus *paradigmas coletivos de movimento* são, porém, como dos animais que formam enxames, muito efêmeros

e instáveis. Além disso, eles frequentemente passam uma impressão de serem carnavalescos, lúdicos e descompromissados” (Han, 2018, p.30).

Nessa visão de mundo negativa, para Han (2022) a alteridade cada vez mais se perde, dando espaço para indivíduos que expulsam o outro da comunicação e se comportam como vitrines lutando por atenção. A aproximação garantida pelo digital, que Bruzzone (2021) enxerga como benéfica, Han (2022) a interpreta como o abismo da relação eu-outro:

A comunicação atual é completamente narcisista. Ela ocorre inteiramente sem o tu, sem nenhum clamor pelo outro [...] A comunicação digital, [porém,] dedica-se, justamente, a eliminar toda distância. Por meio das mídias digitais, buscamos, hoje, aproximar o outro tanto quanto possível. Assim, não temos mais nada do outro. Antes, levamos-lhe ao desaparecimento (Han, 2022, p. 112–113).

Além dessa consequência de caráter negativo, os ambientes digitais se tornaram potenciais para disseminação de *Fake News* ou de atos que causam certo tipo de dano social, ocasionando uma quebra de ética. A título de exemplificação, têm-se as Inteligências Artificiais (IAs) gerando discussões sobre se a questão ética deve ser ou não embutida em sua estruturação. Se sim, “que ética seria essa?” é a pergunta que estudiosos da tecnologia fazem. Quando essas inteligências — e os algoritmos, também — cometem algo moralmente danoso, Santaella (2022) afirma ser preciso olhar para o humano que as encomendou e construiu para que se possa exigir uma supervisão e uma responsabilização da culpa.

Enfim, duas tendências se apresentam: uma que enxerga possibilidades digitais que potencializam as capacidades humanas; outra que diagnostica o fatalismo que o digital trouxe para relações humanas a ponto de ocasionar a quebra de contratos éticos e extinguir a comunicação. Diante desse cenário, o pensamento do Círculo russo pode servir de um caminho de reflexão para compreender melhor a natureza da relação humano-digital. No Círculo, a interação é a base de tudo, o outro não é excluído, mas necessário para a construção da existência do eu e, sendo o eu e o tu partícipes da interação, seus atos são vistos como atos responsáveis, pois, no ambiente digital, tanto o eu quanto o tu são centros axiológicos, ou seja, posicionam-se valorativamente.

É, portanto, com o pensamento filosófico em Bakhtin e com as teorias do Círculo em torno da linguagem, que a questão central que norteou esta pesquisa indagou **como comportamentos digitais se apresentam sendo passíveis de análise à luz de uma filosofia moral do ato responsável, configurando, assim, modos de interagir, na contemporaneidade?** Para responder ao questionamento, a pesquisa adotou uma análise

hipotético-dedutiva, pois se percebe, na perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, a viabilidade de se abordar atividades languageiras em ambientes digitais como atos responsáveis. Dessa forma, ao se diligenciar os princípios filosóficos e não-logocêntricos presentes na concepção de linguagem do Círculo à concepção filosófica de Bakhtin, foi possível alcançar uma compreensão mais abrangente do fenômeno languageiro no universo digital.

O termo não-logocêntrico diz respeito à não aceitação de uma visão logocêntrica da linguagem. Etimologicamente, logos vem do grego *λόγος*, podendo significar palavra ou razão. Assim, o logocentrismo é uma perspectiva que tende a pôr o *logos* (palavra) como o centro do discurso, como seu principal. Contrárias a essa visão estão Paveau (2021) e Santaella (2021). Contudo, o Círculo russo já apresentava em seus posicionamentos teóricos uma visão não-logocentrada de linguagem.

Em se tratando de princípios não-logocêntricos, o eixo comum entre Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, é afirmar que somente o linguístico não é suficiente para que o discurso se concretize. Nas palavras do próprio Bakhtin (2016, p. 44), o enunciado é completado por “[...] uma série de elementos essenciais de índole não gramatical, que lhe modificam a natureza pela raiz”. Essa não-logocentralidade presente na concepção desses autores russos, em diálogo com a Análise do Discurso Digital, pode servir como base para analisar a linguagem em ambientes digitais, com sua natureza plurissemiótica, concedida pelos recursos tecnológicos, principalmente, tendo em vista que essa linguagem é refletida através da filosofia do ato responsável.

Assim, o **objetivo geral** desta pesquisa é analisar, a partir de uma postura não-logocêntrica da linguagem, como comportamentos digitais são passíveis de análise, à luz de uma filosofia moral do ato responsável, que configuram, assim, modos de interagir, na contemporaneidade. De modo a cumprir o objetivo, foram observados alguns modos de interação que se configuraram com algumas mídias digitais, como *X (Twitter)*³, *TikTok* e *Instagram* e webnotícias dos sites *Terra*, *O Globo* e *Estadão*. A seleção desse escopo de análise pauta-se nos seguintes critérios: webnotícias que abordam comportamentos digitais, enfatizando a temática da responsabilização e, no que diz respeito às redes sociais citadas, foram abordadas nas webnotícias selecionadas.

Cabe ressaltar que as análises foram conduzidas considerando a filosofia do ato responsável em Bakhtin (2017b), com interlocuções teóricas com Marie-Anne Paveau (2021) e suas reflexões em torno do discurso digital. Assim sendo, tem-se como objetivos específicos:

³ O termo *X* diz respeito ao novo nome atribuído ao *Twitter*. A mudança, feita por Elon Musk, ocorreu em 2023.

- 1) Desvelar singularidades não-logocêntricas da concepção filosófica de linguagem presentes no Círculo, com destaque para a sua relevância na reflexão sobre discursos digitais;
- 2) Refletir sobre webnotícias veiculadas em *sites*, que implicam comportamentos digitais, como atos responsáveis, à luz da filosofia bakhtiniana;
- 3) Examinar como interações discursivas nos ecossistemas⁴ *TikTok*, *Instagram* e *X*, sob a concepção de linguagem do Círculo, em diálogo com a perspectiva da Análise do Discurso Digital, são passíveis de uma análise, a partir da ética bakhtiniana do ato responsável.

É válido ressaltar que há, num campo amplo de estudos da linguagem, para além de Paveau, diversas pesquisas em torno da linguagem em ambientes digitais, como em Santaella (2021), a qual tem defendido que as linguagens humanas se transformam não só historicamente, mas também antropologicamente. Em seus trabalhos *Linguagens líquidas na era da mobilidade* (2007), *Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet* (2021) e *Neo-humano: a sétima revolução cognitiva do Sapiens* (2022), o fio condutor em suas investigações a respeito da relação humano e tecnologia é o de considerar essa relação não de maneira sensacionalista, no sentido de um fim para humanidade ou da cultura humana, mas de modo que essa relação não é estranha à natureza humana, uma vez que a virtualidade já está presente na própria constituição da espécie, quando o ser humano se tornou bípede.

[...] a técnica, hoje transmutada em tecnologia, remonta às origens da constituição do ser humano como ser simbólico, ser de linguagem, de modo que as tecnologias atuais estão em uma linha de continuidade e representam uma crescente complexificação de um princípio que já se instalou de saída na instauração do humano (Santaella, 2007, p. 49).

Assim, a linguagem acompanha a dinâmica dessa relação, não mais de maneira linear, sequencial como em textos impressos, mas se hibridizando a outras semioses em ambientes digitais, ou seja, uma espécie de mistura de linguagens — imagens, sons, ruídos, elementos tecnológicos, texto etc. — em um todo acabado, chamada, pela autora, de “hipermídia”. Quando essa linguagem hipermidiática surgiu, graças à internet, “[...] o usuário estava, até certo ponto,

⁴ O termo ecossistema diz respeito, segundo Paveau (2020), a uma concepção ecológica da vida humana e de sua produção linguageira, que compreende a produção discursiva não como um fenômeno exclusivamente humano, mas refletindo a manifestação de seu comportamento nos ambientes em que se encontra. Santaella (2021), conforme esse pensamento, usa o termo ecologia informacional expansiva para caracterizar os ambientes de interações digitais (exemplo de redes sociais) como ecologias que estão em constante processo de mudança e adaptabilidade.

preparado para ela. Nossa percepção já era capaz de saltar de uma informação a outra, preenchendo mentalmente os vãos entre elas e buscando conexões criadoras de sentido” (Santaella, 2021, p. 48).

Assim, ao considerar a relação humano-tecnologia como não estranha para a espécie humana, ao entender que a linguagem nessa relação se apresenta de maneira hibridizada e ao perceber que o ser humano habita espaços físicos e ambientes virtuais simultaneamente, Santaella (2022) questiona-se, filosoficamente, sobre como caracterizar esse ser hiper-híbrido. Nesse momento, aponta como resposta um novo ser: um neo-humano.

Logo, faz-se necessário ressaltar que esta investigação não se propõe a finalizar as discussões em torno da realidade digital e de como a linguagem se manifesta nesse espaço, mas, sim, contribuir para o pensamento acerca da linguagem e da interação digital através do olhar filosófico do Círculo russo a respeito da comunicação humana como ato responsável, isto é, buscando a compreensão sobre os modos de agir na esfera digital, pensando a ética como ponto de partida para isso.

No que concerne à estruturação desta dissertação, após a introdução, onde se esboça de forma concisa o contexto geral, além dos objetivos da pesquisa, o *corpus* e o quadro teórico-metodológico, **na seção 2 — A filosofia pós-dualista: breve reflexão sobre a inseparabilidade entre humano e seu *locus* de existência** — discute-se a ideia da superação do dualismo, que historicamente separou a existência entre o mundo físico e o mundo transcendental, em detrimento de uma perspectiva pós-dualista, que abandona as antigas separações como homem/natureza, mente/corpo etc. Nessa nova perspectiva, o humano, a tecnologia e o ambiente possuem uma interdependência constitutiva, o que evidencia a inseparabilidade entre a espécie humana e seu *locus* de existência. Além disso, aborda-se como a linguagem, na concepção do Círculo russo, aponta para uma visão que não faz uma separação dualista, ao considerar que a união entre o não-linguístico e o linguístico se evidencia na construção discursiva, ocorrendo na vida concreta e não abstraída da realidade. Nesse cenário, a responsabilidade do agir comunicativo, segundo a ótica de Bakhtin (2017b), é elemento-chave para garantir a inseparabilidade entre o mundo da cultura (aqui, incluindo o digital) e o mundo da vida através do ato responsável.

Na seção 3 — A construção do enunciado digital: contribuições da análise dialógica do discurso para o pensamento não-logocêntrico de linguagem, aborda-se a teoria de Paveau (2021), ao tratar das características constitutivas do discurso digital, como: a composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade enfatizando a relação indissociável entre o ambiente e a linguagem. Essa noção de ambiente é utilizada por

Paveau para substituir o conceito de contexto das análises de discursos pré-digitais, pois entendiam o contexto como algo extralinguístico — com exceção do Círculo russo. Paralelo a isso, é estabelecida uma interlocução teórica com o pensamento do Círculo e o de Paveau (2021), sinalizando aproximações em suas reflexões acerca do fenômeno discursivo, contudo, explicitando as diferenças de tempo e espaço em que esses pesquisadores atuaram.

Na seção 4 — A filosofia da virtude discursiva de Marie-Anne Paveau e a filosofia do ato em Mikhail Bakhtin: reflexões sobre o discurso digital como ato responsável, buscou-se analisar as ideias dos pensadores Mikhail Bakhtin e Marie-Anne Paveau, em relação à questão da ética discursiva, bem como o discurso como ato responsável. Vale salientar que com o intuito de não cometer anacronismos, os contextos de produção dessas reflexões foram explanados. Bakhtin encontrava-se na Rússia Stalinista (1920), apontando o ato responsável como crítica a uma visão mecanizada da vida. Paveau, em 2013, em contrapartida, criticava as análises de discurso da França por serem logocentradas e egocentradas, além de introduzir o conceito de virtude discursiva para se pensar a moral na comunicação.

Na seção 5 — Comportamentos digitais à luz da filosofia moral do ato responsável, fundamentando-se em uma perspectiva pós-dualista, foram analisadas algumas webnotícias que abordam comportamentos digitais, enfatizando a temática da responsabilização, assim como as formas de interação nos diferentes ecossistemas *X*, *TikTok* e *Instagram* mencionadas nessas webnotícias selecionadas, evidenciam as noções de ato responsável e de não-álibi da existência levantadas por Bakhtin. Diante do caráter hipotético-dedutivo desta pesquisa, buscou-se em Muniz-Lima (2022) a orientação processual da análise, a qual é dividida em três etapas: 1) explorando a linguagem não-logocêntrica; 2) o ato responsável e 3) o não-álibi da existência. Dessa forma, a reflexão buscou evidenciar que os atos digitais não permitem álibis, pois são expressões, posicionamentos axiológicos de agentes concretamente situados, cuja responsabilidade é inerente à realidade digital.

Por fim, na seção em que constam as considerações finais, as análises do *corpus* demonstram que, de fato, há uma concepção de linguagem não-logocêntrica no Círculo, uma vez que em diversos momentos em obras de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev há afirmações de que a natureza constitutiva da linguagem não se limita à materialidade linguística, sendo, portanto, complementada com elementos de índole não linguística. A título de exemplificação, é válido retomar a epígrafe que inicia esta introdução com a citação de Bakhtin, em *Gêneros do Discurso*, pois evidencia que o enunciado é completado “[...] por uma série de elementos essenciais de índole não gramatical, **que lhe modificam a natureza pela raiz**”. (Bakhtin, 2016, p. 44, grifo nosso).

Com base nessa constatação, e compreendendo os diferentes contextos de produção das obras do Círculo e da Análise do Discurso Digital de Paveau (2021), foi possível identificar que, nos ambientes virtuais, os comportamentos digitais são passíveis de uma reflexão filosófica através da filosofia do ato responsável, proposta por Bakhtin. Mesmo que em sua época não houvesse a interação digital, como as analisadas nesta pesquisa, especificamente aquelas da *Web 2.0*, a preocupação de Bakhtin com as ações humanas e, por conseguinte, o desenvolvimento da tecnologia⁵ de sua era constituem exemplos de reflexões que contribuem para pensar, no hoje, a responsabilidade dos atos humanos nos ambientes digitais.

⁵ Em seu livro *The Cambridge Introduction to Mikhail Bakhtin*, Hirschkop (2021) aborda a questão da razão mecanizada criticada pelo autor russo, a qual se divorciou dos propósitos humanos. Hirschkop afirma que Bakhtin recorre ao desenvolvimento da tecnologia da Primeira Guerra Mundial para representar a decadência do pensamento humano. Sobre essa comparação crítica, “os termos da solução são evidentes a partir dos termos da reclamação. Era necessário restabelecer a singular unidade da vida e revitalizar o desenvolvimento, tanto na cognição quanto na tecnologia, tornando a ‘responsabilidade’ uma vez mais primordial” (Hirschkop, 2021, p. 33, tradução nossa).

2 A FILOSOFIA PÓS-DUALISTA: UMA REFLEXÃO SOBRE A INSEPARABILIDADE ENTRE HUMANO E SEU *LOCUS* DE EXISTÊNCIA

Ao longo da história, a busca pela compreensão do que define a existência humana e a sua relação com mundo, mediada pela linguagem, tem sido uma pauta a que filósofos se dedicaram a examinar com profundidade, ocasionando, nessa busca investigativa, o surgimento de diversas perspectivas sobre o tema. A título de exemplo, em seu clássico *Diálogo do Crátilo*, Platão chega à conclusão de que a linguagem — com sua natureza arbitrária — não é um meio adequado para apreender a realidade das coisas (Bagno, 2023); Descartes, segundo Marcondes (2010), interpretou a linguagem como uma expressão de pensamento, porém imperfeita, o que a torna incapaz de contribuir de forma significativa para a formação do conhecimento. Por outro lado, Heidegger (2015, p. 191) afirmou que “somos, antes de tudo, na linguagem e pela linguagem”. Nesse sentido, procurar um caminho para a linguagem é impossível, visto que já estamos no caminho que deveria nos conduzir. Wittgenstein (2014, p. 71), em *Investigações Filosóficas*, afirmou que “a filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento de nosso intelecto pelos meios de nossa linguagem”. Esses exemplos ilustram, de forma bastante resumida, diferentes tentativas de compreender a natureza da relação entre realidade, ser humano e a linguagem.

Entretanto, o final do século XIX e o início do século XX marcaram uma crise para a filosofia, conforme aponta Renfrew (2017). Com o surgimento do materialismo, a filosofia perdeu seu *status* de primeira instância de interpretação da realidade. Marx (1845/1924) argumentou que o papel da filosofia foi o de somente interpretar o mundo de várias maneiras e, portanto, fazia-se necessário, agora, transformá-lo. O resultado desse posicionamento foi o surgimento de novas ciências humanas e sociais como a sociologia, psicologia, antropologia e economia política.

Paralelo a isso, a chamada virada linguística⁶ foi outro efeito dessa crise filosófica, acarretando mudanças tanto para a própria linguística, quanto para a filosofia. A título de

⁶ Segundo Marcondes (2007; 2017), a linguagem, que nos períodos moderno (séculos XVI e XVII) e Iluminista (século XVIII) foi pouco discutida, ganha destaque nas reflexões no século XX, ao tratar de explicar a relação do humano com a realidade, uma relação de significação. Para o autor, “é significativo, portanto, que a questão sobre a natureza da linguagem, sobre como a linguagem fala do real, sobre o sentido dos signos e proposições linguísticas, emerge como um problema central na filosofia e em outras áreas do saber na passagem do séc. XIX para o séc. XX em várias correntes teóricas que, embora apresentem diferentes formas de tratamento dessa questão, compartilham o ponto de partida comum na linguagem” (Marcondes, 2007, p. 257). Para citar exemplos desse cenário, o autor lista os seguintes: 1) a filosofia analítica da linguagem, com Gottlob Frege (1879), Bertrand Russell (1903) e Ludwig Wittgenstein (1921); 2) a semiótica, com Charles Sanders Peirce (1839–1914); 3) o positivismo lógico, com Rudolph Carnap (1928 e 1934) e Moritz Schlick (1936); 4) a filosofia das formas simbólicas, com Ernst Cassirer (publicada entre os anos: 1923–29); 5) a hermenêutica, com Friedrich Schleiermacher (1768–1834) e H.G Gadamer (1960); 6) o estruturalismo, com Saussure (1916), Lévi-Strauss (1958) e o pós-estruturalismo (1970) com Louis Althusser, Jacques Lacan, Michel Foucault e Roland Barthes; 6) a antropologia linguística, com

exemplo, Wittgenstein recusou a concepção de signo representacionista⁷ apontado por Aristóteles, Santo Agostinho e Saussure, estabelecendo, com isso, uma filosofia da linguagem no sentido pragmático (Marcondes, 2017). É válido ressaltar, ainda, que a primeira parte do século XX foi marcada pela abordagem formalista da linguagem, buscando entender a língua como um sistema de regras — o Curso de Linguística Geral, de Saussure, representou o ponto mais alto da linguística formal. Todavia, nesse momento em particular, o pensador russo, Mikhail Bakhtin, teceu críticas contra esse formalismo: em literatura, porque ocorreria o risco de a linguística substituir a estética; e em linguística, por ter um caráter fundamentalmente abstrato, não vivente (Renfrew, 2017).

Sobre isso, Morson e Emerson (2008) afirmam que Bakhtin, ao criticar essas disciplinas, não tinha a única pretensão de acrescentar uma dimensão dialógica às descrições que eram feitas da linguagem. O pensador russo foi além ao objetar que “[...] embora os enunciados contenham tipicamente palavras e frases, esses tipos de entidades não exaurem as características do enunciado. Um enunciado constitui-se também de elementos que são, do ponto de vista da linguística tradicional e saussuriana, extralinguísticos” (Morson; Emerson, 2008, p. 141).

O que permite a análise dessa realidade constitutiva do enunciado é o que Bakhtin denominou de metalinguística/translinguística. Em suas palavras:

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a linguística estuda a "linguagem" propriamente dita com sua lógica específica na sua generalidade, como algo que torna possível a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isso, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias (Bakhtin, 2018a, p. 209).

Borislav Malinowsk (1923), Edward Sapir (1921) e Benjamin Lee Whorf (1897–1941) e 7) a teoria linguística, com Noam Chomsky (1957).

⁷ Aristóteles acreditava que a percepção das coisas era resultado da maneira como a mente era afetada pelo real, as "afecções da alma". Para ele, a relação entre as palavras (signos) e a realidade dependeria da mediação da mente. Contudo, cabe ressaltar que, para o filósofo, as entidades mentais são as mesmas para todos, logo, os signos linguísticos dependeriam da representação mental. Já em Santo Agostinho, além de também abordar a questão referencial do signo, o autor supõe a existência de uma dicotomia, na qual de um lado havia o mundo interior, do espírito e do outro, a necessidade de externar o que se encontra no espírito. Saussure se aproxima dessa ideia, quando o linguista apresenta duas dimensões para o signo: uma mental, pois expressa ideias, e outra social, pois o signo é usado em sociedade (Marcondes, 2017).

É essa perspectiva sobre o elemento extralinguístico não como um simples contexto ou pano de fundo para a cena discursiva, mas como um constituinte intrínseco do próprio discurso, que aproxima o pensamento de Bakhtin com que, futuramente, vem a ser uma concepção pós-dualista⁸ da linguagem. Essa abordagem empreende interação e a natureza dinâmica da língua como um fenômeno vivo e concreto, constituído pelas relações sociais e ambientais — linguísticas e não linguísticas — além de ser uma concepção profundamente enraizada em um viés filosófico.

Conforme apontado por Silva (2017), Bakhtin pode ser interpretado como um filósofo da linguagem e, por estar familiarizado com o pensamento de outros filósofos, como o Martin Buber, por exemplo, cujas ideias servem de pressupostos para a sua compreensão de dialogismo, o autor russo:

[...] se apropria heterogeneamente do conceito buberiano de existência, que é o fundamento da relação dialógica. Tal relação se manifesta pela palavra proferida entre Eu-Tu e Eu-Tu Eterno, numa relação ontológica em que a palavra proferida é revelação e concretude, aqui não há espaço para o conceito abstrato de palavra [...] Entre o “Eu” e o “Outro” há a tomada de decisão, que exige responsabilidade frente às possibilidades apresentadas pelo mundo da vida, da cultura, da história, porque o indivíduo é participante do evento/eventicidade real (Silva, 2017, p. 219–220).

Diante do exposto, é importante ressaltar como Bakhtin compreende a unidade mínima da comunicação dialógica, o discurso. Para o russo, o enunciado assume essa posição mínima. Contudo, com o propósito de sanar dúvidas, é preciso ir à língua russa e entender a diferenciação semântica entre palavra/enunciado/enunciação e discurso para Bakhtin e o Círculo. Tendo isso em vista, segue um quadro especificando cada significado, segundo os tradutores das obras do Círculo, Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo e Paulo Bezerra. Esses autores criaram glossários para as seguintes obras do Círculo: Paulo Bezerra, em *“Teoria do romance I: A*

⁸ Marcondes (2007) afirma ser a filosofia contemporânea resultante da crise do pensamento moderno do século XIX. Para o autor, o projeto moderno buscou fundamentar o conhecimento e as teorias científicas através da análise da subjetividade — o indivíduo considerado como sujeito pensante. No século XIX, esse projeto entra em crise com as críticas de Hegel, o qual afirma ser necessário levar em consideração o processo histórico como constituinte da consciência e Marx, ao questionar os pressupostos idealistas. Em se tratando do século XX, segundo Marcondes (2007), novas descobertas científicas são revolucionárias, provocando uma nova forma de se pensar o humano. Dois pontos são destacados pelo autor: 1) revolução da informática e a inteligência artificial, que fazem surgir questionamentos acerca do privilégio humano no que diz respeito ao pensamento, isto é, a possibilidade de se criar máquinas pensantes e 2) a revolução biológica, que vai possibilitar a manipulação genética. Diante disso, Marcondes (2007) divide em dois grupos o pensamento de filósofos no período contemporâneo: 1) os herdeiros da tradição moderna (até mesmo a clássica, segundo o autor), embora de forma crítica, como a fenomenologia, o existencialismo, a filosofia analítica, o positivismo lógico e a teoria crítica da Escola de Frankfurt e 2) aqueles que pretendem romper com a tradição, apresentando uma nova forma de pensar — Heidegger, Wittgenstein e pensadores denominados pós-estruturalistas e pós-modernos.

estilística (2015)”; Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, em “*Marxismo e filosofia da linguagem* (2017)”.

Quadro 1 — Tradução da palavra russa *viskázivanie* (enunciado)

Bezerra (2015)	Grillo e Américo (2017)
<p>Enunciado: no original, <i>высказывание</i> (<i>viskázivanie</i>). Quando se trata do ato de fala ou produção do discurso, pode-se traduzir o termo como enunciação; mas isto fica por conta da interpretação do tradutor, pois Bakhtin nunca faz nenhuma distinção entre o produto do discurso e o ato de sua produção. Ainda assim, chama o romance de “um enunciado” (p. 246).</p>	<p>Enunciado (<i>viskázivanie</i>, pp. 107–9, 132–7, 184–6, 193–7) — é um elo na cadeia da comunicação discursiva e um elemento indissociável das diversas esferas ideológicas (literária, científica etc.). O enunciado sempre responde a algo e orienta-se para uma resposta. A análise do enunciado não pode ser feita dentro dos limites da linguística do sistema: aquela tendência de pensamento linguístico que, por meio de uma abstração, isola a forma linguística do enunciado (“objetivismo abstrato”). “Discurso verbal” (<i>rietchevóie vistupliénie</i>, pp. 111, 194) e “ato discursivo” (<i>retchievói akt</i>, p. 200) são empregados como sinônimos de enunciado (p. 357–358).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das referências supracitadas

Apesar de enunciado e enunciação não terem uma distinção para Bakhtin, segundo Bezerra (2015), e de que, segundo Grillo e Américo (2017), enunciado pode ser empregado, em alguns casos, em *Marxismo e Filosofia da linguagem*, também como sinônimo de discurso verbal ou ato discursivo, a questão se complexifica quando analisada a palavra discurso, que em russo é *slovo*, podendo ser utilizada, também, para significar palavra.

Quadro 2 — A palavra russa *slovo*

Bezerra (2015)	Grillo e Américo (2017)

<p>Discurso: no original, <i>слово</i> (<i>slovo</i>), que também significa "palavra". Minha preferência por discurso leva em conta a maior abrangência e maior propriedade do termo em se tratando de Teoria da Literatura. Troquei ideias a respeito com Serguei Botcharov, um dos mais importantes bakhtinólogos russos e organizador da edição definitiva da obra completa de Bakhtin, que concordou com o emprego de "discurso" em vez de "palavra". Ao tratar das modalidades de discurso que sedimentam a formação ideológica do homem, Bakhtin define duas formas basilares: o discurso autoritário e o discurso de autoridade (p. 244).</p>	<p>Palavra (<i>slovo</i>, pp. 91–2, 98–102, 106–8, 135–7) — tem um significado amplo, que compreende desde a unidade lexical até a "linguagem verbal em uso" ou o enunciado e o discurso. A palavra como sinônimo de enunciado é desenvolvida no último parágrafo do livro, onde o autor utiliza o termo composto "palavra-enunciado" (<i>slovo-viskázivanie</i>). A palavra é uma ponte entre o falante e o interlocutor, pertencente a ambos. No livro, o conceito de palavra engloba a linguagem verbal, presente em todas as esferas da criação ideológica e na ideologia do cotidiano. A palavra acompanha todo ato de compreensão e de interpretação. Na tradução brasileira de Problemas da poética de Dostoiévski (Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008), Paulo Bezerra traduziu o título do último capítulo, "<i>Slovo u Dostoiévskogo</i>", como "O discurso em Dostoiévski", compreendendo que se trata não apenas da unidade lexical, mas também da expressão verbal em geral (p. 364–365).</p>
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das referências supracitadas

Em síntese, tanto enunciado (*viskázivanie*) quanto discurso (*slovo*) representam a unidade da comunicação discursiva, não se limitando à estrutura linguística, como faz a linguística estruturalista. Mesmo assim, ao analisar os glossários de Bezerra e de Grillo e Américo, pode-se perceber que há ainda outro vocábulo em russo utilizado para caracterizar discurso, a palavra *rietch*, cujos possíveis significados são: discurso, fala ou linguagem.

Bezerra (2015) traduz *rietch* para falar dos conceitos de: discurso autoritário (*avtoritárnaia rietch*) e discurso de autoridade (*avtoritétnaia rietch*). De forma semelhante, Grillo e Américo (2017) traduzem o termo para: discurso alheio (*tchujáia rietch*), discurso direto (*priamáia rietch*), discurso direto preparado (*podgotóvlennaia priamáia rietch*), discurso indireto (*kósvennaia rietch*), discurso indireto livre (*nessóbstvnaia priamáia rietch*), discurso interior (*vnútrenniaia rietch*) e discurso verbal (*rietchevóie vistupliénie*).

Assim, pode-se chegar à conclusão de que *viskázivanie*, *slovo* e *rietch* são utilizados em obras do Círculo para evidenciar a comunicação discursiva, refletindo sobre sua produção, como se manifesta e a interpretação na interação. Sobre esse último ponto, que trata da interação discursiva, Grillo e Américo (2017) sinalizam como o Círculo se utiliza de uma gama de sinônimos para representar a mesma realidade. Segundo as autoras, os termos que Volóchinov

usa em Marxismo e filosofia da linguagem: comunicação social, interação social, comunicação ideológica, comunicação discursiva, intercâmbio verbal e comunicação verboideológica são usados para falar do conceito de interação discursiva, contudo, compreendo duas realidades. A primeira diz respeito ao fato de que a consciência só ganha existência encarnando-se em signos ideológicos, formados no processo de interação comunicativa. Já a segunda, de que a interação discursiva é “[...] o acontecimento social que ocorre por meio de um ou de vários enunciados, sendo o diálogo sua forma mais importante, apesar de não ser a única. É por meio da interação discursiva que a língua toma forma e está em constante transformação” (Grillo; Américo, 2017, p. 361).

Portanto, a conclusão a que se pode chegar é a de que a forma como o Círculo concebe a linguagem, além de ter um viés filosófico, concebe o enunciado, através da metalinguística/translinguística de Bakhtin, indo além da perspectiva tradicional, que abstrai a língua de sua vivência real e concreta, focando unicamente no sistema linguístico. É por considerar a interdependência intrínseca entre os elementos linguísticos e não linguísticos que a metalinguística de Bakhtin faz o analista entender a linguagem não como entidade isolada, mas intrinsecamente relacionada com as esferas social, cultural e histórica.

Cada filósofo anteriormente citado estava inserido em um contexto histórico específico, o que reflete a influência social em suas indagações e perspectivas. Na atualidade, em conformidade com os avanços sócio-históricos, as discussões em torno da linguagem são transpassadas pelo surgimento e desenvolvimento da tecnologia, no intuito de compreender seus impactos na interação e comunicação humanas. Diante dessa constatação, ao refletir sobre o local da linguagem em ambientes digitais, Paveau (2020, 2021), sinalizando para uma mudança paradigmática nos estudos linguísticos, caracteriza suas investigações como pós-dualista, na tentativa de conciliar o tecnológico, o linguístico e o ambiente em que esses elementos se encontram como parceiros da interação discursiva e da construção comunicativa, e não mais como entidades separadas.

Semelhante a Bakhtin, que cria a metalinguística/translinguística para dar conta dos aspectos não linguísticos como constitutivos do enunciado, Paveau (2021) cria conceitos com o prefixo *tecno-*, tais como tecnodiscurso, tecnopalavra, tecnolinguagem, entre outros para evidenciar a indissociabilidade entre o linguístico e o tecnológico. A autora considera, nesse contexto, que a produção dos discursos nativos da *Web*, dos tecnodiscursos, não se reduz à sua dimensão técnica, como um simples suporte, mas a reconhece como constitutiva da própria produção tecnolinguageira.

Dessa forma, em seu livro *Análise do discurso digital*, Paveau (2021) estabelece seis

características que formam o tecnodiscurso no intuito de explicitar as suas diferenças constitutivas em relação aos discursos pré-digitais. Cabe ressaltar, primeiramente, que na visão pós-dualista de Paveau a noção de ambiente assume um papel significativo na sua teoria do discurso digital, pois,

[...] supõe sair de uma concepção egocentrada e logocentrada dos discursos (na qual a produção dos enunciados está a cargo dos locutores e o trabalho dos linguistas está centrado na matéria linguageira de suas produções) para adotar uma abordagem simétrica distribuída (os agentes produtores dos enunciados estão distribuídos no conjunto do ambiente) (Paveau, 2021, p. 49).

Com essa noção de ambiente, Paveau apresenta uma alternativa para as noções de contexto, condições de produção ou exterioridade discursiva, as quais se centram nas questões sociais, históricas e políticas. Assim, as seis características a seguir ilustram o modo como os tecnodiscursos são produzidos no ambiente digital:

1. A composição: a materialidade do discurso *online* é composta através da combinação entre o linguístico e o tecnológico, como no caso de *hashtags*. Além disso, possui um hibridismo semiótico, ou seja, sons, imagens fixas ou animadas etc. em uma união harmônica que, com os recursos técnicos, possibilitam a interação e a comunicação digital.
2. A deslinearização: o uso de *links* que dão acesso a outras partes do texto digital ou levam para outras páginas de acesso, fazendo parte da composição do tecnodiscurso. Isso significa que o discurso pode ser construído de forma que pode ser continuado ou complementado em outros ambientes digitais, através de linkagens.
3. A ampliação: a escrita digital pode ser colaborativa, uma vez que diferentes formas de interação nos ambientes digitais podem enriquecê-la, estendê-la. Um exemplo que ilustra isso é a adição de comentários e os compartilhamentos que ampliam o discurso original. Assim sendo, a questão da autoria (do enunciador) recebe uma resignificação — o enunciador ampliado, que diz respeito ao fato de diferentes pessoas adicionarem comentários ao discurso primário ou compartilharem-no, ampliando, dessa forma, quem fala. Por outro lado, o enunciador coletivo acontece quando diferentes pessoas colaboram (ao mesmo tempo) na criação de um texto digital através de ferramentas de escrita colaborativa.
4. A relacionalidade: os discursos digitais não são isolados. Estão relacionados a outros discursos, como no caso de *links*, devido à natureza da internet, que formam uma rede

informativa. Relacionam-se, também, com os aparelhos, pois são moldados em conjunto com a máquina, como os computadores e aparelhos móveis que auxiliam na transmissão e criação de discursos. Por fim, relacionam-se com os escritores e leitores (escreitores⁹), os quais interagem por meio das interfaces digitais.

5. A investigabilidade: o ambiente de criação discursiva digital registra e armazena as informações de modo que os discursos podem ser pesquisados e recuperados para serem citados novamente. O que explica essa investigação dos discursos são os metadados, que são informações a respeito do discurso. No âmbito pré-digital, os metadados eram exteriores ao discurso, já no cenário digital, os metadados estão inseridos no próprio código discursivo. A título de exemplo, a data de *post* em uma rede social, as *hashtags* utilizadas, o número de curtidas e compartilhamentos, se a postagem contém *links*, etc. ilustram metadados que estão integrados ao discurso digital e o ambiente em que se encontram, facilitando sua investigação.
6. A imprevisibilidade: como os discursos digitais também são criados parcialmente por programas e algoritmos, isso faz com que se tornem imprevisíveis para os seres humanos, de duas maneiras — forma imprevisível, que diz respeito ao fato de que quando um discurso passa de um ambiente pré-digital para outro digital, sua forma pode se adaptar, sofrendo alterações. Um exemplo seria ao se pôr um texto (copiado e colado) em uma mídia digital, na qual o programa altera automaticamente a fonte, o estilo e o tamanho do texto, etc. E quanto ao conteúdo imprevisível, alguns programas e ferramentas podem reunir e organizar discursos que antes se encontravam dispersos, isso porque o algoritmo reúne informações de várias postagens e cria um novo conteúdo, como exemplo, tem-se o *ChatGPT*.

Essas seis características constitutivas dos tecnodiscursos, portanto, servem para evidenciar a natureza complexa e interconectada da interação e comunicação digital, pois transcende os limites tradicionais da abordagem linguística. Além de apontar o papel da tecnologia na criação de discursos, essas seis características refletem a dinâmica colaborativa da constituição discursiva, pois os ambientes não apenas registram informações, mas também moldam sua forma estrutural, caracterizando, assim, uma abordagem pós-dualista e não-logocêntrica da comunicação.

Faz-se necessário, diante do exposto, compreender que o prefixo pós (como em pós-dualismo) indica uma mudança paradigmática, ou seja, uma superação e transição do que antes

⁹ O termo *escreitor*, utilizado por Paveau (2021), diz respeito ao fato de, na escrita digital, o leitor ter condições de também ser autor do texto.

era considerado como forma estabelecida de compreensão dos fenômenos humanos: o dualismo.

2.1 BREVE INTRODUÇÃO SOBRE O DUALISMO

O dualismo é um conceito presente nas reflexões tanto do âmbito religioso quanto filosófico. Quando a religião suméria surgiu da pré-história, uma teoria dualista do universo começou a ser desenvolvida, persistindo durante toda a sua literatura: o mundo natural dos homens e o mundo sobrenatural dos deuses¹⁰. Assim, “[...] como praticamente todas as outras religiões que surgiram, a existência estava dividida em uma parte corpórea transitória e uma parte espiritual mais ou menos permanente” (Uttal, 2004, p. 94, tradução nossa). Na filosofia, por outro lado, “o enigma da mente surgindo da matéria foi debatido de maneira explícita como uma questão conceitual, pelo menos, há 2.500 anos, durante o período grego clássico” (Uttal, 2004, p. 200, tradução nossa) — Platão e Anaxágoras são exemplos ilustrativos desse momento.

Diante desse contexto, pode-se afirmar que, em se tratando de uma definição, o dualismo faz referência à coexistência de duas realidades: uma espiritual e uma material, o corpo e a alma, entre outras, propondo um segundo tipo de experiência fora do corpo e uma outra sobrenatural. Dessa forma, possibilitando dois modos de compreensão da existência, os quais revelam a complexidade em apreender as especificidades constitutivas da realidade e vivência humanas.

Partindo da perspectiva religiosa, Uttal (2004) destaca o dualismo como elemento primordial e definidor de todas as religiões, sendo seus dogmas, rituais e crenças fundamentalmente baseados na existência de duas realidades distintas, como ressaltado anteriormente: em uma encontra-se o corpo físico (não duradouro) e os aspectos materiais do mundo; na outra, estão presentes os aspectos mentais duradouros, além da alma e do espírito, que são imortais.

Contudo, isso não significa que todo dualismo seja religioso, tampouco quer dizer que o dualismo religioso esteja extinto. A título de exemplificação, Plotino (205 a.C. – 270 a.C.) foi um filósofo egípcio helenizado que propôs um dualismo neoplatônico, o qual não apresentava

¹⁰ “Na época dos sumérios, a religião havia se desenvolvido para um nível altamente sofisticado que desafia qualquer tentativa de descrever sua perspectiva como a primeira de qualquer coisa ou mesmo qualitativamente diferente das crenças de seus predecessores. Durante as civilizações sumérias e suas precursoras, muitos estágios importantes na evolução das ideias religiosas já haviam ocorrido; o que havia sido considerado "primitivo" agora estava altamente desenvolvido, ideias antigas haviam sido elaboradas e novas ideias haviam sido introduzidas. De onde cada conceito surgiu é virtualmente impossível de determinar” (Uttal, 2004, p. 92–93, tradução nossa).

referências religiosas, além de ter sido fortemente influenciado por Platão e Anaxágoras. Mesmo assim, Uttal (2004) certifica que essa abordagem não durou e só retornou 2.000 anos depois. Portanto, “praticamente toda a filosofia que chegou até nós desde a Grécia pós-clássica até o Iluminismo (a Era da Razão) dos séculos XVII e XVIII foi escrita a partir do ponto de vista teológico, em contraste com os dualistas filosóficos ou seculares” (Uttal, 2004, p. 201, tradução nossa).

É possível afirmar, portanto, que foi na época do Renascimento que surgiu uma forma de pensamento, não teológico, ligado a um novo tipo de dualismo, ou como ficou conhecido, o interacionismo de René Descartes. Para o filósofo, a mente e o corpo representavam entidades separadas, mas que interagem, causando influência um no outro. Mesmo recebendo críticas, esse empreendimento de Descartes em refletir sobre o problema mente-corpo distanciado de questões sobrenaturais foi marco importante para uma interpretação dualista não teológica (Uttal, 2004).

O impacto desse dualismo cartesiano refletido no pensamento linguístico foi notório, pois,

Mesmo sem ter dedicado nenhum texto especificamente à questão da linguagem, Descartes influenciou em sua época o desenvolvimento de uma “lógica do pensamento”, tal como encontrada na escola de Port-Royal [...], e contemporaneamente sua discussão sobre a relação entre linguagem e mente influenciou as teorias de Noam Chomsky, autor de uma obra intitulada *Linguística cartesiana (Cartesian Linguistics)*, publicada em 1966. Para Descartes [...] a linguagem é apenas a expressão do pensamento, e mesmo assim uma expressão imperfeita, sem nenhum papel portanto na formação do conhecimento — motivo pelo qual Descartes rejeita inclusive a proposta de uma linguagem universal para a ciência (Marcondes, 2010, p. 41–42).

Apesar da relevância que Descartes teve para o pensamento filosófico, críticas ao foco na razão como independente do corpo surgem, como sinalizadas no livro *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought* de George Lakoff e Mark Johnson. Para os autores, a razão, vista como independente da percepção corpórea na tradição ocidental, foi perpetuada como o que caracteriza a espécie humana como humana e distinguível do reino animal. Contrários a essa perspectiva, Lakoff e Johnson (1999) afirmam que as evidências da ciência cognitiva mostram como errada essa forma separatista de entender a relação mente-corpo. As evidências sugerem que a razão usa e se desenvolve a partir das capacidades corporais, ou melhor, “[...] nossos corpos, cérebros, e interações com nossos ambientes fornecem a base principalmente inconsciente para nossa metafísica cotidiana, ou seja, nosso senso do que é real” (Lakoff; Johnson, 1999, p. 17).

Diante dessa breve contextualização sobre noções de dualismo, é possível perceber a forte relação com o pensamento teológico, ao evidenciar a existência de dois mundos (material x espiritual) e de duas formas de percepção da realidade. Concomitante a isso, filósofos se propuseram a compactuar com uma visão dualista do mundo, mas de forma distanciada das preocupações religiosas, como no caso de Descartes, o qual, no seu fazer filosófico, proporcionou indagações a respeito da linguagem, entendida como sinal da razão. Todavia, as críticas a essa visão dualista da realidade começaram a questionar os alicerces dessa separação mente-mundo e uma nova maneira de apreender a realidade, agora de forma mais integrativa, começa a se desenvolver — o que futuramente recebe o nome de pós-dualista.

2.2 O PÓS-DUALISMO COMO CONDIÇÃO PÓS-HUMANA

“A ideia do humano, a ideia de técnica e a concepção de natureza, entendidas como realidade externa, produzidas ao longo dos últimos milênios e divulgadas e espalhadas pelo mundo inteiro, não são mais adequadas para compreender o mundo que habitamos” (Di Felice, 2020, p. 15).

As palavras de Di Felice (2020), presentes na introdução do seu livro *A Cidadania Digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais*, revelam a preocupação em assegurar que não há mais espaço para o pensamento que separa o homem do seu *locus* de existência, o que, por sua vez, pode levar à conclusão de que a linguagem desse ser também não está separada do ambiente em ele que vive. Essa forma de pensar está associada àquilo que começou a ser categorizado como pós-humanismo: uma forma crítica de superar as ideias do humanismo, que começou a surgir após o renascimento. O autor afirma de forma contundente que “[...] a ideia ocidental de humano, entendido como o sujeito independente e livre, foi um mito e uma narrativa imperfeita” (Di Felice, 2020, p. 11).

O termo pós-humanismo é um conceito que surgiu do campo da crítica literária, evoluindo para uma espécie de filosofia preocupada em redefinir o que o é o ser humano. Nessa perspectiva, a diferença, a alteridade é concebida como constitutiva da natureza humana, pois,

O pós-humano desestabiliza os limites e fronteiras simbólicas impostas pela noção de humano. Dualismos como humano/animal, humano/máquina e, de forma mais geral, humano/não-humano são reinvestigados por meio de uma percepção que não opera em esquemas de oposição (Ferrando, 2019, p. 5).

Contudo, segundo Ferrando (2019), é importante lembrar que antes do pós-humanismo surgir, houve a chamada pós-modernidade, a qual, de forma abrangente, desafiou as suposições filosóficas e culturais mais tradicionais, como a noção de natureza e realidade ou conhecimento e verdade. Por fim, diferente dessas duas visões, é o transhumanismo, que busca o aprimoramento das habilidades humanas através da tecnologia. Sua origem, para Ferrando (2019), data da era do Iluminismo, promovendo uma transformação radical da condição humana com a tecnologia.

Em resumo, aqueles que seguem as diretrizes de uma pós-modernidade, estão abertos a questionar o que entendem sobre o mundo, no sentido de explorar novas formas de pensar sobre ele e entender que nada é fixo permanentemente, nem mesmo conceitos e verdades, pois tudo está fadado a mudanças. Aqueles que se propõem a adotar uma noção mais pós-humanista começam a olhar o que é o ser humano e entendem que sua definição ultrapassa a visão simplista de apenas seres comuns e adotam a certeza de que a espécie humana evolui e se transforma de diferentes maneiras: fisicamente, mentalmente e, até mesmo, com a tecnologia.

De modo a ampliar o conhecimento sobre essa forma de pensar o ser humano, é possível encontrar em autores como Vigotski contribuições para se entender como se dá a constituição do pensamento num mundo caracterizado por um pós-dualismo. Ao analisar o pensamento e sua relação com a linguagem, Vigotski (2009) constata que o pensamento não acontece de forma fragmentada, mas de forma integral, isto é, o pensamento não surge na mente de forma gradual, ele se apresenta como um todo — diferentemente da linguagem que se desenvolve por unidades isoladas, sendo impossível, portanto, a passagem do pensamento para a palavra de forma direta.

Se desejo comunicar o pensamento de que hoje vi um menino descalço, de camisa azul, correndo rua abaixo, não vejo cada aspecto isoladamente: o menino, a camisa, a cor azul, a sua corrida, a ausência de calçados. Vejo tudo isso em um só ato de pensamento, mas o explico em palavras separadas (Vigotski, 2009, p. 477–478).

Dessa forma, o autor afirma que o que acontece simultaneamente no pensamento, na linguagem acontece de forma sucessiva. Essa reflexão em torno da dinâmica do pensamento pode contribuir para a compreensão de como a linguagem digital acontece. Tendo em vista que o entendimento sobre a comunicação em ambientes virtuais está pautado em uma interpretação pós-dualista da vida, que, no caso de comunicação digital, não enxerga uma separação entre humano e tecnologia, a afirmação de Vigotski (2009) de que o que acontece no pensamento procede de forma simultânea se aproxima do que Santaella (2021) diz ser a linguagem digital,

a qual, segundo a pesquisadora, chegou ao ponto de mimetizar a dinâmica do pensamento humano.

Infelizmente, a persistência do pensamento sequencial linear ainda nos impede de perceber que a realidade tal como nos aparece tem uma estrutura hipermídia. **Todos os nossos sentidos agem simultaneamente**, com mais ou menos foco em um ou em outro, no nosso estar no mundo e em nossas reações em relação ao entorno e ao outro. **Nosso pensamento igualmente nada tem de linear, mas constitui-se de um sistema dinâmico de ideias entrelaçadas**, ideias que seria melhor chamar pelo nome de imagens, lembranças, palavras, reações, sensações, sentimentos, emoções, enfim, tudo ao mesmo tempo [...] **os avanços nas tecnologias de linguagem chegaram ao ponto de poder mimetizar a própria dinâmica multimodal e intersemiótica dos nossos próprios pensamentos** (Santaella, 2021, p. 47, grifos nossos).

Contudo, é importante esclarecer que, para um entendimento acertado do pensamento de Vigotski sobre a impossibilidade da passagem do pensamento para a palavra de forma direta, a intenção desse teórico não foi pontuar que pensamento e linguagem são duas instâncias separadas, independentes. Se assim o fossem, isso impossibilitaria entender o pensamento discursivo, uma vez que ao decompor esses dois processos de forma separada, seria falha a explicação sobre as propriedades discursivas, porque não permitiriam compreender como esses processos, linguagem e pensamento se relacionam e colaboram para criar o pensamento verbalizado (discursivo).

Diante disso, o autor chega à conclusão de que o que medeia essa passagem de pensamento para palavra é a significação, que por sua vez não é fenômeno estático, como se seu desenvolvimento parasse ao atingir o significado em uma palavra, mas “[...] no processo do desenvolvimento histórico da língua, modificam-se a estrutura semântica dos significados das palavras e a natureza psicológica desses significados [...]” (Vigotski, 2009, p. 400).

Assim sendo, da mesma forma que Vigotski (2009) destacou a importância da significação como o elo entre pensamento e palavra, nos mais variados ambientes de interação digital, a significação possui semelhante importância, principalmente pelo fato de que a dinâmica digital permite a comunicação hipermidiática, como sinaliza Santaella (2021). Logo, a significação se torna complexa na esfera digital, pois palavras, símbolos e outras semioses estão em constante evolução, de forma acelerada, devido à temporalidade digital.

De forma complementar, Paveau (2021) traz contribuições para se refletir sobre a atividade mental. A autora enxerga essa atividade cognitiva no contexto da cognição situada (cognição social). Para ela, “[...] os processos cognitivos são descritos como ‘distribuídos’ entre os agentes e seus ambientes, compreendendo este ao mesmo tempo os objetos e artefatos, mas

também as estruturas sociais no sentido amplo” (Paveau, 2021, p. 50). Assim o ambiente deixa de ser um simples pano de fundo para a cognição, de modo que o interno e o externo estão unidos em continuidade, sem se opor.

De maneira semelhante, Santaella (2022) diz:

[...] “as relações entre as mídias (artefatos/ferramentas/tecnologias) e a cognição humana são íntimas e complexas”, além de recíprocas e simbióticas em vez de unidirecionais. Essas relações evoluem de modo contínuo e multifacetado, impactando uma à outra tanto na escala micro quanto na macro, com efeitos a curto e longo prazos. Desde os primeiros artefatos, ferramentas e tecnologias para propósitos cotidianos, que cumpriam as funções de suplemento e extensão das capacidades cognitivas então reduzidas, as complexas tecnologias foram se expandindo (o ábaco, o rolo de papiro, o lápis e papel, o códice, Gutenberg, a máquina de escrever, o computador...) até alcançarmos hoje uma pletera de mídias digitais e recursos responsáveis por um número crescente de atividades, tarefas e processos que apresentam uma inegável natureza cognitiva (Santaella, 2022, p. 224–225).

Portanto, na tentativa de aproximar o pensamento de Paveau (2021) e Santaella (2022) com o de Vigotski (2009), pode-se afirmar que a mediação proposta por Vigotski e a cognição situada defendida por Paveau vão compreender, de forma semelhante, que a cognição não aconteceu somente de forma interna na mente, o que pode ser complementado com o que Santaella afirma sobre a complexidade das relações entre mídias/artefatos e cognição. No contexto digital, diante do exposto, pode-se chegar à conclusão de que a tecnologia digital e a mente se influenciam de forma mútua, ou seja, essa influência bidirecional não só molda, mas é, ela mesma, moldada pela cognição.

Essas perspectivas iluminam as discussões em torno das transformações que as tecnologias digitais trazem para um mundo contemporâneo, através de uma visão pós-dualista, o que faz retomar a questão anterior sobre o pós-humanismo, que busca desafiar os limites da perspectiva dualista tradicional e o transhumanismo, que preza pelo aprimoramento das habilidades humanas através da tecnologia. Esse último ponto diz respeito a um grupo de pessoas otimistas em relação à ciência e tecnologia, uma vez que entendem o virtual, a tecnologia como aprimoramento da natureza humana.

De forma complementar, Santaella (2022) levanta um estudo histórico sobre essas questões sociais. Para a autora, as raízes das sociedades modernas se encontram no Iluminismo, o qual está associado ao advento da industrialização, que, por sua vez, proporciona valores relacionados ao poder econômico e político. Embora seja em 1960, de acordo com a autora, que surgem novos paradigmas na ciência e novas discussões a respeito de uma pós-modernidade, é,

em 1980 que o prefixo *pós* ganha destaque: Lyotard (1979) publica *A condição pós-moderna*, mostrando que na era moderna a busca por legitimação de ideias acontecia através de narrativas históricas sobre o conhecimento da cultura e do conhecimento. Para Lyotard (1979), conforme Santaella (2007), essa forma de legitimação perde forças (marcando o fim da modernidade), uma vez que a ciência e o conhecimento não buscam mais o consenso ou o pensamento unificador, mas, sim, novos laços sociais que desafiam a estrutura científica anterior, ou seja, visavam à instabilidade. O autor, em suas reflexões, colocou a linguagem em análise, pois, para ele, ela era vista como uma espécie de jogo, no qual falar era fazer parte desse jogo, criando novos laços sociais.

Em seguida, Habermas (1983), não focando na linguagem, mas em questões de autoridade e consenso, publica *A modernidade — um projeto inacabado*, o que resulta na proliferação de livros e discussões a respeito do tema.

Diante desse contexto, para entender como a realidade atual das redes sociais, inteligências artificiais e tecnologias percebem a relação humano/linguagem e máquina na condição pós-humana, faz-se necessário entender como a simbiose entre essas duas dimensões começou a ser refletida.

Em 1980, de acordo com Santaella (2007), quando a internet estava surgindo, um tipo de ficção encabeçada por jovens escritores também começou a surgir, era a cultura *cyberpunk*. Esse termo passou a ser usado para representar uma espécie de biologização da tecnologia, isto é, tecnologias da comunicação, como computadores e inteligências artificiais, passam a ser vistos como componentes fundamentais da biosfera, além de ver o corpo humano não como uma totalidade homogênea, mas flexível e permeável. Nesse sentido, o pós-humano via a natureza como virtualidade, ocasionando o surgimento da noção de ser humano com um ser híbrido, ampliado pela tecnologia.

Diferente de visões sensacionalistas e ilusionistas que enxergam o fim da humanidade, em razão do desenvolvimento da tecnologia, Santaella (2007) assume uma posição mais racional, a qual entende que a virtualidade já estava presente na natureza humana muito antes do surgimento de tecnologias, simbolizando um prolongamento de capacidades humanas.

A internet já estava inscrita em nossa constituição simbólica no momento em que o ser humano se tornou bípede, a testa se ergueu, o neocórtex se desenvolveu, dando-se a emergência desse acontecimento único na biosfera, até hoje tão inexplicável quanto a própria vida: a fala humana. Falamos porque o aparelho fonador se organizou através do empréstimo de uma série de órgãos que servem a outras funções que não a da fala. Por isso, a fala já é uma espécie de tecnologia, já é artificial. Depois da fala, vieram as escritas e todas as máquinas para a produção técnica de imagens, sons, audiovisuais e,

atualmente, da hipermídia, junto com os avanços das simulações computacionais na realidade virtual, robótica e vida artificial (Santaella, 2007, p. 49–50).

A linguagem, nesse ínterim, acompanha essa mudança de se pensar o mundo e o humano. Para Paveau (2020), por considerar que não existe mais o ser transcendental à natureza, a identidade desse sujeito passa a ser concebida de forma naturalizada, isto é, a espécie humana não é apenas uma espécie que possui características biológicas, mas é, em si, biológica, conectada e constituída pelo ambiente em que está inserida (o tecnológico, inclusive). Logo, sua produção linguística (produção de discursos) “[...] não será mais uma prerrogativa do ser humano, que possui um status excepcional e superior na natureza, mas será a manifestação de seu comportamento de estar vivo em seus ambientes, assim como os outros” (Paveau, 2020, p. 18).

Para chegar a essa conclusão, Paveau (2020) afirma ser o externalismo, em sentido amplo, o princípio de tudo. Desde o início do século XX, é possível ver que para alguns antropólogos, filósofos e linguistas o contexto se torna essencial para a compreensão da linguagem, caso de Bakhtin, Volóchinov, Vigotski, Wittgenstein, entre outros. Enquanto o internalismo sinalizava que o conteúdo surge das relações internas do ser, o externalismo acrescenta as relações entre os seres e o ambiente em que se encontram nesse processo. O nome para essa nova relação é a hipótese da mente estendida, segundo Paveau (2020). Dessa forma, a atividade de linguagem é tida não mais como um processo interno, mas em uma visão ecológica, que permite descrevê-la no ambiente em que se encontra.

Sobre essa afirmação de que o centro organizador da linguagem não se encontra de maneira interna ao ser, é possível encontrar no Círculo russo, particularmente em Volóchinov (2017), uma abordagem parecida:

A vivência expressa e a sua objetivação exterior são criadas, como sabemos, a partir do mesmo material. Com efeito, não há vivência fora da encarnação sónica. Portanto, **desde o início, não pode haver nenhuma diferença qualitativa entre o interior e o exterior. Mais do que isso, o centro organizador e formador não se encontra dentro (isto é, no material dos signos interiores), e sim no exterior.** Não é a vivência que organiza a expressão, mas, ao contrário, a expressão organiza a vivência, dando-lhe sua primeira forma e definindo a sua direção (Volóchinov, 2017, p. 204, grifos nossos).

Como é possível notar, não existe construção languageira fora do ambiente social em que ela se encontra, pois é na interação discursiva que a linguagem se fundamenta. Ao refletir sobre a palavra na vida, Volóchinov (2019, p. 117, grifo nosso) chega à conclusão de que “ela

surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com ela. Mais do que isso, **a palavra é completada diretamente pela própria vida** e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido”.

Portanto, o pensamento pós-dualista proporciona uma reflexão crítica a respeito da concepção tradicional que definia o ser humano como transcendente, distanciado da natureza e sua linguagem como interna, exclusivamente racional, no sentido cartesiano. Agora, o ser humano, entendido como alguém que possui uma relação íntima com o local de sua existência, incluindo os ambientes tecnológicos, constitui-se na relação com os outros seres e com os ambientes em que está inserido.

Tendo em vista que a linguagem, nessa relação, se constrói não tendo o externo como um simples contexto, mas apontando o extralinguístico como coprodutor da linguagem, Paveau (2021), como ressaltado anteriormente, aponta a noção de ambiente para melhor caracterizar essa maneira pós-dualista de concepção da comunicação discursiva. Com essa noção, a autora apresenta uma alternativa às noções de contexto, condições de produção ou exteriores do discurso que distinguem o contexto como separado do discurso.

A título de exemplificação, Paveau (2020) apresenta a Análise do Discurso praticada na França, que há cerca de 50 anos era baseada em uma abordagem dualista, pois compreendia o contexto como exterior ao discurso. Em contrapartida, Volóchinov ([1930] 2019, p. 283) já afirmava ser o ambiente o gerador imediato do enunciado, assim como, também, todas “[...] as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva”.

Diante disso, o que se evidencia com a noção de ambiente em Paveau é que o linguístico (*stricto sensu*) não é mais a forma transcendental da comunicação, pois, agora, o homem, se constitui com o ambiente, hibridiza-se com ele — isto é, tem-se, agora, um ser humano pós-dualista, a partir de uma concepção de linguagem não-logocêntrica. Essa relação desencadeia outra reflexão, em termos filosóficos: a responsabilidade do ser concreto e a sua insubstituibilidade, isto é, o seu não-álibi da existência.

2.3 O NÃO-ÁLIBI DA EXISTÊNCIA: A QUESTÃO DA RESPONSABILIDADE NO MUNDO PÓS-DUALISTA

Em um de seus primeiros textos intitulado *Arte e responsabilidade* (1919), Bakhtin, na década de 1920, reflete sobre o teoreticismo de sua época, o positivismo do cenário científico, e escreve as seguintes palavras: “os três campos da cultura — a ciência, a arte e a vida — só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. Mas essa relação pode

tornar-se mecânica, externa. Lamentavelmente, é o que acontece com maior frequência” (Bakhtin, 2011, p. XXXIII). Em outras palavras, o autor russo argumenta que, quando a espécie humana tentava compreender a ação humana em termos científicos e estéticos, perdia-se a singularidade do ato humano, visto que se tornava algo abstrato e genérico.

O que resultava dessa relação mecânica era a existência de dois mundos distintos: um em que está acontecendo a vida concreta e outro, que objetifica a vida e se distancia da realidade. Contra essa separação dualista, Bakhtin (2011) afirma que o nexo entre essas duas realidades é a unidade da responsabilidade, ou seja, a união desses mundos se dá através das nossas experiências de vida, dos nossos atos, afinal, mesmo que a espécie humana esteja engajada na criação e reflexão cultural, ela ainda faz parte da vida. Diante disso, a responsabilidade dessa união se desdobra em duas instâncias: responsabilidade especial e moral.

De acordo com Ponzio (2019), enquanto a primeira responsabilidade diz respeito à sua relação com um significado objetivo, isto é, a forma de compreensão e interpretação do que é culturalmente significativo, a segunda relaciona-se ao evento único vivido, à maneira como a espécie se comporta em situações específicas da vida — adiante, essa questão é exemplificada.

Desse modo, pensar o contexto das interações digitais em ambientes tecnológicos significa entender que, no mundo pós-dualista, a responsabilidade não se limita apenas ao mundo dito humano, como se houvesse uma separação entre o mundo da cultura digital e o mundo da vida (o humano, o real), mas, sim, que essa responsabilidade se estende à esfera digital. A hibridização entre linguagem, tecnologia e humano pode ser passível de uma reflexão através da responsabilidade especial, no sentido de como acontece a interação em relação à compreensão de ideias e culturas digitais e, também, uma reflexão sobre a responsabilidade moral, ou seja, na maneira como o ser humano se comporta digitalmente.

De forma mais clara, Ponzio (2019) pontua que com essas duas categorias de responsabilidade, Bakhtin antecipa o que Volóchinov (2017), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, distingue entre tema e significação. O significado está no âmbito do objetivo, do repetível, enquanto o tema diz respeito ao evento único. Como exemplo, o *Stories* no *Instagram* ou *post* no *TikTok*, em termos de estrutura, são repetíveis em todas as ocorrências de uso, contudo, a cada vez que eles são utilizados terão um tema diferente a depender da situação em que se encontram. Assim, com a responsabilidade especial, deve-se ter consciência em garantir a repetibilidade de forma compreensível, mas não separada da responsabilidade moral, na qual o ser se compromete com o novo sentido proposto, pois ele se posiciona, toma uma atitude valorativa na vida.

Em se tratando de ambientes digitais, vários atos estão no âmbito da repetibilidade, como o curtir, o postar, o comentar, o compartilhar etc. Considerando que a responsabilidade especial está relacionada “[...] a um domínio dado da cultura, a um dado conteúdo, **a um papel e função delimitada**, definida [...]” (Ponzio, 2019, p. 31, grifo nosso), entende-se que a garantia responsável dessa função repetível, no contexto digital, acontece nos vários momentos de interação, quando alguém curte, comenta, compartilha, posta etc. Contudo, segundo Bakhtin (2017b, p. 43–44), “[...] a responsabilidade especial deve ser um momento incorporado de uma única e unitária responsabilidade moral. Somente assim se pode superar a perniciosa separação e a mútua impenetrabilidade entre cultura e vida”. Em outras palavras, ao trazer o pensamento de Bakhtin para o contexto de interação digital — ao curtir, comentar, postar etc. —, esses atos tecnodiscursivos devem estar incorporados à responsabilidade de cada momento irrepitível, que diz respeito ao conteúdo unitário relativo ao ato realizado, ou seja, trata-se, portanto, de sua responsabilidade moral.

Voltando à década de 1920, ainda sobre a responsabilidade, Bakhtin pontuou que “o indivíduo deve tornar-se inteiramente responsável: todos os seus momentos devem não só estar lado a lado na série temporal de sua vida mas também penetrar uns os outros na unidade da culpa e da responsabilidade” (Bakhtin, 2011, p. XXXIV). Portanto, isso leva Bakhtin (2011) a afirmar que na existência somos insubstituíveis, ou melhor, não há álibis na existência.

Cada ser habita um lugar no tempo e espaço da vida social concreta. O ser concreto e situado, ao agir de seu lugar, não tem como renunciar sua responsabilidade, pois somente ele, situado naquele lugar e tempo, pode fazer o que faz. Isso não significa, segundo Sobral e Pires (2013), que na existência o ser está solitário, pelo contrário, ele se relaciona com o outro, isto é, necessita do outro para a sua vivência. Contudo, também não significa uma fusão com o outro, pois é na relação com ele que o ser encontra sua singularidade, o que o diferencia. Logo, não existe substituíbilidade do ser na existência, mas encontros de um eu com um outro, cada um com sua singularidade.

No ambiente digital, cada ser ocupa um lugar de presença interativa com um outro, que não necessariamente é humano. É possível questionar se a dinamicidade digital possibilita um escape para um álibi, isto é, uma substituição, como quando alguém cria contas falsas em uma rede social, por exemplo, na tentativa de que o anonimato o exima da responsabilidade. Na época de Bakhtin, aqueles que viviam com álibis, ou seja, tentando dissimular sua existência, eram chamados de fingidores, mas essa escolha de palavra era singular, pois,

O uso do termo *fingidor* (*samožvanets*, literalmente “o que chama a si próprio”) é curioso, porque normalmente em russo (como em inglês) o termo significa alguém que tenta assumir o lugar de outrem, como um pretendente ao trono. No uso idiossincrático de Bakhtin, porém, um fingidor não é alguém que usurpa o lugar de outrem, mas alguém que não tenta viver em nenhum lugar particular, ou a partir de um lugar abstrato generalizado (Morson; Emerson, 2008, p. 195).

Utilizando o exemplo ilustrado anteriormente, alguém que cria uma conta falsa em redes sociais seria esse fingidor, que não tenta viver em nenhum lugar particular. Em outro texto, Morson (2015) diz:

Para Bakhtin, a tendência mental teórica não somente simplifica demasiadamente o mundo, e não apenas leva a matar, mas também implica outro erro moral. Protegidas por uma teoria, as pessoas tentam criar o que Bakhtin chama de um “álibi” para a responsabilidade ética. Transferimos a responsabilidade para alguém, ou para algo, e nos comportamos *como se não estivéssemos ali* — como se tivéssemos um *álibi* e, assim, não pudéssemos ser responsabilizados. Não estamos agindo, mas sim a teoria. Ou, não estamos agindo, o Partido, sim; a Igreja, sim; ou a Nação (Morson, 2015, p. 127).

Considerando essa citação de Morson (2015), é possível perceber que a preocupação de Bakhtin com a responsabilização é uma pauta que ainda se faz presente, apesar de acontecer em contextos diferentes. No contexto da interação digital, culpabilizar o algoritmo ou IAs revela ser um posicionamento ainda enraizado no pensamento dualista, no qual o ser humano se vê separado do mundo digital. Se, para o ser, o mundo digital é algo externo e distante, como outro ambiente — não o real e concreto —, logo, não há necessidade para a responsabilização, o que pode ocasionar outro tipo de álibi, nesse caso, um mais negativo.

Se no digital alguém age, por exemplo, de forma a ocasionar algum dano social e tentar não assumir a responsabilidade, o álibi negativo surge. Assim, trazendo o pensamento de Morson (2015, p. 127) para reflexão, é possível dizer que “fatalismo e determinismo facilmente fornecem o mesmo tipo de álibi. Não sou eu, mas as leis da natureza agindo em mim fizeram isso. Ou, na versão desprezada de Dostoiévski, não eu, mas as condições sociais fizeram isso”.

Portanto, pensar a condição pós-humana como o caminho para se compreender a inseparabilidade entre o humano e o seu *locus* de existência, como a existência digital, implica entender que, não havendo mais separações dualistas, mas, sim, uma correlação entre o humano e o seu ambiente (digital), a responsabilidade pelos atos se apresenta como fundamento da existência.

3 A CONSTRUÇÃO DO ENUNCIADO DIGITAL: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO PARA O PENSAMENTO NÃO LOGOCÊNTRICO DE LINGUAGEM

“A primeira tarefa é compreender uma obra da mesma maneira como a compreendeu o próprio autor sem sair dos limites da compreensão dele [...] a segunda é usar a sua distância (*vnienkhodímst*) temporal e cultural. **Inclusão no nosso (alheio para o autor) contexto**” (Bakhtin, 2017a, p. 40, grifo nosso).

3.1 AS ANÁLISES DO DISCURSO: A CRÍTICA DE MARIE-ANNE PAVEAU

Logocêntrica e egocefalocêntricas são as características dadas por Marie-Anne Paveau para caracterizar as análises do discurso praticadas na França há cerca de cinquenta anos (Paveau, 2020). A primeira qualidade diz respeito ao fato de que se considere somente o linguístico na análise e, a segunda, refere-se ao fato de os locutores, em relação àquilo que é observável e analisado, serem separados do ambiente em que se encontram. Logo, essa abordagem é de natureza dualista, pois ocorre uma distinção entre o que é interno e externo na linguagem.

Essa visão, para a autora, não serve para analisar o discurso digital, pois não considera o elemento técnico e o ambiente virtual como construtor da linguagem. Assim, Paveau (2021) afirma que a maior parte dos trabalhos que tentam fazer uma análise do discurso digital se esforçam a considerar o elemento tecnológico na análise, contudo, permanecem logocêntricos, pois, em realidade, isolam a materialidade linguística e discursiva retirada de seu ambiente tecnológico, marginalizando, assim, a máquina como elemento extralinguístico, além de utilizar teorias e metodologias pré-digitais para analisar o *corpus* em questão.

Todavia, Paveau, perante as análises discursivas, já enxergava em Bakhtin a iniciativa de se considerar outros elementos, para além do linguístico, como coprodutores do discurso:

Desde o início do século XX, a cognição é considerada um sistema não apenas inter-humano, mas também ambiental, por alguns filósofos, antropólogos ou linguistas: **em Bakhtin-Volóchinov**, Malinovsky, Sapir e também em Vygotsky, Peirce, Wittgenstein, **o contexto é um elemento essencial para a compreensão do pensamento e da linguagem**. A partir da década de 1990, a cognição tomou emprestada uma “virada social” (mais precisamente, social e cultural), baseada na hipótese externalista (Paveau, 2020, p. 18, grifos nossos).

Entendendo o contexto não como algo externo, mas como constitutivo direto da construção do discurso, logo não concebendo mais o dualismo interno *versus* externo na linguagem, Paveau (2021) usa o conceito de “ambiente” no lugar de “contexto”, como explicitado anteriormente, para sinalizar essa mudança paradigmática. Em suas palavras, “o ambiente é, em teoria do discurso, o conjunto dos dados humanos e não humanos no âmbito dos quais os discursos são elaborados” (Paveau, 2021, p. 49).

Diante disso e no intuito de encontrar elos de proximidades teóricas, no Círculo russo, é possível encontrar em Mikhail Bakhtin o início de uma reflexão sobre a relação indissociável entre o espaço e o tempo como elementos construtores do discurso. Na época do autor, seu foco imediato foi na construção do discurso literário, mas não limitado a ele. A esse conceito, Bakhtin atribuiu o nome de “cronotopo”, em uma remissão aos estudos de Einstein, em sua Teoria da Relatividade.

Bakhtin (2018b, p. 11) define cronotopo como “[...] a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura”, isto é, uma relação inseparável entre essas duas instâncias que garantem a concretude de conteúdo-forma da literatura. Baseados nesse conceito bakhtiniano, Morson e Emerson (2008) afirmam existir uma variedade de percepções do tempo e do espaço disponíveis. Logo, não se pode supor que diferentes aspectos ou ordens do universo operem com o mesmo cronotopo — ideia que também se aplica ao universo digital.

Segundo a interpretação de Morson e Emerson (2008), diferentes atividades sociais se definem também por vários tipos de tempo e espaço fundidos e Bakhtin, apesar de ter se concentrado no cronotopo literário, não definiu esse fenômeno como restrito ao âmbito da literatura. Antes, o autor russo almejava que se percebesse a aplicabilidade mais ampla deste conceito, ou melhor, “[...] devemos dizer que o cronótopo revela o ‘potencial’ oculto do conceito einsteiniano de tempo-espaço” (Morson; Emerson, 2008, p. 386). Além disso, o cronotopo não é fixo, mas muda no decorrer do tempo em resposta a necessidades do momento, como as ecologias digitais, por exemplo.

Para Bakhtin, segundo esses autores, o cronotopo não é representado no mundo (como em um contexto externo), mas, sim, é o campo essencial para a concretude dos eventos. A título de exemplificação, ao falar de literatura, Bakhtin (2018b, p. 217) diz que “o cronotopo determina a unidade artística de uma obra literária em relação com a autêntica realidade”.

Essa forma de assumir a relação de linguagem e mundo vai ser, futuramente, a forma como Paveau (2021) assume sua perspectiva pós-dualista. Na perspectiva da autora, o ‘cronotopo’ digital (seu ambiente e tempo fundidos) determina, possibilita a unidade

artística/estilística do enunciado digital em relação autêntica com a realidade. Em outras palavras, é como se cada ecossistema digital possuísse um ambiente específico que determinasse as diretrizes dos eventos enunciativos digitais.

Considerando-se a existência de uma cronotopia do meme, por exemplo, pode-se afirmar que numa dada época da vivência digital constrói-se uma multiplicidade de cronotopos, disponíveis para conceitualizar a imagem de um determinado evento da dinâmica social. Por isso que, quando vídeos viralizam, porque apresentam potenciais de um meme, eles se tornam uma espécie de:

[...] ganchos textuais ou significantes-chaves que não podem ser identificados *a priori* (mesmo, ou especialmente, pelos próprios autores), mas somente depois do fato consumado, quando já se tornaram proeminentes, tendo sido acionados inúmeras vezes para repetição. Depois de se tornarem reconhecíveis por meio de um processo de repetição, esses significantes-chaves ficam disponíveis ao se conectarem a outras formas, textos e intertextos — eles se tornam parte do repertório cultural disponível dos vídeos vernaculares (Burgess, 2020, p. 133).

Em resumo, tanto Bakhtin quanto Paveau, em seus respectivos momentos histórico-sociais, consideram o espaço/ambiente como essencial para a construção discursiva. Paveau (2021) diz que no seu conceito de ambiente os elementos não humanos fazem parte da construção do enunciado. Em termos de discurso, pode-se compreender, nessa perspectiva, que não só o linguístico, mas também o não linguístico atuam nessa construção discursiva.

De forma semelhante, o Círculo russo concebe essa noção. A seguir, a tabela expõe trechos das obras do Círculo que corroboram a perspectiva de Paveau (2021).

Quadro 3 — Trechos das obras do Círculo

Medviédev ([1928] 2016) — O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica.
<p>Qualquer enunciado concreto é um ato social, por ser também um conjunto material peculiar — sonoro, pronunciado, visual —, o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social. Ele organiza a comunicação que é voltada para uma reação de resposta, ele mesmo reage a algo; ele é inseparável do acontecimento de comunicação (p. 183, grifo nosso).</p> <p>Não é possível dar consciência e compreender a realidade com a ajuda da língua e de suas formas em um sentido estritamente linguístico. São as formas do enunciado, e não da língua, que desempenham o papel essencial na tomada de consciência e na compreensão da realidade (p. 198, grifo nosso).</p>

Pensamos e compreendemos por meio de conjuntos que formam uma unidade: os enunciados. Já o enunciado, como sabemos, **não pode ser compreendido com um todo linguístico, e suas formas não são sintáticas** (p. 198, grifo nosso).

Volóchinov (2019) — A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas.

Ensaio — A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica (1926):

Obviamente, palavra na vida não é autossuficiente. Ela surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com ela. Mais do que isso, **a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido** (p. 117, grifo nosso).

A situação extraverbal não é em absoluto uma simples causa externa do enunciado, ou seja, ela não age sobre ele a partir do exterior, como uma força mecânica. Não, a situação integra o enunciado como uma parte necessária da sua composição semântica. Portanto, o enunciado cotidiano como um todo, como um todo consciente é composto por duas partes: 1) a parte verbalmente realizada (ou atualizada) e 2) a subentendida (p. 120, grifo nosso).

Ensaio — Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado (1930):

O sentido depende por inteiro tanto do ambiente mais próximo, gerador imediato do enunciado quanto de todas as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva. Desse modo, **é como se todo enunciado fosse formado de duas partes: uma verbal e outra extraverbal** (p. 283, grifo nosso).

O conteúdo e o sentido do enunciado precisam de uma forma que os concretize e realize, fora da qual eles nem existiriam. Mesmo se o enunciado estivesse privado de palavras, deveria restar nele o *som da voz* (entonação) ou ao menos o *gesto*. *Não há enunciado nem vivência fora da expressão material* (p. 286).

Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem ([1929] 2017)

[...] o tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem — palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação —, mas também pelos aspectos extraverbais da situação. Sem esses aspectos situacionais, o enunciado torna-se incompreensível, assim como aconteceria se ele estivesse desprovido de suas palavras mais importantes. (p. 228, grifo nosso).

Bakhtin — Os gêneros do discurso ([1979] 2016)

Onde a oração figura como um enunciado pleno ela aparece colocada em **uma moldura de material de natureza diversa** (p. 33, grifo nosso).

Alguma conclusibilidade é necessária para que se possa responder ao enunciado. **Para isso não basta que o enunciado seja compreendido no sentido *linguístico***. Uma oração absolutamente compreensível e acabada, se é oração e não enunciado constituído por uma oração, não pode suscitar atitude responsiva: isso é compreensível mas ainda não é *tudo*. Esse *tudo* — indício da *inteireza* do enunciado — não se presta a uma definição nem gramatical nem abstrato-semântica. (p. 35–36, grifo nosso).

Qualquer oração pode figurar como enunciado acabado, mas, neste caso, é **completada por uma série de elementos essenciais de índole não gramatical, que lhe modificam a natureza pela raiz** (p. 44, grifo nosso).

O enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados. **Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro** (p. 79–80, grifo nosso).

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das referências supracitadas (2023)

Os trechos das obras ilustram a abordagem sociológica da linguagem por parte do Círculo — enfocando o enunciado como ato social, na qual os elementos extraverbaes não figuram como simples pano de fundo para a cena discursiva, mas são eles constitutivos do próprio discurso, ocasionando a unidade discursiva.

Apesar de o Círculo usar termos com “extraverbal” ou “situação extraverbal”, que podem soar como se esses pensadores possuíssem uma orientação dualista — o externo e interno na linguagem — o que não é o caso, eles entendem, como deixa claro Volóchinov em seu ensaio de 1926, que a situação extraverbal não é “uma simples causa externa” ou “uma força mecânica”, mas que esse extraverbal integra o enunciado em sua composição. O próprio Bakhtin (2016) afirma que os elementos extralinguísticos de índole não gramatical modificam a natureza do enunciado.

Portanto, é possível concluir que o uso do termo “extraverbal” provavelmente se dá porque a Linguística da época assim o compreendesse, não porque era a forma de o Círculo entender a linguagem. Inclusive, em seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov é contundente ao dizer que “a vivência expressa e a sua objetivação exterior são criadas, como sabemos, a partir do mesmo material. Com efeito, não há vivência fora da encarnação sígnica.

Portanto, desde o início, **não pode haver nenhuma diferença qualitativa entre o interior e o exterior**” (Volóchinov, 2017, p. 204, grifo nosso).

Ao estabelecer uma interlocução teórica com a Análise do Discurso Digital, aproxima-se o fio condutor do raciocínio do Círculo com o que Paveau (2021) classifica como linguagem não-logocêntrica. Além disso, Medviédev (2016) aponta a existência, em relação à constituição do enunciado, de um conjunto peculiar, que pode ser sonoro, pronunciado ou visual. Já Bakhtin (2026) argumentava que o enunciado aparece posto em uma moldura cuja natureza material é diversificada. Tanto essa moldura, quanto o conjunto sonoro, pronunciado ou visual, na época em que esses autores russos refletiram, e hoje, na visão de Paveau (2021), correspondem ao próprio ambiente digital, o qual possui dados humanos e não humanos.

Considerando o exposto, Brait (2015) diz:

Um dos aspectos que interessam particularmente ao estudo do visual e do verbo-visual explicita-se no fato de que Bakhtin considera *relações dialógicas* o objeto de uma *teoria/análise dialógica do discurso*, como sendo "possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que esses estejam expressos numa matéria sígnica. Por exemplo, as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, conforme afirmação contida em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2008: 211). Em "O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: uma experiência de análise filosófica" também está presente essa questão, confirmando o conhecimento e o interesse do pensador russo pelo visual, embora sejam oferecidas sugestões, mas não análises detalhadas (Brait, 2015, p. 91).

É possível afirmar, perante o exposto, que a concepção de linguagem no Círculo é de natureza não-logocêntrica, isto é, não dá exclusiva atenção à estruturação linguística como suficiente para a compreensão, mas, antes, percebe os fatos não linguísticos também como moldadores do discurso. O contexto de produção dessas obras era diferente do cenário atual de uso de redes sociais e linguagem virtual. Contudo, na tentativa de refletir sobre características da interação digital, o pensamento do Círculo contribui para a reflexão, visto que, por entender a linguagem como não-logocêntrica, a interação discursiva é construída por uma diversidade de elementos — assim como os digitais, conforme ilustra Marie-Anne Paveau na subseção a seguir.

3.2 A DIALOGIA DO DISCURSO NA ECOLOGIA DIGITAL

Há as análises de discurso ditas pré-digitais e há aquelas que consideram o digital como constitutivo do fenômeno linguageiro em ambientes digitais. Apesar de Bakhtin e o Círculo

terem vivido em um contexto pré-digital, já era possível, como evidencia Paveau (2020), perceber uma abertura em sua teoria ao considerar o extralinguístico como constitutivo do discurso. Nesse sentido, é razoável aproximar a teoria do Círculo com a de Paveau, contudo, ressaltando que o tempo e espaço desses pesquisadores são diferentes: os russos apresentam suas discussões por volta de 1920, época em que a tecnologia era outra; Paveau lida com o tecnológico, mais especificamente a *Web 2.0*, portanto, o que se pretende aqui é uma interlocução teórica tendo em vista trazer contribuições tanto para a dita Análise Dialógica do Discurso quanto para Análise do Discurso Digital.

Em seu livro *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*, Paveau (2021, p. 57) define análise do discurso digital como “[...] descrição e análise do funcionamento das produções languageiras nativas da internet, particularmente da *web 2.0*, em seus ambientes de produção [...]”, disponibilizando um aparato teórico-metodológico em que os elementos linguísticos e não linguísticos são partes da sua proposta de análise. A preocupação de Paveau em considerar a produção discursiva em seu ambiente de produção se aproxima da afirmação bakhtiniana de que “a linguagem é essencialmente cronotópica [...]” (Bakhtin, 2018b, p. 227), isto é, o pensador russo entende que não só o tempo em que a comunicação acontece é importante, como também o espaço em que ela ocorre, por isso formula o conceito de cronotopo para significar tempo-espaço com dimensões inseparáveis no tratamento da linguagem.

Concomitante a isso, faz-se necessário retomar as seis características constitutivas do discurso digital elencadas por Paveau (2021), a fim de aprofundar a reflexão em torno delas em diálogo com o Círculo e com Santaella (2021).

1) Composição: Com a noção de compósito, Paveau (2021) indica o discurso digital como uma construção de elementos linguísticos e tecnológicos, um hibridismo semiótico que, nas palavras de Santaella (2021), recebe o nome de linguagem hipermidiática.

O quadro 3 aborda os trechos das obras do Círculo que apontam para a composição do discurso como sendo não somente linguístico. Aqui, destaca-se o pensamento de Bakhtin, em seu livro *Gêneros do discurso*, quando ele cita a questão da conclusibilidade, a qual se dá através de três momentos: o primeiro chama-se a exauribilidade semântico-objetal do tema do enunciado, ou seja, qualquer assunto, o tema de um enunciado, não é finalizado no sentido de que não mais poderá ser tido algo novo a respeito dele; contudo, ao se tornar tema de enunciado, uma espécie de finalização por parte do autor acontece, o que vai apontar para a posição discursiva do autor para com aquele tema. No discurso digital, um *post* em rede social, a título de exemplificação, pode ser abordado de determinada forma a revelar uma finalização, acabamento, o qual poderá ser expandido por meio de outros enunciados em *posts*.

Já o segundo momento da composição para Bakhtin é o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante, que diz respeito à vontade do falante em produzir certo sentido, o que vai determinar na escolha estilística dos elementos que compõem o discurso. No caso do discurso digital, os elementos linguísticos e não linguísticos (foto, som, *hashtags*, *gifs*, arroba etc.) são orquestrados tendo em vista o interesse discursivo do falante.

Por fim, as formas estáveis dos gêneros são o terceiro momento. Partindo da vontade discursiva do enunciador, que dá uma espécie de finalização ao tema do discurso e determina a escolhas dos elementos constitutivos dele, o falante delinea seu discurso dentro de um determinado gênero, o qual, no mundo digital, pode ser representado de diversas formas de posts: *reels* de *Instagram*, comentários, compartilhamentos, vídeos etc.

É importante, contudo, esclarecer o uso do termo “acabamento”, o qual pode dar a entender uma espécie de fechamento total, o que não é o caso. Na verdade, no contexto do pensamento de Bakhtin (2016), essa espécie de finalização acontece muito relativamente e de forma mínima, para que possa ser possível obter-se uma resposta na interação. Em suas palavras:

Nos campos de criação (particularmente nos científicos, evidentemente), ao contrário, só é possível uma única exauribilidade semântico-objetual muito relativa; aqui **só se pode falar de um mínimo de acabamento**, que permite ocupar uma posição responsiva. **O objeto é objetivamente inexaurível**, mas, ao tornar *tema* do enunciado (por exemplo, de um trabalho científico), ganha uma relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certas situações do problema, em um determinado material, em determinados fins colocados pelo autor, isto é, já no âmbito de uma ideia *definida pelo autor* (Bakhtin, 2016, p. 36–37, grifos nossos).

Morson e Emerson (2008) compreendem essa questão como o único meio para que a criatividade seja real. É a abertura e não o fechamento total que se obtém, segundo o pensamento de Bakhtin para esses autores, pois “para se compreender a linguagem como criativa, o eu como não-finalizável e a história como fundamentalmente aberta, cada um deles tem de ser descrito de tal modo que a criatividade lhe seja inerente” (Morson; Emerson, 2008, p. 58). Portanto, a noção de acabamento em Bakhtin transcende a ideia de encerramento absoluto, ao propor uma concepção mais fluida e relativa desse conceito.

2) Deslinearização: Para Paveau (2021), os discursos digitais não seguem obrigatoriamente uma construção linear, ou seja, pode haver *links* que direcionam o interactante do discurso para outro discurso presente em outro ambiente virtual, em outra aba de navegação, para ser mais específico. A seguir, um exemplo que ilustra essa deslinearização:

Figura 1 — *Print* de *Stories* do Instagram de @hugogloss e de seu site de notícias¹¹



Fonte: Hugo Gloss (2023)¹²

O *post* dos *stories*, realizado no dia 21 de agosto de 2023, faz referência ao caso da atriz brasileira Larissa Manoela e da agressão que sofreu por parte de sua mãe, segundo uma ex-funcionária. Como discurso digital, esse enunciado se deslineariza pelo *link* hipertextual “clique para ler e assistir”, o qual redireciona o usuário que clicou para o portal de notícias de @hugogloss. No *site*, além da notícia relatar o que a ex-funcionária testemunhou da relação entre Larissa Manoela e sua mãe, há, no corpo do texto, vídeos que abordam o caso. Esses vídeos foram postados no ecossistema X e, na notícia de @hugogloss, o usuário tem a possibilidade de ou assistir ao vídeo na própria notícia ou clicar nele para ser redirecionado ao *post* de origem no X, ou seja, mais uma vez o enunciado se deslineariza para outro ambiente. Como mostra os *prints* a seguir:

¹¹ A figura 1 consiste em uma montagem realizada a partir dos *prints* da tela do celular. Do lado esquerdo, encontra-se a postagem no *Stories* do Instagram de @hugogloss; do direito, o *site* de notícias Hugo Gloss.

¹² Disponível em: https://hugogloss.uol.com.br/famosos/mae-agredia-larissa-manoela-e-chegou-a-quebrar-dente-da-atriz-diz-ex-funcionaria-assista/?fbclid=PAAaYRZl5XuLdgMAHYAa4smaduH9uU9oaSnr1UgZf-XwqhaHLx-vLCnVOgF60_aem_AXczvMz9NBaGhpFbcMwR_Y-lSkxJ9p6YTYFr8jQyBXjIo1KqyrOfTJGFjnHh5Wp5QI. Acesso em: 22 ago. 2023.

Figura 2 — *Print* do *post* no ecossistema X usado no *site* Hugo Gloss¹³



Fonte: *Site* Hugo Gloss (2023)¹⁴

3) Ampliação: Pautado na noção de que a linguagem digital tem como marca constitutiva a interatividade, todo enunciado digital, segundo Paveau, pode ser ampliado, continuado e o exemplo que melhor ilustra essa característica é o espaço dos comentários, ou quando se compartilha um *post* de alguma pessoa e se acrescenta um comentário título para aquele *repost*. Sobre essa natureza de ampliação, o pensamento de Bakhtin e do Círculo como um todo, enxerga o enunciado não como algo finalizado, mas como um momento em uma cadeia discursiva, nas palavras do autor:

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. Entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas. Não há analogias com eles (Bakhtin, 2017a, p. 26–27).

Dessa forma, a ampliação que Paveau (2021) aponta dialoga com Bakhtin (2017a) em dois pontos: 1) a criatividade: os discursos digitais permitem a reinvenção das formas de expressão, como um *repost* por exemplo e 2) o diálogo: Bakhtin entende a interatividade com

¹³ A figura 2 consiste em uma montagem realizada a partir dos *prints* da tela do celular. Do lado esquerdo, encontra-se o *site* Hugo Gloss utilizando o *post* do ecossistema X no corpo da notícia; do direito, o *post* no próprio ecossistema X.

¹⁴ Disponível em: https://hugogloss.uol.com.br/famosos/mae-agredia-larissa-manoela-e-chegou-a-quebrar-dente-da-atriz-diz-ex-funcionaria-assista/?fbclid=PAAaYRZl5XuLdgMAHYAa4smaduH9uU9oaSnr1UgZf-XwqhaHLx-vLCnVOgF60_aem_AXczvMz9NBaGhpFbcMwR_Y-lSkxJ9p6YTYFr8jQyBXjIo1KqvrOfTJGFjnHh5Wp5QI. Acesso em: 22 ago. 2023.

cadeia discursiva. Contudo, o elo discursivo apontado pelo autor russo, no ambiente digital, se amplia através daquilo que Paveau (2021) classifica como tecnopalavra, exemplo das *Hashtags* e arrobas, e tecnosigno, como botões de curtir, compartilhar etc., como segmentos discursivos clicáveis que garantem uma dupla função: linguística e técnica — essa dupla função é identificada pela autora como compósito.

Paralelo a isso, os comentários e compartilhamentos representam, nos termos de Paveau (2021), a ampliação do discurso, que, ao se comparar com a teoria bakhtiniana, se aproxima da lógica do elo discursivo apontado por Bakhtin (2016). É válido ressaltar, entretanto, que no espaço de comentários podem surgir discursos que não tenham relações diretas com o enunciado principal, como no caso de enunciados de páginas de perfis *fakes*, que buscam visibilidade e, muitas vezes, aplicam golpes, caso dos *Porn Bots* — contas falsas que tentam aplicar golpes com o uso de pornografia. Por trás desses *bots* estão criminosos que “costumam deter uma ampla rede de *bots* que executam comentários rapidamente no segundo em que um novo *post* de celebridade é publicado. Ao mesmo tempo, outros *bots* curtem o comentário para aumentar sua visibilidade” (Alves, 2019).

A seguir, um exemplo que ilustra a ampliação:

Figura 3 — *Print* do *post* de @hugogloss no ecossistema X sobre o caso Larissa Manoela¹⁵



Fonte: @hugogloss no ecossistema X (2023)¹⁶

¹⁵ A figura 3 consiste em uma montagem realizada a partir dos *prints* da tela do celular. Do lado esquerdo, encontra-se a postagem no ecossistema X; do lado direito, um trecho dos comentários dessa postagem.

¹⁶ Fonte: <https://twitter.com/hugogloss/status/1693693971027861636?s=46&t=p-IR5xYvewHLcdevuYXLCQ>. Acesso em: 22 ago. 2023.

O *post* no X de @hugogloss faz referência ao caso de Larissa Manoela anteriormente citado (ver figura 1). Ao lado do *print* do *post*, é possível ver um recorte de comentários que ampliam o *post* original, ou melhor, enunciado digital. Seguindo o pensamento de Paveau (2021), os dois comentários são classificados como vindos de enunciadores ampliados, pois não só adicionam um conteúdo, mas prolongam o texto primário.

O primeiro comentário do recorte concorda com o posicionamento sobre maus tratos a Larissa Manoela por parte dos seus pais. De forma semelhante, o segundo comentário compara o caso em questão ao da ex-atriz e norte-americana Jennette McCurdy, a qual relata, em seu livro *Estou feliz que minha mãe morreu*, os momentos que sofreu durante a infância e adolescência devido à relação com sua mãe. No comentário, o enunciador ampliado chama Larissa Manoela de “nossa Jennette McCurdy brasileira”, produzindo, assim, um efeito retrospectivo sobre o enunciado primário, o de @hugogloss, ao trazer uma nova significação.

Sobre essa nova significação, Bakhtin (2017a) a relaciona com a questão da interpretação. O posicionamento do autor russo se aproxima ao de Paveau (2021) quando ele afirma que a interpretação continua a criação, o que, nas palavras de Paveau, pode-se compreender como a ampliação. A seguir, o pensamento de Bakhtin sobre isso:

Na interpretação ela [a criação] é completada pela consciência e descobre-se a diversidade dos seus sentidos. Assim, **a interpretação completa o texto**: ela é ativa e criadora. A interpretação criadora **continua a criação**, multiplica a riqueza artística da humanidade. **A cocriação dos intérpretes** (Bakhtin, 2017a, p. 35–36, grifos nossos).

3) Relacionalidade: semelhante ao anterior, diz respeito ao fato de discursos digitais estarem em relação uns com os outros; com os aparelhos e com outras pessoas. Para Santaella (2021), a linguagem na rede baseia-se na configuração digital porque com a tecnologia torna-se possível transmitir todas as formas de comunicação de maneira integrada, ou seja, uma integração de dados, textos, sons, ruídos, imagem fixas ou animadas em um todo complexo e inseparável.

As misturas entre linguagens, ou melhor, suas hibridizações, ocorrem porque a digitalização também permite a organização reticular dos fluxos informacionais em arquiteturas hipertextuais. Ao permitir e mesmo exigir a interação do receptor, as conexões que vão surgindo transformam esse receptor em um coautor das mensagens geradas em função de suas escolhas. Em vez de um fluxo linear e monossemiótico ou monomodal do texto impresso, a hipermídia quebra a linearidade em unidades ou módulos de informação, de modo que nós, que podem ser chamados de lexias

multimidiáticas, e nexos associativos são os tijolos básicos de sua construção (Santaella, 2021, p. 46).

Aquilo que Santaella designa como coautor, ao apontar que o receptor e sua interação com a linguagem digital permite a ele ser também autor da mensagem gerada, Paveau (2021) classifica-o como o (escri)leitor, ou seja, a partir da subjetividade dos usuários na interação com a máquina, com outros usuários escritores e dos próprios discursos com a máquina, surge uma interconexão de discursos digitais com pessoas e dispositivos, rompendo a linearidade do texto impresso e hibridizado os fluxos informacionais de maneira reticular.

Diante desse cenário, é possível afirmar que a teoria dialógica do Círculo russo abordou a natureza interativa e dialógica dos discursos no contexto pré-digital. Contudo, já naquela época, Bakhtin (2018, p. 211) reconheceu que as relações dialógicas “[...] são possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que estes estejam expressos em uma matéria *sígnica*”.

É válido lembrar que indo além dos limites da linguística, considerando o extralinguístico não como algo externo, mas como integrante da produção discursiva, Bakhtin (2018) estabelece uma nova área de investigação: a translinguística, a qual busca ver as relações dialógicas que a linguística não dá conta. Porém, ao reconhecer um passo a mais dessas relações, Bakhtin (2018) abre um caminho para se pensar a interação dialógica de discursos em outras instâncias. A partir disso, autores como Brait (2015) elaboram o conceito de verbo-visualidade para representar as relações dialógicas e relacionais em discursos que articulam elementos verbais e visuais em uma unidade de sentido. Esta situação acontece também, nesse ínterim, com os discursos digitais que articulam elementos hipermidiáticos em rede, nas palavras de Santaella (2021) e compósito, nos termos de Paveau (2021).

5) Investigabilidade: Segundo Paveau (2021), nada é esquecido no universo digital, pois os textos/discursos podem ser recuperados e reutilizados. Sobre essa particularidade, Bakhtin (2017a, p. 79) tem uma afirmação bastante contundente, na qual aponta que “não existe nada absolutamente morto; cada sentido terá sua festa de renovação”. Nesse sentido, os discursos construídos em ambientes digitais retornam de forma festiva, pois sempre são atualizados pelo novo contexto em que se encontram.

Nas palavras de Paveau (2021, p. 59), os discursos digitais são “[...] investigados, ou seja, localizáveis e coletáveis para eventuais menções, utilizações, repetições, etc.”. O caso de Larissa Manoela, anteriormente analisado, serve de exemplificação:

Figura 4 — O caso Larissa Manoela em diferentes ecossistemas¹⁷

Fonte: Adaptado do *Site* Hugo Gloss e do *Instagram* @hugogloss (2023)

@hugogloss ao criar seu discurso digital nos *Stories* do *Instagram* adiciona o *link* para a reportagem no seu *site*, no qual resgata seu *post* do *X* e de outro usuário @mbrenno_ para compor a notícia. Assim, é possível perceber que o discurso sobre o caso da Larissa Manoela é localizável em mais de um ambiente digital (*Site*, *Instagram* e *X*), coletado do *X* por @hugogloss para menção no corpo da notícia e repetido nos *Stories* do *Instagram*.

Essa investigabilidade, para Paveau (2021), acontece devido aos metadados. No caso exemplificado, o nome de Larissa Manoela usado no título da notícia, a *hashtag* #LarissaManoela usada no *post* do *X* e, por fim, a foto de Larissa Manoela usada para compor o discurso digital.

6) Imprevisibilidade: parte da produção discursiva digital está relacionada com programas e algoritmos que os tornam imprevisíveis para os humanos. Segundo Paveau (2021, p. 249) “a imprevisibilidade dos tecnodiscursos resulta da impossibilidade de o enunciador-escreitor prever a forma, a circulação ou mesmo o conteúdo de suas produções linguageiras on-line.” Isso pode acontecer de várias formas, segundo a autora, tais como o compartilhamento, a viralização de conteúdos online etc.

Um exemplo que ilustra essa imprevisibilidade é o compartilhamento de conteúdo de um ecossistema a outro. O caso de Larissa Manoela, anteriormente analisado no ponto 5 (investigabilidade), ilustra como a cultura do compartilhamento na *Web* implica a circulação de

¹⁷ A figura 4 consiste em uma montagem realizada a partir dos *prints* da tela do celular de diferentes ecossistemas (*Site*, *Instagram*, *Twitter* (*X*)) utilizados por Hugo Gloss ao abordar o caso de Larissa Manoela.

informações entre ecossistemas. De forma complementar, o mesmo caso analisado também ilustra outro ponto levantado por Paveau (2021, p. 251): os efeitos de viralização, que, devido à “[...] circulação extremamente rápida e quantitativamente massiva dos conteúdos, é um poderoso fator de imprevisibilidade no que diz respeito aos lugares de circulação, à natureza dos receptores e aos efeitos de sentido produzidos”.

O exemplo a seguir, ainda sobre o caso Larissa Manoela, ilustra o efeito produzido pela viralização na internet.

Figura 5 — Meme no ecossistema X sobre o caso Larissa Manoela



Fonte: @nilsonarj no ecossistema X (2023)¹⁸

A postagem no ecossistema X faz referência à reportagem concedida ao Fantástico, programa da Rede Globo, por Larissa Manoela. Na reportagem, Larissa exibe um áudio que havia enviado aos seus pais solicitando o valor de 10 reais para conseguir comprar um sorvete, ou milho na praia, local onde ela estava na ocasião em que mandou o áudio.

A repercussão que a entrevista tomou fez o caso viralizar na *Web*, ocasionando diversos efeitos de sentidos, como no caso da postagem do meme no X, o qual mostra uma foto de Larissa Manoela tomando um sorvete. O efeito humorístico está no fato de @nilsonarj criar uma narrativa ficcional em que a atriz Larissa Manoela somente conseguiu comprar a comida que desejava após ele recarregar seu próprio celular na empresa de linha telefônica dela, a LariCel. Assim sendo, o que se pode conjecturar, nessa dinâmica da interação digital, é que, ao fazer a

¹⁸ Disponível em: <https://x.com/nilsonarj/status/1690795765591891968?s=46&t=p-IR5xYvewHLcdevuYXLCQ>. Acesso em: 22 ago. 2023.

entrevista, nem Larissa nem o Fantástico tinham como destinatário somente @nilsonarj. Como o caso foi apresentado em programa de televisão de forma aberta ao público, esse fato contribuiu para as diversas formas de recepção e repercussão em diferentes ecossistemas na *Web*.

Refletindo sobre isso, é possível encontrar na teoria bakhtiniana um ponto que se aproxima dessa questão de imprevisibilidade e múltiplas reações do discurso digital. Segundo Morson e Emerson (2008), além do enunciado ser moldado pela compreensão responsiva de uma segunda pessoa, Bakhtin chama de superdestinatário aquela terceira pessoa para quem o enunciado chega, ou seja, uma espécie de outro ouvinte, necessário ao discurso, que responderia de forma absolutamente justa a ele, pois a presença invisível desse superdestinatário decorre da própria natureza do discurso em ser ouvido, buscando não somente uma compreensão imediata, mas sempre indo além, indefinidamente.

Pode-se, diante do exposto, afirmar que @nilsonarj é um superdestinatário, assim como outros que interagiram em ambientes digitais sobre o caso. A imprevisibilidade das reações do discurso digital é o que se aproxima justamente do conceito de superdestinatário, mas no sentido de que ele é uma terceira pessoa hipotética que também influencia não só como o discurso será moldado, mas também a sua interpretação.

Diante do exposto, conclui-se que há proximidades entre as concepções de discurso digital em Paveau e a concepção de linguagem no Círculo. Dos elementos acima analisados, um não tem essa ligação direta com o pensamento bakhtiniano, a deslinearização, pois faz parte do cenário da *Web 2.0*, contexto que não existia na época dos pensadores russos. Aliás, é válido lembrar que o discutido aqui não implica dizer que Bakhtin e o Círculo estavam refletindo sobre o discurso digital assim como Paveau o fez. Assim sendo, é importante entender, em linhas gerais, o contexto e propósito do autor russo.

Para a escritora e jornalista, Chamberlain (2022), em seu livro *Mãe Rússia: uma história filosófica da Rússia*, Mikhail Bakhtin aceitou o desafio de retratar o que havia acontecido com o sujeito criativo sob a pressão política totalitária, ou seja, um retrato do significado da vida social durante a ditadura de Stalin. Nas palavras da autora, “a realidade soviética era uma ‘teoria escatológica’ e uma ‘visão de mundo oficial’ que inspiravam medo e afastavam o mundo da pessoa” (Chamberlain, 2022, p. 274).

O que Bakhtin propôs, face a esse contexto, foi uma alternativa para o aprisionamento dialético. Sua solução foi o dialogismo.

A visão de **mundo oficial soviética proibia falar em muitas línguas, suprimindo toda individualidade**. Ao mesmo tempo, quase destruía a verdade social mediante a eliminação da linguagem. A língua oficial, em vez de captar a diversidade da vida-como-ela-é-vivida, petrificava tudo em que tocava. A realidade era completamente obscurecida por fabricações ideológicas. **Bakhtin se opunha, tentando medir a verdade do contato natural entre pessoas por meio de discurso e gestos**. A verdade, sugeria ele, jaz no alcance do resultado aberto e imprevisível do encontro de dois seres vivos (Chamberlain, 2022, p. 276, grifos nossos).

Dessa forma, com o dialogismo, Bakhtin apresenta um método para desfazer uma realidade ditatorial. Todavia, é importante destacar que, em termos de Linguística, Bakhtin é recebido no Ocidente, nos anos de 1970, pelo entusiasmo estruturalista, o que se diferencia do cenário que ocorre na Rússia, onde Bakhtin, como pensador e filósofo, encontrou somente na teoria da língua a possibilidade politicamente aceitável para se expressar, pois “sua tarefa filosófica passava pela comunicação não verbal e pela linguagem de rua para estabelecer um valor moral para a personalidade em sua forma mínima” (Chamberlain, 2022, p. 277).

Por outro lado, Marie-Anne Paveau, dos anos de 2015, 2017 em diante, reflete sobre a Análise do Discurso praticada na França há cerca de 50 anos e percebe que a questão do contexto, como elemento importante para a cena discursiva, estava sendo tratado como algo externo ao discurso, representando, assim, uma dicotomia, um dualismo: interno x externo. Para Paveau (2020), nas últimas duas décadas é possível identificar um movimento de mudança nas ciências humanas para superar dualismos, como esse citado.

O dilema, então, enfrentado pela autora era o de evidenciar que o ser humano faz parte do ambiente em que se encontra inserido, isto é, não é um ser cartesiano, transcendental e separado da natureza, o que significa que o ambiente também o constitui. Além disso, a interação, aqui discursiva e digital, acontece não somente com pessoas, mas também com os dispositivos tecnológicos nesses ambientes. Logo, a comunicação não pode ser entendida como somente constituída de elementos linguísticos, já que:

Essa concepção me leva a uma concepção ecológica da vida humana e, conseqüentemente, da produção linguageira, que é uma das principais atividades humanas: produzir discursos não será mais uma prerrogativa do ser humano, que possui um status excepcional e superior na natureza, mas será a manifestação de seu comportamento de estar vivo em seus ambientes, assim como os outros (Paveau, 2020, p. 18).

É com essa visão ecológica da vida, em que a espécie humana não se encontra separada do ambiente em que se encontra, numa visão pós-dualista, na qual a linguagem é constituída de

elementos linguísticos e não linguísticos, que Paveau (2020, 2021) traz suas contribuições para se analisar o discurso digital.

Por fim, na tentativa de contribuir para esse diálogo entre Bakhtin e Paveau, acredita-se que as noções teóricas defendidas por Muniz-Lima (2022) podem ampliar a discussão, no que diz respeito à interatividade dialógica nos ambientes digitais. Segundo a autora, três pontos estão presentes na interação digital: 1) controle da mídia, 2) caráter dialogal e 3) sincronicidade.

O primeiro diz respeito às funções tecnológicas do ambiente em que o discurso acontece, como exemplo: o usuário ter a opção de restringir comentários em suas publicações on-line ou ter a opção de apagar mensagens. A segunda característica acontece pelo que a autora propõe como gestão de vozes. Aqui, têm-se a gestão monogerida, em que o autor é o responsável pela organização composicional do texto, e a gestão poligerida, em que essa organização acontece através de mais de um participante simultaneamente. Já o terceiro ponto evidencia o tempo de resposta em algumas interações. Tendo em vista ser a *Web 2.0* marcada pela agilidade de compartilhamentos, é um indicador importante para a análise do tempo em que os interlocutores dialogam em suas interações.

Esses três pontos, brevemente tratados aqui, ilustram que as interações digitais seguem uma dinâmica diferente, a depender dos espaços em que se encontram, sendo o controle proposto, por cada ambiente, fulcral para organização da tecnodiscursividade. Além disso, a temporalidade é essencial para se pensar a dialogicidade dessas interações digitais.

Portanto, o que se propôs, reconhecendo os diferentes contextos de produção entre Bakhtin e Paveau, tendo Muniz-Lima como leitora de ambos os autores, foi uma interlocução entres esses teóricos no intuito de proporcionar uma contribuição para ambas e para os estudos do discurso, a partir de uma visada pós-dualista. Uma dessas contribuições é que Bakhtin (2017b) vai pensar o discurso de forma filosófica, isto é, para ele, o discurso é visto como um ato responsável, o que, mais uma vez, pode dialogar com Paveau (2015) e sua concepção de filosofia do discurso, ou como ela põe, virtudes discursivas.

4 A FILOSOFIA DA VIRTUDE DISCURSIVA DE MARIE-ANNE PAVEAU E A FILOSOFIA DO ATO EM MIKHAIL BAKHTIN: REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO DIGITAL COMO ATO RESPONSÁVEL

“[...] tudo em mim — cada movimento, cada gesto, cada experiência vivida, cada pensamento, cada sentimento — deve ser um ato responsável” (Bakhtin, 2017b, p. 101).

4.1 ENQUADRAMENTO TEMÁTICO: UMA INTRODUÇÃO CONTEXTUAL

A abordagem histórica do contexto em que uma teoria surge é imprescindível para a compreensão das influências que moldam as reflexões teóricas, principalmente em relação ao ambiente social em que elas se situam, pois pode revelar as possíveis limitações enfrentadas pelos pensadores de determinada época. Nesse sentido, impulsionado pelo seu contexto histórico (1920) na Rússia Stalinista, Mikhail Mikhailovitch Bakhtin inicia suas reflexões em torno da temática do ato responsável como forma de criticar a realidade soviética em que vivia, a qual, de acordo com Chamberlain (2022) era uma espécie de visão de mundo oficial que, além de espalhar o medo, afastava o mundo do ser humano. Para a autora, como ressaltado anteriormente, Bakhtin “[...] aceitou o desafio de mostrar o que tinha acontecido com o sujeito criativo sob a pressão política totalitária” (Chamberlain, 2022, p. 272).

Em termos de acontecimento histórico, a Primeira Guerra Mundial tinha sido concluída e a Rússia se encontrava em meio a uma guerra civil, seguida da revolução de 1917. Bakhtin, nesse cenário, viveu em um ambiente marcado por uma instabilidade social, o que o leva, em seu texto *Para uma filosofia do ato responsável*, a retratar o espírito da época, cuja crise, em sua opinião, não se resumia unicamente às crises político-sociais de sua época, mas, sim, a uma crise do ato contemporâneo, ou seja, havia uma separação entre o produto da realização do ato e o motivo que fez esse ato existir, diz Hirschkop (2021).

Essa dicotomia fazia do ato algo meramente mecânico e a solução para esse problema era o ato responsável, pois,

Quando faltava a responsabilidade, o ato em si desmoronava, nos seguintes termos: 'Todas as forças de realização responsável passam para um domínio autônomo da cultura, e o ato delas separado desce ao nível da motivação econômica ou biológica, perde todos os seus momentos ideais: tal é a condição da civilização' (TPA 55/50). Em linguagem mais simples: as normas (regras, leis, costumes) que deveriam fazer parte do ato tornam-se meras partes de uma 'cultura objetiva (consistindo de textos, obras, imagens etc.), enquanto o ato,

agora divorciado das normas, é guiado por algo como interesse próprio, autopreservação ou desejo de prazer. 'Civilização', neste contexto, é um problema; é uma forma de descrever uma sociedade que deu errado, que se tornou mecânica e sem valores, porque a cultura de alguma forma se perdeu, se desligou (Hirschkop, 2021, p. 32, tradução nossa).

Em relação a isso, Hirschkop (2021) esclarece que a preocupação de Bakhtin com o seu contexto é reflexo de um movimento maior envolvendo intelectuais europeus que sentiram os sintomas de uma crise cultural. Como exemplo, tem-se o livro do Oswald Spengler, *O declínio do ocidente* (1918), e o trabalho de Georg Simmel, *O conflito da era moderna* (1918). Esses trabalhos, no olhar de Hirschkop (2021), representam a cisão entre cultura e civilização, originando, em consequência, uma espécie de cultura sem vida (autônoma), isto é, alienada e distanciada das forças que a criaram.

Nesse sentido, o projeto de uma filosofia em Bakhtin é uma resposta a essa visão mecanizada da vida, ou melhor, da razão, a qual se apresenta divorciada dos propósitos humanos. O caminho para restaurar esse divórcio é justamente o ato responsável (a unidade única da vida). Para isso, Bakhtin precisou articular suas reflexões com as de outros pensadores. Em entrevista, Bakhtin (Bakhtin; Duvakin, 2012) afirmou que dava um curso de introdução à filosofia, abordando o pensamento de filósofos como Kant, o neokantismo, Hermann Cohen, Rickert e Cassirer, o que pode sinalizar sua íntima relação com a reflexão filosófica e como suas reflexões acerca da linguagem, literatura e cultura estavam ligadas a preceitos filosóficos.

O trabalho de Sobral (2017a) demonstra meticulosamente cada interlocução filosófica que Bakhtin teve: de Aristóteles, o autor russo adota a ideia do ser como sendo aquele concretamente realizado e não substancial, cujo ato, em seu processo de constituição, realiza uma potência. Aqui, o ato indica a potência que o originou, diferente do cenário em que Bakhtin se encontrava, cujo ato estava divorciado da potência que o fez surgir.

Em relação a Platão, Bakhtin descarta de imediato os aspectos metafísicos, mas concorda que o sujeito deve ser o mediador entre as ações possíveis e das ações que ele realiza, logo, o ser aqui está envolvido com o mundo no processo de interação. Bakhtin, ao descartar o aspecto metafísico, deixa claro sua rejeição a qualquer pensamento que resume a vida em uma busca por uma verdade absoluta e imutável, visto que a vida é historicamente situada e moldada pelas interações. É nesse mundo concreto, historicamente situado, que o ser está, mas não de forma passiva. É possível ver aqui, segundo Sobral (2017a), o diálogo com Husserl, do qual Bakhtin adota o pensamento de que é nesse mundo vivido que os seres têm seus atos de maneira intencional.

Aqui já se torna possível refletir sobre os aspectos que aproximam esse posicionamento de Bakhtin com o contexto atual de interação digital. A crise social que Bakhtin sentiu em sua época, que separava cultura e civilização, mecanizando a vida, é uma espécie de preocupação que retorna na contemporaneidade, quando é possível presenciar comportamentos digitais divorciados de uma responsabilização. Como exemplo, a disseminação de *Fake News*, graças à velocidade de compartilhamentos, compromete a confiabilidade e qualidade das interações, o que, em um olhar bakhtiniano, aproxima-se a uma espécie de cultura sem vida.

Baseado na forma como Bakhtin dialoga com o pensamento de Aristóteles, sobre o ser concretamente realizado e não substancial, no ambiente digital as interações das pessoas são formas concretas de evidenciar uma identidade digital, ao realizar uma certa potência nos atos de interação. De forma complementar, com Platão, Bakhtin compreende esse ser como mediador entre as ações possíveis e as ações realizadas (Sobral, 2017a). Isso se aplica ao contexto digital, quando se entende que as pessoas que interagem são mediadoras das informações e conteúdos que compartilham, evidenciando escolhas de como interagir perante o vasto fluxo de informações possíveis.

Quando Bakhtin concorda com a ideia de que a vida é historicamente situada e moldada pelas interações (Sobral, 2017a), as quais estão no mundo vivido de Husserl através de atos intencionais, os ambientes digitais são lugares onde o vivido acontece através de atos valorativos, a título de exemplificação: o postar, o curtir, o compartilhar etc. Enfim, essas ideias quando usadas para refletir sobre comportamentos digitais servem para ilustrar como as pessoas constroem suas relações nos ambientes digitais, influenciando a cultura digital.

Um dos nomes que não pode ficar de fora desse breve enquadramento é o de Kant, o qual Bakhtin conhecia grandemente, mas sobre o qual também teceu críticas, em certos pontos. Segundo Sobral (2017b),

[...] Bakhtin recusa o sujeito transcendente e o inevitável teoreticismo dos imperativos kantianos e de suas teses universalizantes. Recusa ainda a "solução de compromisso" que Kant propõe entre racionalismo e empirismo (e que acaba por pender para o racionalismo). Bakhtin propõe então que o uso de categorias para apreender o mundo é parte da realidade do sujeito humano, mas, longe de transcendental, ocorre num dado lugar e num dado momento por meio do agir de um sujeito situado na sociedade e na história (incorporando os materialistas marxistas). Um agente responsável por seus atos, constituído pelo outro e constituinte do outro, o que serve de base à proposição de sua filosofia ética do ato, da vida, do processo, proposição que constitui a base das teorias linguísticas, discursivas e estéticas do Círculo (Sobral, 2017b, p. 147).

Em um ambiente digital, pensar em um sujeito transcendental é um desafio, pois os próprios ecossistemas de interação permitem a existências de diferentes sujeitos, os quais podem evidenciar suas vozes sociais. É possível afirmar que cada ser¹⁹ no ambiente digital é um agente responsável, pois interage com outros e compartilha conhecimentos com eles.

É claro que Mikhail Bakhtin e o Círculo possuem reflexões que dialogam com outros pensadores, contudo, para os propósitos desta investigação, acredita-se que os pensadores aqui citados sejam suficientes para ilustrar como as reflexões filosóficas em Bakhtin proporcionam uma possibilidade para se refletir sobre comportamentos em ambientes digitais.

Diferente do contexto em que Bakhtin se encontrava, é o momento histórico em que Marie-Anne Paveau está situada. Como já apontado anteriormente, a autora estabelece uma crítica às teorias discursivas de sua época, na França, por serem logocêntricas e egocefalocêntricas. Essa crítica está no livro *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*, publicado em 2017, na França e com tradução para o Brasil, em 2021. Bem antes de 2021, grandes quadros de análises do discurso (Pecheuxiana, Análise Crítica e Dialógica) já estão estabelecidos e em discussão em solo brasileiro. Com a tradução desse livro no Brasil, as reflexões em torno do discurso digital ganharam uma nova abordagem com o pensamento de Paveau. Contudo, é válido ressaltar que já havia outras publicações da autora aqui, em território brasileiro, como os livros *Linguagem e moral: uma crítica das virtudes discursivas* (2015) e *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição* (2013).

A época em que Paveau publica seu livro investigando a questão da filosofia discursiva e as questões morais inerentes a ela é o ano 2013, na França. Esse livro é traduzido e publicado no Brasil somente em 2015 pela Unicamp. Assim, é possível afirmar que as questões do discurso digital e a forma como Paveau o aborda se intensificam com a publicação de seu livro aqui, em 2021.

São dois pontos importantes que servem de contextualização para entender o pensamento de Paveau sobre o discurso digital e como começa a surgir o pensamento em relação a uma moral discursiva. O primeiro diz respeito a questões pós-dualistas e não-logocêntricas, anteriormente abordadas. Sobre o segundo ponto, está relacionado à questão não-

¹⁹ Esta pesquisa adota os termos “ser” ou “ser da existência”, na perspectiva que Sobral e Pires (2013) usam para falar do estatuto ontológico do sujeito na teoria Bakhtiniana. Para esses autores, em Bakhtin, o ser/sujeito não é uma entidade isolada, uma categoria abstrata ou geral, mas alguém que se constitui na relação com o outro — constante diálogo consigo mesmo (eu-para-mim) e com os outros (eu-para-o-outro). Assim, na teoria bakhtiniana, há uma impossibilidade de definição desse ser, pois identidade é compreendida como um constante tornar-se (inacabado). Além disso, essa constituição é um processo contínuo de negociação e identificação, que acontece em um mundo concreto-transfigurado, ou seja, não em uma realidade apenas dada, mas em uma realidade interpretada, simbolizada, em outras palavras, valorizada. A linguagem, nessa perspectiva, assume um caráter primordial, pois esse ser se forma nas interações dialógicas.

logocêntrica. Paveau, após afirmar a importância em considerar o ser humano em uma perspectiva pós-dualista, constituído pelo ambiente em que se encontra, vai buscar, na antropologia simétrica de Bruno Latour²⁰, o termo “simétrico” para caracterizar a nova forma de compreensão da construção linguageira.

Em 1991, Bruno Latour publicou seu ensaio “*Jamais fomos modernos*”, com primeira tradução para o Brasil, em 1994. Neste trabalho, ao questionar o conceito de moderno, o autor chega à conclusão de que esse termo apresenta dois vieses de significado, ou melhor, representa dois conjuntos de práticas: “o primeiro conjunto de práticas cria, por ‘tradução’, misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por “purificação”, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro” (Latour, 2019, p. 20–21).

A espécie humana é considerada moderna se essas duas práticas forem concebidas separadamente. Contudo, se levadas em conta simultaneamente, o ser humano, segundo o pensamento do autor, perde o *status* de moderno. É diante dessa constatação que Latour (2019) busca um elo entre esses dois projetos, chegando à hipótese de que a existência do primeiro grupo, dos híbridos, surgiu a partir do segundo.

Em sua busca interpretativa, o autor entende que para se compreender o humano, na conjuntura acima descrita, faz-se necessário devolver a ele a sua outra metade constitutiva: a das coisas. Todavia, torna-se impossível achar para esse humano uma essência, visto que sua história, além de demasiadamente extensa, é, por consequência, impossível de ter um acabamento. O próprio Bakhtin, sobre essa questão ontológica, chegou a afirmar que para viver é preciso ser inacabado, em suas palavras “minha relação com os objetos do meu horizonte nunca é concluída, mas sugerida, pois o acontecimento da existência é aberto em seu todo; minha situação deve mudar a todo momento, não posso me demorar ou ficar em repouso” (Bakhtin, 2023, p. 157).

Constatando essa instabilidade do ser humano, Latour (2019, p. 172) afirma que “se o humano não possui uma forma estável, isso não quer dizer que não tenha nenhuma forma”. Argumento válido o de Latour, o qual pode ser complementado com o de Bakhtin (2023), ao abordar a arquitetura do ser: o eu-para-mim vivencia seu eu de forma inacabada, enquanto o outro-para-mim o proporciona um acabamento relativo.

É nessa dinâmica de interação eu-outro que Latour enxerga a fonte do problema de acabamento ontológico no que diz respeito às discussões em torno da modernidade. O autor

²⁰ LATOUR, B. **Nous n’avons jamais été modernes**. Essai d’anthropologie symétrique. Paris: La Découverte, 1997.

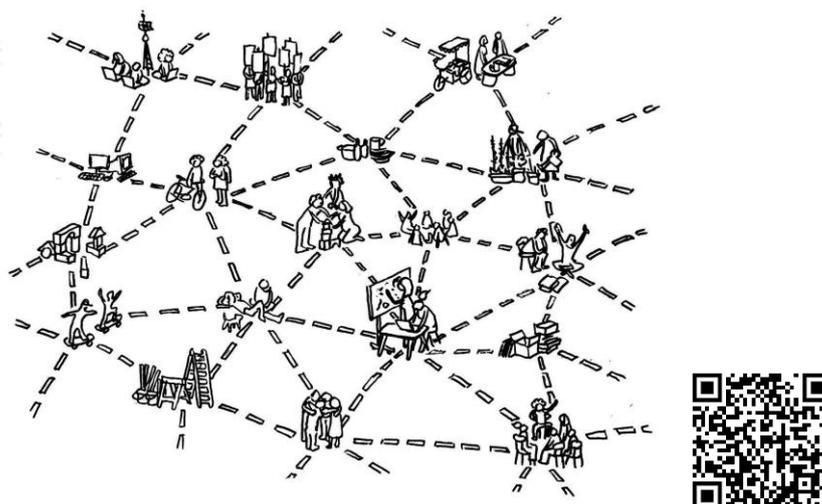
levanta o questionamento se os objetos e seres não-humanos representam uma ameaça para a constituição humana, tendo em vista que foram criados por ela. Sobre essa indagação, a resposta de Latour (2019) é:

De onde vem a ameaça? Em parte daqueles que desejam reduzi-lo a uma essência e que, ao desprezarem as coisas, os objetos, as máquinas, o social, ao cortarem todas as delegações e todos os passes, ao construírem por preenchimento níveis homogêneos e plenos, ao misturarem todas as ordens de serviço, tornam o humanismo uma coisa frágil e preciosa esmagada pela natureza, pela sociedade ou por Deus (Latour, 2019, p. 173).

Um humanismo redistribuído é o caminho encontrado por Latour (2019) como resposta ao reducionismo humanista dos modernos, pois o humano está intrinsecamente relacionado em ações de compartilhamento²¹. Em outras palavras, o que define a espécie humana é a sua interatividade (com humanos e não-humanos), e não um encaixotamento em uma categoria simples.

Ao revisar a teoria de Latour (2019), é possível ver que o antropólogo nomeia sua teoria de “Ator-Rede” para indicar que a sociedade é formada por humanos e não humanos, não de forma separatista, mas em interação. A seguir, uma ilustração baseada nessa teoria.

Figura 6 — Pessoas em rede



Fonte: Wikimedia (2013)²²

²¹ “Para Bruno Latour, a sociologia não leva em conta seriamente o papel dos objetos na formação das associações (as “massas ausentes”) (LATOURE, 1992). Por dar ênfase ao sujeito humano, ele chama essa sociologia antropocêntrica de ‘sociologia do social’, destacando a necessidade de pensarmos o social como coletivo que se produz de forma híbrida entre quasi-sujeitos e quasi-objetos (expressões estas de Michel Serres). Ele propõe passarmos de uma ‘sociologia do social’ para uma ‘sociologia das associações’ ou ‘associologia’, fiel à origem do termo social (‘o que associa’), inspirado em Gabriel de Tarde” (Lemos, 2022, p. 472).

²² Fonte: https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Personas_en_red.jpg. Acesso em: 22 ago. 2023.

De acordo com Lemos (2022), mediação e rede são dois conceitos basilares do pensamento de Latour. O primeiro diz respeito à maneira como várias partes se conectam em determinadas situações, isto é, nada acontece isoladamente, pois há influências de outros sobre um determinado acontecimento. O segundo diz respeito ao fato de que todas essas partes apontadas na mediação formam uma espécie de rede, a qual mantém todos os elementos unidos e em movimento.

Como se pode empreender, a novidade no pensamento de Bruno Latour, de acordo com Lemos (2022), é que as ciências sociais costumavam apenas se concentrar em relações entre humanos, já a teoria Ator-Rede leva em conta não somente o aspecto humano nessa empreitada, mas, também, os objetos, as tecnologias etc. como possuidores de papéis importantes na formação das relações.

Assim, sendo a sociedade uma espécie heterogênea de uma assembleia social de humanos e não humanos (conceitos, símbolos, ideias, etc. também) — por isso, simétrica — Paveau (2015; 2020 e 2021) entende as materialidades do mundo, junto com os conceitos, valores, entre outros, como o não linguístico. Para a autora, esse não linguístico não é visto como um simples pano de fundo para o linguístico, mas como copartícipe da construção do linguístico. Além disso, Paveau (2015) ressalta, ainda, que as concepções interacionistas da linguagem já integravam o não linguístico de forma semelhante, contudo, eram focadas no humano, isto é, egocentradas.

Sendo, então, os valores como partícipes da construção linguística, Paveau se propõe a fazer um diálogo com filósofos a fim de empreender uma filosofia do discurso. Assim, em seu livro *Linguagem e moral: uma crítica das virtudes discursivas*, Paveau (2015) faz um diagnóstico sobre o estatuto da ética nos estudos da linguagem. Sua conclusão é que, mesmo reconhecendo trabalhos que abordam a temática da moral e do valor discursivos desde os anos 1970, as questões que envolvem a moralidade não pertencem ao programa da linguística, com sua objetividade atribuída à abordagem saussuriana.

Um exemplo elucidativo desse cenário, segundo Paveau (2015), é a noção de “ética da discussão” ou “ética do discurso”, elaborada por Apel (1994)²³ e Habermas (1992)²⁴. Essa concepção, além de apresentar uma inclinação teórica neokantiana, afirma estar nas relações de comunicação — e não nas formas das palavras — a dimensão ética. Assim sendo, pode-se perceber, segundo Paveau (2015), que a ênfase dessa ética discursiva não está na materialização linguística, nas palavras, mas, sim, na ação comunicativa. Dessa forma, mesmo existindo uma

²³ APEL, Karl-Otto. *Éthique de la discussion*. Trad. M. Hunyadi. Paris: Éditions du Cerf, 1994.

²⁴ HABERMAS, Jürgen. *De l'éthique de la discussion*. Trad. M. Hunyadi. Paris: Flammarion, 1992.

‘virada linguística’ da sociologia crítica, isto é, uma preocupação em entender a relação da linguagem e a realidade social, para esta autora, a virada axiológica da linguística — o papel dos valores nas construções discursivas — não foi inaugurada.

Considerando esse cenário e na busca por indagar eticamente a linguística, Paveau (2015, p. 24) propõe a noção de “virtudes discursivas” para caracterizar que “[...] no conjunto dos usuários de uma língua tomada nos contextos culturais, históricos e sociais, realmente existem critérios morais para a produção discursiva”. Em outras palavras, “[...] existe certo número de critérios que, em certa época, lugar e sociedade, definem para os usuários do discurso a aceitabilidade moral de um enunciado” (Paveau, 2015, p. 26). Isso acontece de três maneiras: 1) ajuste do discurso ao mundo, traduzido pela ideia de verdade; 2) ajuste do discurso às memórias discursivas que o informa e possibilita e 3) ajuste do discurso às normas de relações com os agentes, admitidas numa sociedade.

Assim, para evidenciar a noção de virtudes discursivas, a autora demonstra, primeiro, o que entende por moral. Reconhecendo que existem longos trabalhos que se propõem a diferenciar moral e ética, a síntese desses trabalhos, para ela, é que moral e ética são tratadas como tendo significados distintos: a moral estaria mais relacionada à prática e à normatividade, enquanto a ética, de forma analítica, descreve os usos e costumes da espécie humana. Em contrapartida, cabe ressaltar que ela também reconhece a existência de pensadores que enxergam esses dois fenômenos como sinônimos, como o caso em Filosofia moral e analítica, nas obras francesas e anglo-saxônicas. Diante dessas investigações entre o par moral e a ética, Paveau está mais vinculada à noção de R. Ogien, o qual entende ética como aquela que qualifica a relação do indivíduo consigo mesmo e, a moral, a relação do indivíduo com os outros (Paveau, 2015).

Paralelo a isso, é preciso explicitar as três grandes correntes que se propõem a abordar o problema da moral — deontologismo, consequencialismo e ética das virtudes — e como a noção de Paveau se encontra em relação a elas. A deontologia possui um viés kantiano, que afirma ser o comportamento moral resultante de injunções/imposições universais e exteriores à escolha dos indivíduos. Por outro lado, o consequencialismo, ou melhor, utilitarismo, enxerga os comportamentos morais como aqueles que apresentam consequências boas e úteis para o indivíduo. Contrariamente a esses dois posicionamentos, Paveau se filia à ética das virtudes, que é proveniente da ética aristotélica e que consiste em considerar o comportamento moral se estiver conforme os valores adotados por um indivíduo ou grupo.

O respeito a esses valores já não é uma questão de injunções externas nem de consequências da ação, mas é garantida pelas disposições e pelas motivações do agente: a virtude está vinculada à pessoa do agente e não mais a suas ações ou às normas que ele deva respeitar [...] nessas condições, é moral aquilo que diga respeito à virtude dos agentes. É essa perspectiva que adoto para propor uma teoria das virtudes discursivas” (Paveau, 2015, p. 34).

Nessa perspectiva, os valores não são tidos como uma imposição externa, mas advindas do interior dos agentes, ou seja, de suas disposições e motivação. Inspirada no pensamento de Latour ([2005], 2007), Paveau afirma que a linguística simétrica não se propõe a ser uma linguística de marcas, mas uma “[...] reflexão sobre a maneira como a língua e o discurso são integrados num processo global de produção de sentido” (Paveau, 2015, p. 53), e, nesse sentido não há, necessariamente, marcadores linguísticos do que vem a ser o bom discurso, como aponta Paveau, na esteira de Plantin (2002). Logo, “[...] é preciso considerar uma linguística que não se contente com provas pelas marcas ‘puramente’ languageiras ou discursivas, dentro de um programa mais global de interpretação dos usos da linguagem na *realidade* dos ambientes” (Paveau, 2015, p. 54).

Portanto, Bakhtin (2017b), ao destacar a importância do ato responsável e as motivações éticas, e Paveau (2020, 2021), em sua abordagem simétrica, evidenciando a interação humano-máquina e/ou humano-ambiente na produção discursiva, contribuem para a realização de uma análise abrangente do discurso digital, uma vez que com o pensamento bakhtiniano é possível apontar os interactantes da produção discursiva como responsáveis pela construção discursiva e com Paveau isso se amplia ao acrescentar não somente os elementos não linguísticos, mas o próprio ambiente nesse processo de construção comunicativa digital.

4.2 UM DIÁLOGO ENTRE MARIE-ANNE PAVEAU E BAKHTIN: AS TRAMAS DO DISCURSO DIGITAL

Uma das características do Círculo russo eram os constantes diálogos e discussões a respeito de teorias que estavam em evidência em seu contexto. Nesse espírito de dialogar, de encontrar pontos de encontro entre teorias, é possível, neste ponto, estabelecer uma interlocução teórica entre as filosofias em Bakhtin e Paveau, com vistas a identificar aproximações conceituais ou contribuições para reflexão da ética discursiva. Semelhante a Paveau, que não concebe a noção deontológica em que a moral é vista de forma universal e imposta aos indivíduos, pode-se entender que Bakhtin segue um pensamento parecido, pois afirma que:

Não existem normas morais determinadas e válidas em si, mas existe o sujeito moral com uma determinada estrutura (não, obviamente, uma estrutura psicológica ou física), e é sobre ele que necessitamos nos apoiar: ele saberá em que consiste e quando deve cumprir o seu dever moral, ou, mais precisamente, o dever (porque não existe um dever especificamente moral) (Bakhtin, 2017b, p. 47–48).

Assim como Paveau pontua sua escolha, Bakhtin salienta que o dever (a questão moral) é um ato de resposta do indivíduo, que não se encontra externo a ele, mas que parte de seu interior. Esse posicionamento é uma clara reformulação crítica às posições filosóficas de Kant, que, em seu imperativo categórico, entende o dever como algo formal, não considerando o elemento individual-histórico que faz parte do ato e o torna um ato responsável.

Logo, em Kant, o dever-ser é uma abstração que se distancia da vida singular dos indivíduos — o que Bakhtin entende como insuficiente quando se trata de ato na vida concreta. Ao reconhecer o papel fundamental do elemento individual-histórico na moralidade, implica-se considerar que a ação ética não surge de uma formulação abstraída da realidade, de um conjunto de regras universais, pelo contrário, ela eclode da vida singular de cada indivíduo que vivencia, de forma valorativa, a vida em seu contexto singular (Sobral, 2017a). Por isso, o ato é responsável, pois parte de dentro do ser da existência, o qual se posiciona em relação a algo e se encontra inserido em determinados lugar histórico e contexto social.

Por isso que Paveau (2021), ao abordar a ética do discurso digital diz:

A ética do discurso digital é o conjunto dos critérios de aceitabilidade dos discursos produzidos na internet em relação aos valores reconhecidos pelos usuários em um espaço e tempo dados [...] Não falaremos aqui de ética como um conjunto de critérios normativos que definem princípios transcendentais e consideram como transgressivos os discursos que não se conformam a eles; preferimos considerar a ética dos discursos como uma ética dos valores intersubjetivamente negociados pelos atores da produção verbal na internet [...] (Paveau, 2021, p. 195).

É possível perceber que Paveau abraça uma ética das virtudes que tem relação com a ética Aristotélica, ao entender que um comportamento será moral se estiver em conformidade com os valores adotados por um indivíduo ou grupo e Bakhtin, de Aristóteles, aponta Sobral (2017a, p.18), compreende o ato “[...] como elemento que realiza a potência, que a faz vir a existir, dado que só pelo ato se identifica a potência que o originou [...]”, em outras palavras, Paveau e Bakhtin vão entender o comportamento ético como a realização da potência humana por meio de ações que evidenciam os valores adotados.

Diante dessa reflexão, é possível perceber que o comportamento digital — no que diz respeito ao discurso digital — é uma forma de expressar essa potência. De forma ética, implica entender a interação digital como um espaço para utilização e construção responsável de discursos. Responsável, no sentido bakhtiniano, porque não é o conteúdo em si (linguístico ou não) que faz o ser assumir uma responsabilidade, mas, sim, a sua decisão de aceitar o compromisso para com aquele conteúdo no fazer do ato. Portanto, não é uma imposição moral (abstrata e universal como em Kant) externa ao indivíduo digital, mas um comportamento que surge a partir dos valores adotados pelo indivíduo ou grupo, em determinado contexto digital.

Retornando a Paveau (2015), é possível afirmar, segundo a autora, que há uma dimensão ética que integra as produções verbais e dos intercâmbios comunicacionais. A título de exemplo, no discurso leigo pode-se observar análises e juízos de valor nas produções e trocas verbais. Na cultura de letramento, é possível identificar observações normativas e puristas sobre a língua (higiene verbal), ou seja, a atitude valorativa é questão natural dos falantes, pois falar, além de realizar um ato, conforme Bakhtin (2017b), é, também, diz Paveau, avaliar as palavras, próprias e alheias — o que Bakhtin entende ser a própria natureza da língua: um ponto de vista heterodiscursivo e avaliador sobre o mundo — além disso, o próprio discurso científico (dos linguistas) “[...] está repleto de juízos valorativos [...]” (Paveau, 2015, p. 39).

Outro ponto de diálogo entre Paveau e Bakhtin diz respeito à extrema instabilidade dos sentidos das palavras, aspecto que, para Paveau (2015), significa que os contextos culturais e históricos vão colocar em jogo a responsabilidade enunciativa dos locutores, algo que a filosofia do ato responsável de Bakhtin (2017a) evidencia:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, **jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo**. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em um novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: **cada sentido terá sua festa de renovação**. Questão do *grande tempo* (Bakhtin, 2017a, p. 79, grifos nossos).

No pensamento de Paveau (2015), a virtude discursiva é marcada pela plasticidade axiológica, na qual os valores são plásticos, isto é, modificáveis e adaptáveis. Logo, um enunciado que seja considerado não virtuoso pode, na dinâmica da interatividade, mudar e se

ajustar aos agentes, mundo e discursos. Essa adaptabilidade e esse reajuste do discurso dialoga com o que Bakhtin (2017a) já havia apontado, ao afirmar que os sentidos jamais são estáveis, pois mudam e se renovam no desenvolvimento do diálogo.

Assim, o retorno festivo de Bakhtin (2017a) e a plasticidade axiológica de Paveau (2015), apesar de serem pensamentos elaborados em épocas distintas, apresentam um ponto em comum: a natureza dinâmica e adaptável dos sentidos axiológicos. No âmbito digital, essas reflexões proporcionam pensar a interatividade digital como lugar em que discursos são reajustados/adaptados aos valores adotados pelos agentes, representando a fluidez da interação, na qual os sentidos sempre possuem um retorno festivo, isto é, renovado.

Dando continuidade à discussão, em trabalhos anteriores, Paveau (2013) cunhou o termo “pré-discursivo” para retratar um conjunto de saberes e práticas que incidem na produção e interpretação do sentido em discurso. Junto a isso, ela diz ser favorável a um “realismo modulado e moderado”, o qual reconhece que o ambiente onde a ação humana de comunicação acontece desempenha um papel na constituição de uma ética linguística. Assim, sua proposta filosófica do discurso é que “[...] o falante é considerado também um agente moral, psíquico e emocional, e os dados languageiros em contexto são examinados a partir de uma concepção filosófica da relação entre linguagem, mundo e espírito” (Paveau, 2015, p. 49).

A autora, ao apontar o ambiente como participante da constituição de uma ética linguística, critica as noções que focalizarão a responsabilidade unicamente no indivíduo:

Tenho ressalvas acerca dos outros aspectos da noção de responsabilidade enunciativa, que me parecem centrados demais no falante como fonte da fala e estão bem pouco voltados para os ambientes e os âmbitos interativos. Minha concepção está bem próxima daquilo que F. Varela chama de "competência ética", noção elaborada a partir do âmbito da filosofia budista baseada numa concepção não egocentrada do sujeito, portanto, não de suas produções verbais. Em *Quel savoir pour l'éthique? Action, sagesse et cognition* (1995), ele explica que **a competência ética se baseia numa relação de alguém consigo mesmo que orienta as condutas práticas e configura uma relação com os ambientes, humanos e não humanos**. Para F. Varela, assim como para os pensadores do budismo, a ética nunca está prevista num corpo de máximas normativas ou mesmo num dispositivo mais flexível baseado no valor, mas se manifesta como um problema que sobrevém, segundo o mecanismo da emergência (Paveau, 2015, p. 218, grifo nosso).

O que chama a atenção nessa citação é justamente a questão da interação. A autora critica a noção da responsabilidade enunciativa, que é egocentrada, e adota a noção de competência ética, na qual a marca é a interação, não somente entre humanos, mas entre não humanos e ambientes também. Apesar de Bakhtin (2017b) apontar o ser humano como centro

valorativo, sendo ele o que vai ter o ato responsável, a questão da interação não termina no indivíduo de maneira individualizada, ou melhor, egocentrada.

O autor russo é contundente ao afirmar a concretude do ato no mundo real e não no psíquico, além de ressaltar que o ser desse ato o faz de maneira participativa, pois “este existir não é definível pelas categorias de uma consciência teórica não participante, mas somente pelas categorias da participação real, isto é, do ato, pelas categorias do efetivo experimentar operativo e participativo da singularidade concreta do mundo (Bakhtin, 2017b, p. 59).

Como no pensamento de Bakhtin (2017b) um evento só pode ser pensado de modo participativo, situado concretamente no mundo, logo, pensar sobre a dinâmica digital é entender o ato responsável como um evento participativo nos ambientes de interação digital, o que, na lógica de Paveau (2015), traduz-se na sua noção de competência ética.

A título de exemplificação dessas discussões, em seu livro *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*, Paveau (2021) apresenta um verbete sobre Ética do discurso digital. A autora apresenta, de início, a questão da integridade discursiva, apontando a publicação de informações sobre uma pessoa, sem seu consentimento, como exemplo de transgressão, calúnia etc., variando em cada caso. Isso leva à reflexão sobre as questões de direito de imagem, o que é público e o que é privado.

Em outro ponto, focalizando a publicação de discursos on-line, ela diz:

Os critérios de aceitabilidade moral da publicação dos discursos on-line, seja de produções criativas ou de dados pessoais, não podem, portanto, ser estabelecidos com antecedência nem aplicados de fora, mas **devem se apoiar sobre as representações e os conhecimentos dos próprios internautas** (Paveau, 2021, p. 201, grifos nossos).

Esses exemplos ilustram a responsabilidade do agente para a construção e, também, a interpretação dos discursos, isto é, não é uma questão abstrata, universal que vem de fora para o sujeito, mas, trazendo o pensamento de Bakhtin para refletir a situação, é algo que parte de dentro dos agentes, o que está em alinhamento com a ideia de competência ética evidenciada por Paveau anteriormente.

Por fim, Paveau (2021) discute a questão da verdade frente aos exemplos de pseudônimos e *fakes*. Para ela, a possibilidade de mentir sobre sua identidade pode proporcionar espaços para outras transgressões e violências digitais. A autora conclui que não há estudos focados no funcionamento dos pseudônimos, pois, os trabalhos se limitam a investigar a questão da identidade digital. Assim sendo, é possível afirmar que as contribuições de Bakhtin (2017b)

sobre o ato responsável e a questão da insubstituibilidade na existência (o não-álibi) sejam parâmetros para futuros aprofundamentos dessa questão.

Portanto, pensar as tramas do discurso digital é compreender que nos ambientes de interação, os grupos estão situados em momentos históricos sociais específicos, que refletem valores sociais adotados pelos membros da comunidade, neste caso, a comunidade digital. Contudo, os sentidos não são estáveis, logo, tendo em vista a temporalidade digital, é preciso considerar o sucessivo desenvolvimento das significações e valores nos ambientes digitais de interação social. É nesses ambientes que os comportamentos são atos responsáveis, pois, além de serem gestos valorativos, evidenciam que não existem normas morais universais, mas, sim, o ser moral com uma estrutura específica que determina seu dever moral, em tempo e espaço situados. Em outras palavras, é de dentro do ser, e não de fora, que a ética e a responsabilidade nascem, o que se reflete nos comportamentos digitais.

5 COMPORTAMENTOS DIGITAIS À LUZ DA FILOSOFIA MORAL DO ATO RESPONSÁVEL

Nenhuma corrente científica (nem charlatona) é total, e nenhuma corrente se manteve em sua forma original e imutável. Não houve uma única época na ciência em que tenha *existido* apenas uma única corrente (embora quase sempre tenha existido uma corrente dominante). Não se pode nem falar de *ecletismo*: a *fusão* de todas as correntes em uma única seria mortal para a ciência (se a ciência fosse mortal). Quanto mais delimitações, melhor, desde que sejam delimitações benevolentes. Sem brigas na linha de delimitação. Cooperação. Existência de zonas fronteiriças (nestas costumam surgir novas correntes e disciplinas) (Bakhtin, 2017a, p. 27–28).

No percurso metodológico e analítico deste estudo, o fio condutor é a superação da visão dualista entre o ser humano (e sua atividade linguageira) e a máquina (e os recursos digitais) no contexto digital. Essa superação está fundamentada em uma perspectiva pós-dualista, que direciona a investigação dos fenômenos de interação linguageira em ambientes digitais. Nessa perspectiva, o linguístico e o digital são indivisíveis no discurso concebido como fenômeno da linguagem digital (Paveau, 2020). Nas próximas subseções, são apresentadas as decisões metodológicas adotadas para a realização da análise, discutindo-se como a filosofia do ato responsável em Bakhtin (2017b) e a concepção não-logocêntrica de linguagem, presente no Círculo, contribui para a reflexão sobre os modos de interagir em contexto digital em interlocução teórica com Paveau (2021), ao estabelecer as características da tecnodiscursividade, e Santaella (2021), ao investigar a natureza hipermidiática da linguagem digital.

5.1 DECISÕES METODOLÓGICAS

Segundo Muniz-Lima (2022), gêneros acadêmicos como a tese de doutorado ou, neste caso, a dissertação de mestrado, apresentam características construtivas que podem dificultar a representação da dinamicidade do discurso digital na materialidade impressa. Tendo isso como pano de fundo, esta investigação dialoga com Muniz-Lima (2022), no que diz respeito ao procedimento metodológico para investigação de fenômenos de interação digital, uma vez que a autora, para apresentar exemplos imagéticos dinâmicos e sonoros do *corpus*, buscou alternativas para representar esse sistema semiótico.

5.1.1 Parâmetros da pesquisa: caracterização e escopo da amostra

Esta investigação classifica-se como de caráter teórico-dedutivo, pois são apresentadas reflexões sobre os conceitos de linguagem não-logocêntrica, ato responsável e não-álibi da existência, ao mesmo tempo em que esses conceitos são analisados em relação à construção de discursos digitais. Para tanto, foi adotada uma análise hipotético-dedutiva, pois se percebe, na perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, a viabilidade de se abordar atividades languageiras em ambientes digitais, como atos responsáveis. Dessa forma, ao se diligenciar os princípios filosóficos e não-logocêntricos presentes na concepção do Círculo à concepção filosófica de Bakhtin, é possível alcançar uma compreensão mais abrangente do fenômeno linguageiro no universo digital. Assim, a análise buscou evidenciar como algumas interações discursivas em ambientes digitais são passíveis de uma análise à luz da filosofia do ato responsável de Mikhail Bakhtin.

Considerando, assim, o caráter hipotético-dedutivo desta pesquisa, buscou-se em Muniz-Lima (2022) a orientação processual da análise: 1) observação de um conjunto de interações digitais; 2) identificação dos aspectos que evidenciam a construção não-logocêntrica desse conjunto e 3) evidenciação dos atos responsáveis na interação digital.

Por fim, o recorte analítico envolveu a observação de alguns modos de interação que se configuraram com algumas mídias digitais, como *X*, *TikTok*, *Instagram* e webnotícias dos *sites Terra*, *O Globo* e *Estadão*. A seleção desse escopo de análise pauta-se nos seguintes critérios: webnotícias que abordam comportamentos digitais, enfatizando a temática da responsabilização e, no que diz respeito às redes sociais citadas, foram abordadas nas webnotícias selecionadas.

Seguindo a esteira de Muniz-Lima (2022), esse percurso metodológico e recorte analítico objetivaram indicar potencialidades analíticas no âmbito da interação digital, que, neste caso em específico, compreende que a linguagem não-logocêntrica dessas interações, presentes no processo de construção de sentidos, são passíveis de uma análise à luz da filosofia do ato responsável.

5.1.2 Procedimento de coleta e análise de dados

A metodologia de coleta de dados utilizada nesta pesquisa, a qual busca enquadrar o estudo do ato responsável nas interações tecnolinguageiras, segue o percurso de Muniz-Lima (2022) ao adotar uma abordagem ecológica, conforme descrito por Paveau (2020; 2021), para análise do fenômeno digital. Diante disso, optou-se por utilizar os recursos de *QR codes*, *Links*

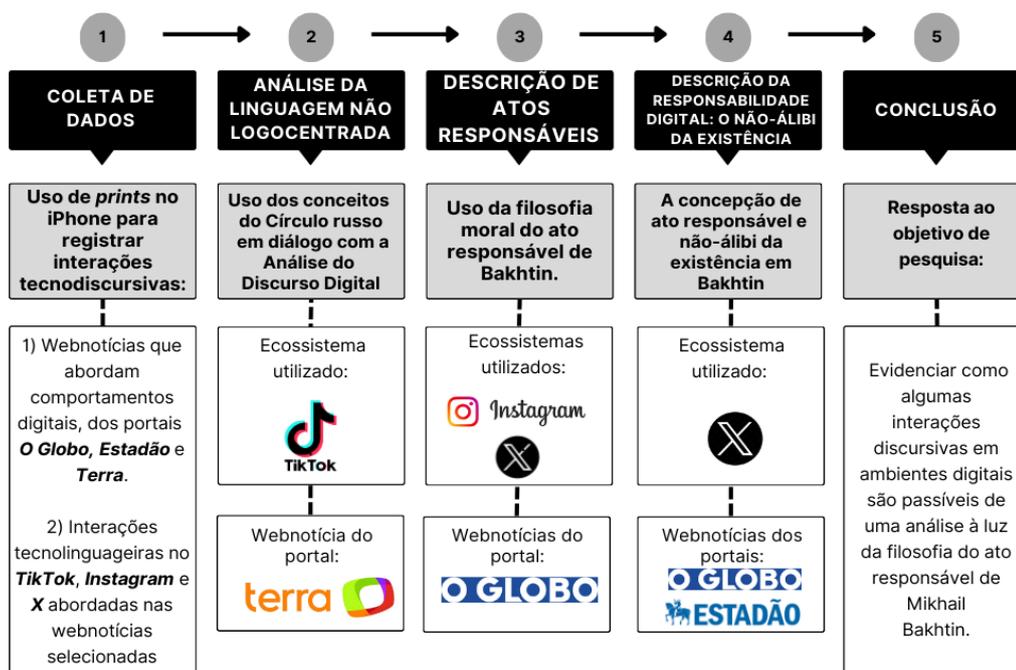
e de *print* de tela, disponibilizado no *iPhone* do pesquisador, com objetivo de garantir a observação simétrica da interação tecnodiscursiva.

O procedimento de análise de dados foi organizado em três etapas, a fim de se chegar a reflexões que contribuíssem para responder ao objetivo desta dissertação: analisar, a partir de uma postura não-logocêntrica da linguagem, como comportamentos digitais, entendidos como práticas discursivas, são passíveis de análise à luz de uma filosofia moral do ato responsável, a fim de configurar, assim, modos de interagir, na contemporaneidade, tendo em vista as noções de linguagem não-logocêntrica, ato responsável e não-álibi da existência.

No que diz respeito à análise de linguagem não-logocêntrica, optou-se por observar o ecossistema *TikTok*, sob as lentes da concepção de linguagem do Círculo, em interlocução teórica com a perspectiva de Análise do Discurso Digital, de Paveau (2021) e a abordagem de Santaella (2021), a respeito da linguagem hipermidiática, característica de ambientes digitais, com o objetivo de refletir sobre os modos próprios de construção discursiva nesse ambiente digital. Em seguida, buscou-se analisar como a linguagem não-logocêntrica evidencia atos responsáveis, segundo a perspectiva de Bakhtin (2017b). Para isso, foram analisadas algumas webnotícias que abordam comportamentos digitais, enfatizando a temática da responsabilização, assim como as formas de interação nos diferentes ecossistemas *X*, *TikTok* e *Instagram* mencionadas nessas webnotícias selecionadas, evidenciam as noções de ato responsável e de não-álibi da existência levantadas por Bakhtin.

Com a intenção de facilitar a compreensão do percurso metodológico, segue-se um infográfico discriminando cada passo da análise:

Figura 7 — Procedimentos metodológicos



Fonte: Criação própria

Antes de iniciar a análise de dados, contudo, é necessário apresentar ao leitor um panorama geral de como se encontram os ecossistemas, ambientes digitais, que serviram de fonte para a coleta de parte do *corpus*, cujo tema é abordado na seguinte subseção. Logo após esta etapa, é possível encontrar as análises e discussões pertinentes à pesquisa.

5.2 ECOSISTEMAS: *TIKTOK*, *INSTAGRAM* E *X*

Considerando que uma das características dos ecossistemas digitais, ou, para usar uma terminologia de Santaella (2021), ecologias informacionais expansivas, é a sua abertura para o contínuo desenvolvimento, esta subseção se propõe a apresentar o estado atual em que o *TikTok*, *Instagram* e o *X* se apresentam. Isso permitirá que o leitor possa ter uma visão geral do estado desses ecossistemas, no momento de coleta de dados.

5.2.1 O *TikTok*: a criatividade como missão

Ao buscar informações sobre o *TikTok*, em sua página oficial, é possível encontrar, na seção “sobre o *TikTok*”, no final da página, a exposição da missão da empresa: “principal destino para vídeo móvel no formato curto. Nossa missão é inspirar a criatividade e trazer alegria” (TikTok, 2023a). De forma simples, é um local para compartilhamento de vídeos

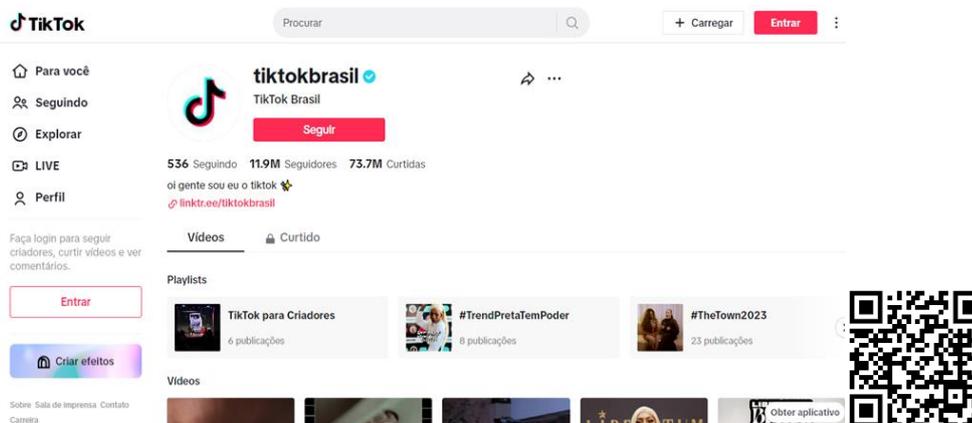
curtos, criado em 2016. Uma das razões para o seu grande sucesso está atribuída à fusão do *TikTok* com a *Musical.ly*, plataforma de vídeo que possibilitava o compartilhamento de vídeos curtos, geralmente de comédias e dublagens. Desde então, o *TikTok* vem sendo um dos aplicativos mais baixados em *smartphones* (O popular, 2023).

De acordo com Stokel-Walker, em seu livro *TikTok boom: um aplicativo viciante e a corrida chinesa pelo domínio das redes sociais*,

É muito fácil usar o TikTok. Basta pegar um celular, apertar o botão de gravar e fazer um vídeo com menos de quinze ou de sessenta segundos de duração usando uma variedade de filtros disponíveis ao toque de um dedo. É possível adicionar um trechinho de alguma canção — tirado de músicas no topo das paradas ou de qualquer outro lugar — e fazer o upload da filmagem pronta para o aplicativo. Em seguida, os usuários colocam hashtags para facilitar que o vídeo seja encontrado. Cabe aos usuários decidir o que vão filmar. Praticantes de parkour dão saltos que desafiam a morte no topo de edifícios; em seus quartos, adolescentes dançam e escrevem mensagens políticas para as legendas do vídeo. Algumas pessoas cantam. Outras dançam. Há quem fique só olhando. É simples e sem entraves, intuitivo e viciante. Ainda mais do que o YouTube, **o TikTok destrói a linha entre espectador e criador**. (Stokel-Walker, 2022, p. 12, grifo nosso).

A afirmação de Stokel-Walker sobre espectador e criador não terem mais uma linha divisória é pertinente de reflexão, pois possibilita pensar o *TikTok* como espaço onde hibridizações acontecem, sejam elas entre linguagens, sejam entre espectador e criador, em outras palavras, espaços hiper-híbridos; humanos hiper-híbridos, para usar a terminologia de Santaella (2021). Assim sendo, a seguir, apresenta-se uma amostra do estado em que se encontra o *TikTok*, no momento de coleta de dados para a pesquisa.

Figura 8 — Página inicial do @tiktokbrasil



Fonte: @tiktokbrasil (2023)²⁵

²⁵ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@tiktokbrasil>. Acesso em: 07 nov. 2023.

Ao abrir o aplicativo no celular, o usuário é apresentado à tela inicial onde os vídeos estão sendo exibidos. Deslizando a tela para cima, os vídeos se alternam. As possibilidades criativas proporcionadas pelo *TikTok* são ilimitadas. Como exemplo, há o recurso dos filtros, os quais variam na forma em que esteticamente mudam o aspecto visual: há aqueles que adicionam um cenário novo ao ambiente, há aqueles que possibilitam mudar ou remodelar partes do corpo, etc., tudo isso de forma digital. Segundo o *site* oficial do *TikTok*, “os efeitos são usados para personalizar e adicionar detalhes aos vídeos produzidos no/para o TikTok. Os efeitos podem ser adicionados antes e depois de gravar um vídeo, mas alguns efeitos estão disponíveis apenas antes da gravação e outros estão disponíveis apenas depois.” (TikTok, 2023b)²⁶. A seguir, encontram-se *prints* de exemplos desses filtros.

Figura 9 — Galeria de efeitos do *TikTok*



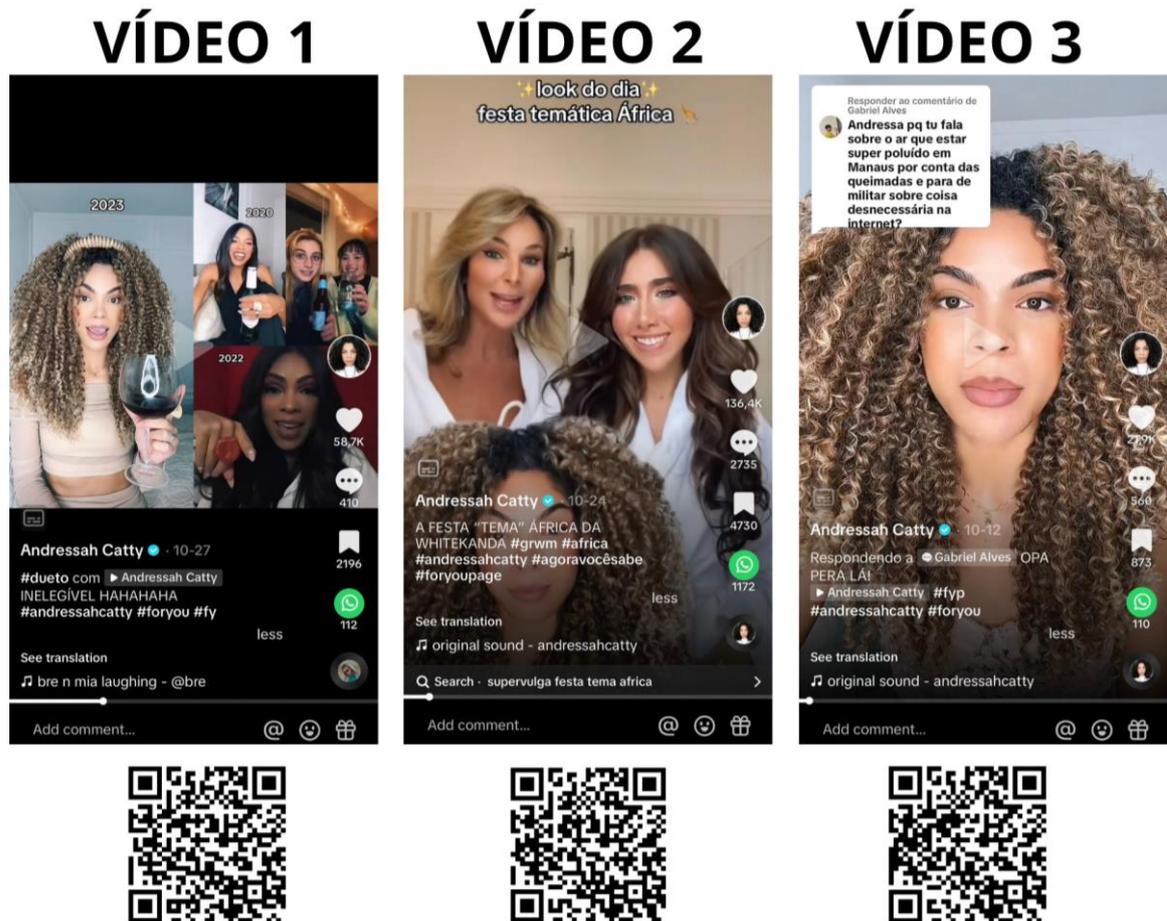
Fonte: *Site* TechTudo, Reprodução: Rodrigo Fernandes (2020)²⁷

Além de criações de vídeos com adição de efeitos, edições, músicas e até dublagens, há aqueles planejados para serem respostas a outros vídeos — vídeo-respostas. Nesses vídeos, o criador, ou até mesmo o espectador, cria seu conteúdo audiovisual para comentar sobre um vídeo em particular ou para responder um comentário em algum vídeo.

²⁶ Disponível em: https://support.tiktok.com/pt_BR/using-tiktok/creating-videos/effects. Acesso em: 25 de Julho de 2023.

²⁷ Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/08/como-fazer-efeito-no-tiktok-4-formas-de-conseguir-filtros-diferentes.ghml>. Acesso em: 25 jul. 2023

Figura 10 — Tecnodiscursos de @adressahcatty



Fonte: @adressahcatty (2023)

A figura 10 traz exemplos do perfil @adressahcatty. A imagem representa uma colagem de três *prints*, cada um correspondendo a um vídeo diferente. No primeiro vídeo, é possível ver @adressahcatty em três momentos diferentes, acompanhada por duas meninas, no canto superior direito. Cada espaço que mostra @adressahcatty representa um vídeo que ela havia feito no passado, assim como os das meninas juntas.

Isso é possível, pois, ao utilizar um recurso do aplicativo para realizar duetos, @adressahcatty criou novos vídeos fazendo referência a vídeos seus antigos. Em outras palavras, primeiro ela fez o vídeo com o título 2020 utilizando o vídeo das meninas juntas. Em outro ano, ela fez o vídeo de título 2022, usando o seu primeiro e, por fim, ela fez o vídeo de título 2023, utilizando o vídeo de 2022.

Cabe ressaltar que o teor do vídeo é sobre o Bolsonaro achar que iria ser reeleito e a reação de @adressahcatty é rir desse fato. Contudo, o vídeo das meninas juntas não tinha esse propósito, mas @adressahcatty, ao trazê-lo para compor seu tecnodiscurso, fez uma ressignificação para cumprir seu propósito tecnodiscursivo.

Já no vídeo 2, o que se pode observar é que @adressahcatty reage a outro vídeo presente no *TikTok*, no qual duas mulheres decidem ir a uma festa com o tema de África. No vídeo 3, @adressahcatty responde a um comentário em um de seus vídeos. É válido pontuar que essa forma de criar tecnodiscursos poderia ser feita por outros usuários, isto é, em cada um dos exemplos, outro usuário poderia ter feito o vídeo em resposta.

Esses exemplos, portanto, ilustram não somente uma tentativa de evidenciar o que Stoker-Walker (2022) apontou sobre o *TikTok* destruir a linha entre espectador e criador, mas também ilustrar o contínuo processo criativo, o qual não se finaliza em um único vídeo, pois comentários e/ou outros vídeos podem dar continuidade à criação original. Analogicamente, o que se tenta mostrar aqui é a mesma dinâmica do enunciado, o qual, na interação viva, não está finalizado, mas dialogando com outros enunciados, fazendo parte de uma cadeia sucessiva de enunciados, como diria Bakhtin (2016).

Como um ecossistema que propõe mudanças, o *TikTok* teve alterações significativas, como a duração de vídeos. Apesar de a empresa usar como descrição “principal destino para vídeo móvel no formato curto” (TikTok, 2023a), o que foi verdade, no início de seu lançamento, até à escrita desta pesquisa, o usuário pode criar filmagens de até 10 minutos no aplicativo. Outros ecossistemas, por outro lado, tiveram mudanças mais notórias, caso do *Instagram* e do *X*.

5.2.2 *Instagram* e *X*: uma questão de metamorfose digital

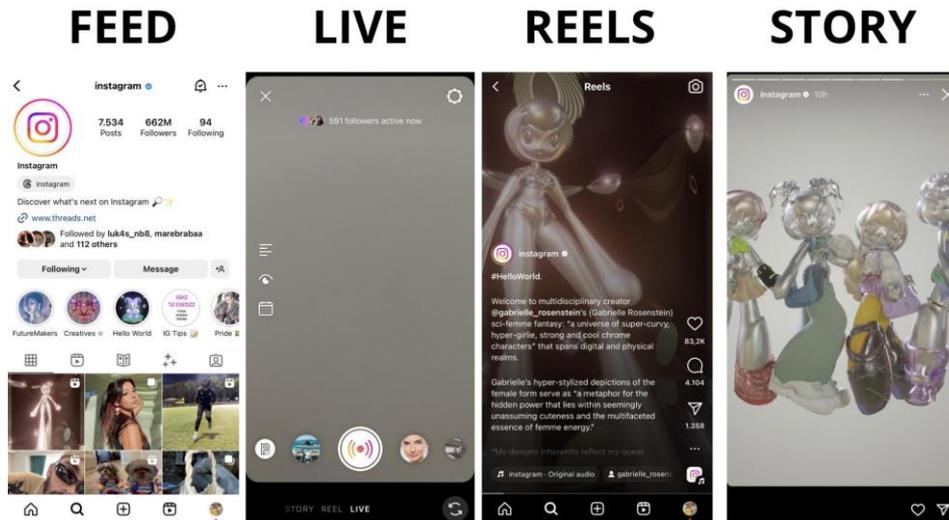
Desde seu lançamento em 2010, o *Instagram* adquiriu novos propósitos e diferentes recursos criativos. Sua missão inicial era ser uma espécie de álbum de fotos digitais, em que o usuário iria captar imagens de momentos de sua vida, mas, devido à competitividade de outros espaços, como o *TikTok*, o *Instagram* precisou se adaptar à nova demanda social, como bem afirmou Adam Mosseri, chefe da empresa.

Em um post feito em suas redes sociais na última quarta-feira (30), ele [Adam Mosseri] disse que a empresa está voltando para o entretenimento e vídeos... "Não somos mais um app de compartilhamento de fotos ou um app de compartilhamento de fotos quadradas", afirmou o executivo, que citou competidores como um dos motivos para essas mudanças. "Sejamos honestos, há uma competição muito grande neste momento", disse ele. "O TikTok é enorme, o YouTube é ainda maior, e há muitos outros [apps] se destacando também", disse (G1, 2021a).

É possível perceber a atenção dada aos vídeos através do recurso de *Story*, em que se pode postar vídeos, fotos, etc. que duram 24 horas ou, principalmente, do *Reels*, local no

Instagram que se assemelha ao *TikTok* e é dedicado a vídeos curtos também — não esquecendo a possibilidade de os usuários iniciarem uma transmissão ao vivo para seus seguidores. A seguir, uma imagem que ilustra esses recursos:

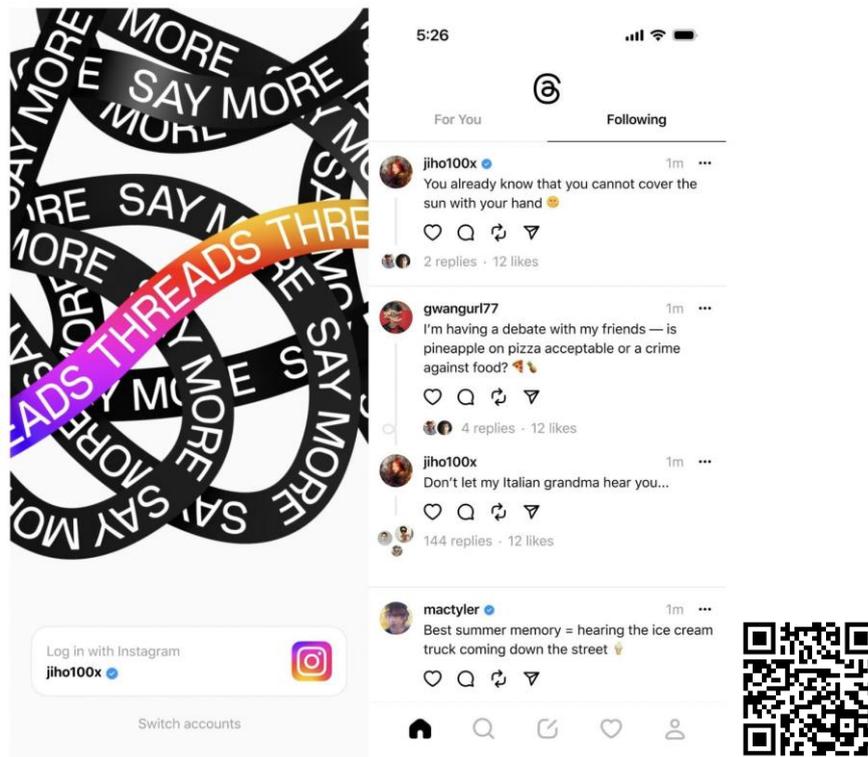
Figura 11 — Funções do *Instagram*



Fonte: Criação própria

Além desses recursos, o *Instagram* ainda conta, até o momento de escrita desta pesquisa, com algumas funcionalidades adicionais. Entre elas, a possibilidade de realizar compras dentro do aplicativo. Além disso, o usuário tem opções, como postar conteúdos nos *Stories* para um grupo restrito de seguidores (denominado “melhores amigos”) e, por fim, a possibilidade de se criar um canal de assinatura dentro do aplicativo, no qual o criador cria conteúdo exclusivo para seus assinantes via mensagem. Esses exemplos evidenciam a capacidade de adaptação e constante atualização que o ecossistema possui.

Ainda nesse espírito de mudança, a Meta, empresa dona do *Instagram*, lança uma nova rede social conectada ao *Instagram*, o *Threads*.

Figura 12 — *Threads do Instagram*

Fonte: *Instagram* (2023)²⁸

Segundo a própria empresa:

Threads é um novo app desenvolvido pela equipe do Instagram. As pessoas podem entrar com suas contas do Instagram para compartilhar atualizações de texto e participar de conversas públicas. O app permite criar publicações de até 500 caracteres, com opção de incluir links, fotos, carrosséis e vídeos de até 5 minutos (Instagram, 2023).

Na prática, o *Threads* se assemelha ao *X*, com a possibilidade de compartilhar textos com um limite determinado de caracteres. Essa semelhança que o *Instagram* apresenta com outros aplicativos já foi percebida por usuários e já se tornou matéria de discussão em *sites*, como o *Techtudo* (2022), o qual afirma que o *Instagram* copiou oito recursos de outras redes sociais:

²⁸ Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/threads>. Acesso em: 07 nov. 2023.

Quadro 4 — Semelhanças do *Instagram* com outros ecossistemas²⁹

<i>INSTAGRAM</i>	OUTRAS REDES SOCIAIS
<i>Reels</i>	<i>TikTok</i>
<i>Story</i>	<i>Snapchat</i>
Coleções	<i>Pinterest</i>
Filtros Interativos	Recurso Do <i>Snapchat</i>
<i>Remix</i>	Duetos — <i>TikTok</i>
Fotos e vídeos que apagam após visualização	Recurso do <i>Snapchat</i>
<i>Feed</i> em tela cheia	Recurso do <i>TikTok</i>
<i>Dual capture</i>	Recurso do <i>BeReal</i>

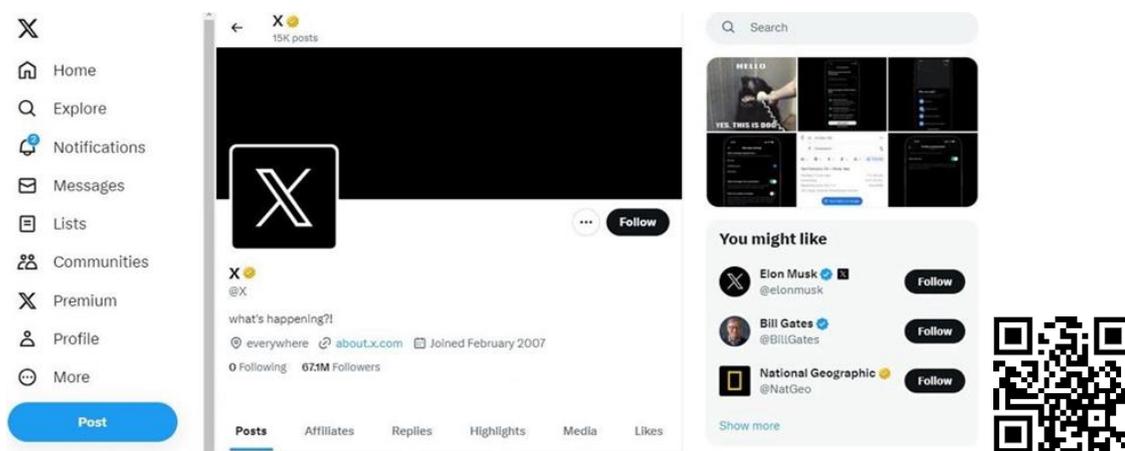
Fonte: adaptado de Techtudo (2022)

É importante enfatizar que esta pesquisa não se propõe a fazer afirmações se a empresa Meta, dona do *Instagram*, agiu de maneira correta ou não ao inserir tais recursos supracitados no seu aplicativo, pelo contrário, o objetivo é mostrar como o aplicativo *Instagram* se apresenta no momento desta investigação. Logo, apresentar a discussão levantada por Techtudo (2022) faz-se necessário para que se possa ter uma visão panorâmica que inclua as avaliações valorativas de usuários a respeito das atualizações do aplicativo.

Diferentemente do *Instagram*, que, apesar das mudanças, permaneceu com o mesmo nome, o X, por outro lado, seguiu um caminho divergente. Desde seu surgimento em 2006, o X conquistou a atenção de vários usuários.

²⁹ Para mais informações sobre os recursos acessar o link da matéria disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2022/08/oito-recursos-que-o-instagram-copiou-de-outras-redes-sociais.ghtml> Acesso em: 7 nov. 2023.

Figura 13 — Página inicial do @X



Fonte: @X (2023)³⁰

A princípio, era possível somente compartilhar *posts* contendo 140 caracteres, o que mudou, em 2017, para 280. Todavia, em 2023, segundo G1 (2023a), com a nova direção comandada por Elon Musk, o aplicativo começou a permitir *posts* com mais caracteres — recurso apenas disponibilizado para assinantes do *Twitter Blue*.

Além dessa mudança, o novo dono da empresa, Elon Musk, decidiu alterar o antigo nome *Twitter* para *X* e modificar sua logo. Anteriormente, a logo tinha um aspecto minimalista e era predominantemente azul, representada por um pássaro com asas levantadas e corpo curvado. Agora, a nova logo apresenta a imagem simbólica de um *X*, como é possível verificar na foto 13. Essa decisão proporcionou diversas reações.

A medida atraiu escárnio, escrutínio e confusão — até mesmo ira — de muitos usuários do Twitter e especialistas do setor de tecnologia. O repórter técnico Casey Newton descreveu a abordagem de Musk como proprietário do Twitter como “um ato prolongado de vandalismo cultural”... a mudança é quase sempre chocante para alguns consumidores. Sause³¹ diz que as pessoas muitas vezes se sentem emocionalmente envolvidas com as marcas, especialmente com os produtos que usam em suas vidas diárias. “É quase como se estivéssemos dizendo: 'Como você ousa tomar essa decisão sem me consultar?' Pode parecer quase como um ato de traição.” (BBC, 2023).

O quadro a seguir evidencia as mudanças que Elon Musk promoveu na interface do X. As informações são tiradas do portal de notícias G1:

³⁰ Disponível em: <https://twitter.com/X>. Acesso em: 07 nov. 2023.

³¹ Maggie Sause, diretora de estratégias de entrada no mercado da agência de branding Red Antler (BBC, 2023).

Quadro 5 — Mudanças na *interface* do X

Nova logo	A mudança para o X faz parte do plano de Musk de criar um aplicativo para tudo, que reúna ferramentas de áudio, vídeo, mensagens e pagamentos, por exemplo, e alinha a rede social a outras empresas do bilionário, como <i>SpaceX</i> e <i>xAI</i> .
Limite de leitura	Para lidar com "níveis extremos de extração de dados e manipulação do sistema", o <i>Twitter</i> teria temporariamente um limite de leitura — de 1.000 tuítes diários para usuários não verificados.
Verificado pago	Permitir que qualquer um tenha o selo de verificado, contanto que assine o <i>Twitter Blue</i> , versão paga da rede.
Tuítes maiores e editáveis	Entre as vantagens do <i>Twitter Blue</i> , estão a possibilidade de criar tuítes com até 25 mil caracteres — em vez de 280, como na versão gratuita — e editar posts até 30 minutos depois de eles serem publicados.
Novos selos de verificado	A possibilidade de pagar pelo selo azul, que dava credibilidade às contas, levou a uma confusão com contas falsas no <i>Twitter</i> , que decidiu criar o selo dourado, para empresas, e o selo cinza, para órgãos de governos.
<i>TweetDeck</i> pago	Ferramenta que oferece recursos adicionais do <i>Twitter</i> será exclusiva para usuários verificados, ou seja, contas relevantes na plataforma ou que pagam o <i>Twitter Blue</i> .
Novas métricas	Os tuítes passaram a mostrar o número de visualizações e de vezes que foram salvos por outras pessoas, além de curtidas, comentários e compartilhamentos.
Aba 'Para você'	O <i>feed</i> com tuítes recomendados (incluindo de pessoas que você não segue), ao lado da opção 'Seguindo', que mostra apenas conteúdo que você deseja.
Notas da Comunidade	O sistema colaborativo de checagem de fatos, em que usuários podem decidir em conjunto o aviso que aparecerá em tuítes controversos, era testado antes da chegada de Musk, mas foi lançado em todo o mundo na gestão do bilionário.
Mudanças nas <i>DMs</i>	O limite em grupos no <i>Twitter</i> aumentou de 50 para 100 participantes, e a rede anunciou que, para combater <i>spam</i> , mensagens de quem você não segue serão exibidas por padrão em uma caixa secundária, chamada "Solicitações de mensagem".

Fonte: G1 (2023a)

Em suma, esse breve panorama se propôs a apresentar o estado atual da essência desses ecossistemas, concentrando-se no aspecto de suas contínuas transformações. O *TikTok* desafia a separação entre espectador e autor, possibilitando uma gama de formas criativas; o *Instagram* é o exemplo de mudança adaptativa às necessidades vigentes de seu tempo, ao ponto de modificar o foco da empresa para outra demanda criativa: a de vídeos curtos, mas, também, adquirir funções similares a outros ecossistemas, ocasionando reações de seus usuários; por fim, o *X* se mostra como exemplo de como mudanças bastante significativas — o nome da marca e da logo — podem gerar reações adversas e até descontentamento de seus usuários.

Portanto, não se evidencia aqui uma finalização de como são esses ecossistemas, mas um momento no sucessivo desenvolvimento deles. É nesses ambientes digitais que parte do *corpus* de análise a seguir foi resgatado.

5.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

5.3.1 A linguagem não-logocêntrica

Com base na concepção de que a atividade estético-verbal de discursos digitais ocorre através da relação indissociável e colaborativa entre os elementos linguísticos e tecnológicos, conforme evidenciado por Paveau (2021) e Santaella (2021), em consonância com o Círculo russo, com destaque em Medviédev (2016) ao afirmar que o enunciado é parte da realidade social e que ele possui um conjunto peculiar: sonoro e visual, entende-se que essa parte social é o universo digital, no qual os elementos sonoros e os visuais (linguístico ou não) apontam o viés não-logocêntrico da linguagem digital.

No ecossistema *TikTok* há a produção de discursos variados pertencentes a diversos nichos: literatura, dança, entretenimento etc. Frente a essa realidade, pesquisadores se propuseram a analisar as formas de interação, comunicação e de práticas de linguagem para compreender sua estrutura, como Barbosa e Pereira (2022), que, além estabelecerem um diálogo entre Bakhtin (2016) e Paveau (2021), analisaram as contribuições do *TikTok* para o ensino de literatura, por exemplo.

Especificamente, a forma como a linguagem se estrutura em certos atos discursivos digitais, no *TikTok*, o acabamento (Bakhtin, 2016) ou a composição (Paveau, 2021), acontece na união de *hashtags*, legendas, fotos, vídeos (como dramatização, às vezes), áudios, memes, etc. em um todo acabado, cujo sentido se dá na orquestração desses elementos. A título de exemplo, segue a análise do perfil @layllaqueiroz, do *TikTok*, que costuma criar discursos

humorísticos, alguns deles trazendo uma crítica social, como no caso a seguir, sobre a loja de roupas Zara.

Figura 14 — *Print* do vídeo sobre a Zara



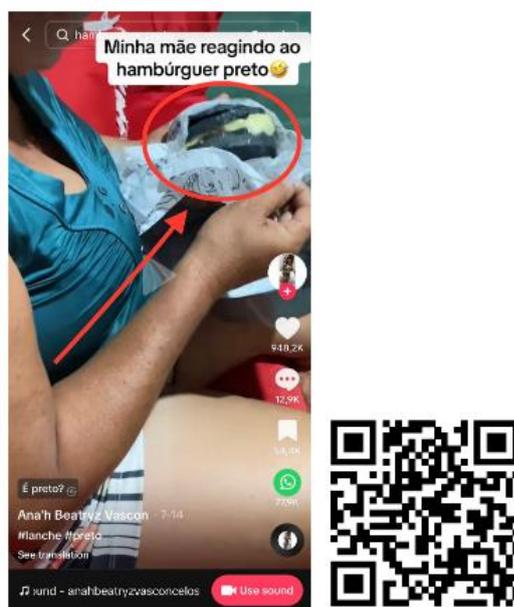
Fonte: @layllaqueiroz no *TikTok* (2023)³²

Na figura 14, é possível identificar uma série de elementos que constituem o discurso digital de @layllaqueiroz:

1. Imagem: a foto de fundo do vídeo que representa uma loja de roupas;
2. Legendas da parte superior do vídeo: *Pov: fui entregar um currículo na ZARA*;
3. Encenação: a dona do perfil, por meio de encenação, age como se estivesse indo entregar o currículo na loja;
4. Áudio: @layllaqueiroz utiliza um áudio pertencente a outro vídeo que se tornou popular no *TikTok*. Esse outro vídeo está presente no perfil @anahbeatryzvasconcelos e faz referência a uma mulher reagindo a um hambúrguer artesanal, cuja cor do pão é preta.

³² Disponível em: https://www.tiktok.com/@layllaqueiroz/video/7257916618293005574?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7211316783423604230. Acesso em: 22 ago. 2023.

Figura 15 — *Print* do vídeo sobre hambúrguer preto



Fonte: Perfil @anahbeatrizvasconcelos no *TikTok* (2023)³³

No vídeo (Ver figura 15), a mulher diz “esse aqui é de quê? [...] esse aqui vem bem embaladinho, né? É preto, não quero não”. Esses quatro elementos são orquestrados por @layllaqueiroz através dos recursos do ecossistema *TikTok*: adicionar foto/legenda e editar vídeo. Esse controle resulta do ambiente junto com o que, segundo Muniz-Lima (2022), pode-se chamar de a capacidade ativa de, neste caso, @layllaqueiroz tomar decisões veiculadas às funções do *TikTok* e, assim, construir novos sentidos.

Se analisados esses elementos separadamente, é possível afirmar que o sentido geral do discurso digital poderá ser comprometido, isso porque somente o áudio e seu contexto original (sobre o hambúrguer) não servem para explicar a relação entre a comida e a loja de roupas. A legenda (ver figura 14) fornece parcialmente uma explicação, mas não deixa explícito o posicionamento valorativo do criador do discurso digital; isso, também, pode ser dito sobre a foto de uma loja ao fundo.

Todavia, se observados todos esses elementos, incluindo o fato de a autora do vídeo ser uma mulher negra que encena o papel de uma pessoa que vai à loja Zara entregar o currículo, é possível entender o sentido global desse enunciado quando o áudio utilizado é posto para representar a resposta de um dos funcionários da loja Zara, isto é, ao utilizar o trecho do áudio

³³ Disponível em: https://www.tiktok.com/@anahbeatrizvasconcelos/video/7255513879814458629?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7211316783423604230. Acesso em: 22 ago. 2023.

“é preto? Quero não”, entende-se que o discurso digital intenciona falar sobre o posicionamento racista por parte da loja em questão.

A loja Zara foi local de crimes de racismo, como aponta o portal de notícia G1, cuja manchete diz: “Gerente da Zara é indiciado por racismo em caso de delegada negra barrada em loja de Fortaleza” (G1, 2021b) e em outro caso: “Jogador de futebol diz ter sido vítima de racismo em loja de shopping na Barra da Tijuca” (G1, 2023b).

Considerando, portanto, esses casos de racismo apresentados pelo portal de notícias, pode-se identificar uma relação entre esses acontecimentos e a produção do discurso digital de @layllaqueiroz no *TikTok*, como uma resposta, pois, segundo Bakhtin (2016):

Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra "resposta" no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta (Bakhtin, 2016, p. 57).

Nesse sentido, @layllaqueiroz baseia-se nos acontecimentos envolvendo a loja Zara para criar seu discurso. Seguindo o pensamento de Bakhtin (2016), os enunciados dos outros — no caso em análise, do portal de notícias anteriormente citado — podem ser introduzidos diretamente no contexto do enunciado. Assim, considerando que a linguagem digital é hipermediática, pois, além do linguístico, possui outras semioses em um todo acabado (Santaella, 2021), @layllaqueiroz, ao escolher a foto ao fundo representando uma loja, ao pôr o título com o nome da loja Zara e ao escolher um áudio e ressignificá-lo para a situação de seu discurso digital, ativa a memória discursiva sobre o fato do racismo na loja Zara.

É importante destacar que o fio condutor dessa memória discursiva não está, de forma isolada, somente na foto, no nome da loja, ou no áudio em questão, mas no engendramento desses elementos, que se unem ao tema do enunciado digital: o racismo praticado pela loja Zara, pois “a expressão do enunciado nunca pode ser entendida e explicada até o fim levando-se em conta apenas o seu conteúdo centrado no objeto e no sentido” (Bakhtin, 2016, p. 58), ou seja, é a expressão de resposta de @layllaqueiroz em relação ao outros enunciados que aponta para o entendimento da expressão do enunciado.

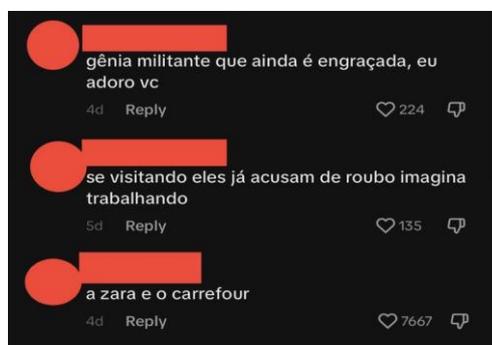
Diante desse contexto, é possível perceber uma construção não-logocêntrica de linguagem como evidenciado por Paveau (2021) e Santaella (2021), uma vez que todos os elementos anteriormente citados, linguísticos e não linguísticos, se hibridizam na construção do discurso. Com Bakhtin (2016), é possível destacar o acabamento do discurso em análise: a

exauribilidade semântico-objetiva de @layllaqueiroz ao concluir ser a Zara um local racista; a vontade de sentido, quando @layllaqueiroz, em seu plano discursivo, seleciona elementos multissemióticos para evidenciar seu posicionamento valorativo e a forma do gênero, o discurso em formato de vídeo no *TikTok*, como uma espécie de vídeo-meme.

Paralelo a isso, com Bakhtin (2017b), esse discurso também é visto como um ato, o qual possui duas instâncias: a repetível, ou seja, os elementos que podem ser repetidos na construção do discurso digital (adicionar foto, legenda, editar etc.) e o irrepitível, que diz respeito à singularidade valorativa do criador perante a uma realidade no mundo; neste caso, a forma como @layllaqueiroz utiliza os elementos multimidiáticos para firmar seu posicionamento discursivo sobre a loja Zara.

Faz-se necessário lembrar, segundo Bakhtin (2016), que o enunciado é só um momento na cadeia discursiva e que esse enunciado dialoga com outros, como no caso das notícias sobre racismo (G1, 2021b e 2023b) ou como no caso dos comentários no vídeo de @layllaqueiroz. Sobre tais tipos de comentários. Paveau (2021) pontua que essa dinâmica discursiva serve para ampliar o discurso no ambiente digital, como discutido anteriormente.

Figura 16 — Comentários no vídeo de @layllaqueiroz



Fonte: @layllaqueiroz no *TikTok* (2023)³⁴

Os comentários destacados entram, segundo Paveau (2021), na categoria de comentários discursivos, os quais, por sua vez, fazem parte de uma categoria maior de comentários: os conversacionais. Eles são discursivos, pois “predica o texto primeiro ao ampliar seu conteúdo, explorando as afordâncias técnicas das diferentes plataformas para produzir o acordo e o desacordo, o consenso e a polêmica, para trazer complementos e prolongamentos, e também efetuar digressões” (Paveau, 2021, p. 108).

³⁴ Disponível em: https://www.tiktok.com/@layllaqueiroz/video/7257916618293005574?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7211316783423604230. Acesso em: 22 ago. 2023.

Nesse sentido, o primeiro comentário enriquece a discussão, ao concordar com @layllaqueiroz e chamá-la de gênia militante, uma vez que seu discurso digital revela os preconceitos da loja Zara. Por sua vez, o segundo comentário chama a atenção ao fato de pessoas negras serem rotuladas como suspeitas de roubo ao entrarem na loja, logo, a experiência em se trabalhar nesse local agravaria mais ainda o preconceito. Por fim, o terceiro comentário estabelece uma comparação entre a loja Zara e o Carrefour, como sendo dois ambientes que apresentam atitudes racistas, prolongando, dessa forma, o discurso digital de @layllaqueiroz.

É válido, diante disso, retomar o que Bakhtin (2017a) falou sobre a interpretação e a criatividade, pois se relaciona com o posicionamento de Paveau (2021) sobre os comentários serem uma realidade que amplia o discurso. Bakhtin (2017a) diz que a interpretação continua o texto, evidenciando, assim, a cocriação dos intérpretes. Contudo, cabe ressaltar que as categorias aqui levantadas para análise não indicam uma fórmula estável a ser seguida ou analisada em todos os discursos digitais, pelo contrário, representam ações repetíveis e irrepetíveis que fazem parte da dinâmica do discurso digital, que, seguindo o pensamento bakhtiniano, representa o ser-evento, aquele que se apresenta de forma valorativa no contexto da interação.

Para ilustrar melhor essa relação de elementos repetíveis e não repetíveis na construção não-logocêntrica de discurso digital, tem-se o recurso no ecossistema *TikTok* de usar filtros/efeitos que mudam aspectos visuais do vídeo original. A utilização de um filtro é sempre repetível, seguindo a lógica Bakhtiniana, mas a forma e a intenção discursiva em utilizá-lo em determinado contexto discursivo representa o irrepetível. Um desses filtros chamou a atenção da influenciadora digital Leandrinha Du Art, reconhecida por ser mulher *Trans* e pessoa com deficiência (PCD).

Leandrinha Du Art percebeu que alguns vídeos no *TikTok* estavam utilizando seus áudios, isto é, trechos de vídeos seus que se tornaram populares, de forma semelhante como @layllaqueiroz fez (figuras 14 e 15). Porém, os perfis que usaram seus áudios encenavam uma dublagem, com o acréscimo de um filtro que distorcia o rosto de quem o usasse.

Esses vídeos tiveram repercussão nos ecossistemas *TikTok* e *Instagram* pelo fato de usuários entenderem que a utilização do filtro demonstrava ser um ato de desrespeito e capacitismo, com o tom de ridicularização da deficiência anteriormente citada. Um desses vídeos alertando para esse fato, foi compartilhado pela própria Leandrinha em sua página do *Instagram*.

Figura 17 — *Print* do vídeo compartilhado por Leandrinha Du Art no *Instagram*



Fonte: @leandrinhadu no *Instagram*³⁵

De acordo com o *site* Terra (2023), na matéria “Usuários do *TikTok* criam filtro simulando deficiência como piada: influenciadora Leandrinha Du Art expôs ataques em suas redes sociais”, é explicado que Leandrinha Du Art vive com Síndrome de Larsen, uma condição de origem genética, capaz de afetar os desenvolvimentos dos ossos da criança dentro do útero da mãe e que “a influenciadora atua como produtora de conteúdo sobre direitos humanos e sexualidade e atua na luta anticapacitista” (Terra, 2023).

Leandrinha Du Art, sobre o ocorrido, também se pronunciou em sua página no ecossistema X:

Figura 18 — *Print* do *post* no X de Leandrinha Du Art



Fonte: Perfil @leandrinhadu no X³⁶

O caso da influenciadora, tendo em vista o uso de suas falas e, especificamente, o uso do efeito visual na criação estilística do vídeo, serve de exemplo analítico para ilustrar não somente a natureza não-logocêntrica de discursos digitais, mas também promover uma reflexão

³⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cth0CVCMUCR/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 25 jul. 2023.

³⁶ Disponível em: <https://twitter.com/leandrinhadu/status/1669488340909928448?s=20>. Acesso em: 25 jul. 2023.

sobre a responsabilidade desse ato na construção discursiva digital, à luz da filosofia do ato responsável em Bakhtin (2017b). Como discurso, esse ato digital é direcionado a outro — seja ele um usuário do *TikTok* específico ou não — e aborda um dado conteúdo da cultura: a temática do desrespeito. O impacto da resposta da influenciadora Leandrinha Du Art e de outros usuários (ver figura 17) evidenciam posicionamentos axiológicos que consideram os vídeos que utilizam o filtro, distorcendo o rosto, como algo desrespeitoso.

Para Bakhtin (2016) e o Círculo, o discurso é só um elo na cadeia da comunicação discursiva, isso significa que, nesse caso em análise, ao produzirem vídeos utilizando o filtro, os seus criadores não estavam isentos das possíveis relações dialógicas futuras que seus atos ocasionaram, como é possível ver no ato de resposta de Leandrinha Du Art e no vídeo de outros usuários falando sobre o ocorrido (ver figura 17). Essa resposta, por sua vez, cria outras relações dialógicas.

Por fim, a concepção de linguagem em Bakhtin e o Círculo traz um posicionamento não logocêntrico ao entender que há elementos não linguísticos que constroem o discurso — especialmente no discurso digital. Além disso, por ter um viés filosófico, com essa concepção, é possível apreender o discurso digital como um ato responsável, uma vez que cada criador digital é um centro axiológico que se relaciona com outros, usuários digitais, sobre determinado assunto presente na cultura. Assim, chega-se à conclusão de que há dois níveis de responsabilidade que se apresentam: 1) responsabilidade dialógica: em relação ao outro (partícipe da interação digital) e com o dado cultural disseminado nos ecossistemas virtuais e 2) Responsabilidade consciente: a ética em relação aos elementos repetíveis e irrepetíveis da construção estilística do discurso digital — caracterizando, assim, o ato responsável.

5.3.2 O ato responsável

O objetivo desta subseção é analisar comportamentos digitais passíveis de uma reflexão a partir da filosofia moral em Bakhtin (2017b). Para o autor russo, todos os seres humanos agem em cada momento singular de suas existências, quer seja um pensamento, uma ação física, uma ação linguístico-discursiva etc. (Bakhtin, 2017b). Por serem centros axiológicos, cada ser interage evidenciando sua escolha valorativa e, nesse sentido, possui uma responsabilidade para com determinado dado da cultura e uma responsabilidade para com o outro, partícipe da interação.

Na visão de Bakhtin (2017b), cada ser não é um sujeito fora da existência, ou seja, não é visto como uma categoria abstrata. Para o autor, o ser da existência é concreto, situado social

e historicamente, logo, seu viver-agir no mundo é através de atos responsáveis, os quais não podem ser desassociados do agente que os provocou. Dito isso, a marca da existência digital, ou melhor, o que caracteriza a linguagem digital é a interatividade (Santaella, 2021), o que pode ser entendido como todas as ações dos agentes nesse ambiente digital: o ato de postar, o ato de comentar, o ato de compartilhar, o ato de curtir etc.

Entendendo esses atos digitais, numa perspectiva bakhtiniana, como atos responsáveis, segue-se uma análise de uma notícia publicada pelo jornal O Globo sobre jovens que, em *live* no *Instagram*, exibiram armas e drogas:

Figura 19 — *Print* de *live* no *Instagram* de jovens exibindo armamento



Fonte: O Globo (2023e)³⁷

De acordo com a notícia em questão, o ocorrido aconteceu em uma página do *Instagram* de uma jovem de 22 anos. Na *live*, era possível identificar um grupo de cinco pessoas, incluindo dois menores de idade. O que levou a polícia ao encontro desses jovens foi a denúncia de um vizinho reclamando do barulho no local. Ao chegar no ambiente, os oficiais encontram pequenas porções de drogas, armas e munições, “os maiores foram autuados em flagrante pelo crime de corrupção de menores, posse compartilhada de drogas e por fornecer produto que causa dependência física e psíquica a menores de idade” (O Globo, 2023e).

Para Bakhtin (2017b), a dimensão do viver-ato se divide, como ressaltado anteriormente, em responsabilidade para com um conteúdo unitário relativo ao domínio da cultura, neste caso, a abordagem sobre o conteúdo de armamento e das drogas, e responsabilidade para com o partícipe da interação. Como cada ser é um centro valorativo, ao abordar esse dado da cultura em *live*, os jovens se posicionam de forma favorável a ele. A

³⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/google/amp/brasil/noticia/2023/04/policia-prende-jovens-ao-vivo-durante-transmissao-de-live-em-que-exibem-armas-e-drogas-no-parana-video.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2023.

responsabilidade do ato se evidencia, pois, os jovens mostram para seus espectadores digitais, partícipes da interação, um posicionamento emotivo-volitivo que considera tanto o armamento quanto o uso de drogas como algo aceitável. Logo, esse agir-ato-digital pode ocasionar efeitos dos mais diversos por abordar um conteúdo da cultura que afeta os valores vigentes na sociedade atual, como também os valores legais sinalizados anteriormente: crime de corrupção de menores. Dessa forma, os jovens menores de idades, presentes no local e, também, possivelmente aqueles que assistiam à transmissão, podem ser influenciados a concordar com o posicionamento axiológico mostrado em *live*. O resultado desse agir-ato-digital foi a decisão judicial, que não tira a responsabilização pelo ato desses jovens: “duas mulheres, de 19 e 21 anos, e um homem, de 18, foram autuados em flagrante e encaminhados à cadeia pública local” (O Globo, 2023e).

Cabe ressaltar que isso não significa que tratar de armamento e uso de drogas, conteúdo unitário relativo ao domínio da cultura, seja uma temática proibida de ser abordada em ambientes digitais, mas a forma como o autor do ato se posiciona valorativamente em relação a ele é que pode suscitar danos. Em outras palavras, não é o conteúdo do ato em si que irá obrigar o indivíduo a uma responsabilização, como se fosse algo externo a ele que o impelisse, mas, sim, o compromisso em realizar o ato. Isso é possível perceber nos comentários a respeito desse caso no ecossistema X, local onde a notícia também repercutiu.

Figura 20 — *Print* do *post* de @bryannaNasck em resposta à notícia no ecossistema X



Fonte: @BryannaNasck no ecossistema X (2023)³⁸

@BryannaNasck, autora do comentário, faz um *repost* dessa notícia que foi publicada por outro perfil (@choquei), no ecossistema X. Como o *post/repost* é um ato digital, o

³⁸ Disponível em: <https://twitter.com/bryannanasck/status/1651756363234648066?s=46&t=p-IR5xYvewHLcdev%20uYXLCQ> Acesso em: 22 ago. 2023.

comentário da @BryannaNasck evidencia seu posicionamento valorativo em relação à atitude dos agentes policiais, em suas palavras: “é surpreendente ver a polícia ser tão eficiente assim, por favor continuem”. Além disso, é sinalizado seu posicionamento em relação à *live*: “com as coisas horríveis que estamos enfrentando no país fazer live mostrando munição e achando isso graça é um atestado de um ser humano podre”. Diante do exposto, pode-se constatar que @BryannaNasck concorda em não tirar a responsabilidade do ato dos jovens e parabeniza a atitude dos policiais.

Esse posicionamento de @BryannaNasck revela a sua não-indiferença em relação ao ocorrido, porque, nas palavras de Bakhtin (2017b, p. 105), “[...] eu na minha singularidade e unidade, devo assumir uma atitude emotivo-volitiva particular em relação à humanidade histórica, devo afirmá-la como tendo realmente valor para mim, e fazendo isso, por consequência, tudo o que tem valor para ela se tornará válido também para mim”.

Em outras palavras, os jovens da *live* no *Instagram* e @BryannaNasck são sujeitos concretos exercendo suas ações valorativas. No caso dos jovens, ao mostrar o armamento ao público online, posicionam-se de maneira favorável ao caso, diferente de @BryannaNasck, que avalia a situação como negativa. Na ótica de Bakhtin (2017b), portanto, é o reconhecimento desse agir-ato, a partir do lugar único de cada um na existência, que engaja o sujeito de maneira responsável, isto é, não é o conteúdo em si que obriga o sujeito a ter uma responsabilidade, mas a decisão de aceitar o compromisso em relação a ele.

Foi o compromisso em fazer a *live* pública mostrando o armamento, com menores presentes, que estabeleceu a responsabilidade e não o conteúdo em si. Mesmo que os jovens não tenham reconhecido a responsabilização, a justiça, ao analisar o caso, a garantiu. Isso, também, se aplica ao comentário de @BryannaNasck, pois foi o seu compromisso em comentar sobre o caso, e não necessariamente seu conteúdo, que garantiu a sua assinatura de responsabilidade sobre o que comentou. Nas palavras de Bakhtin (2017b),

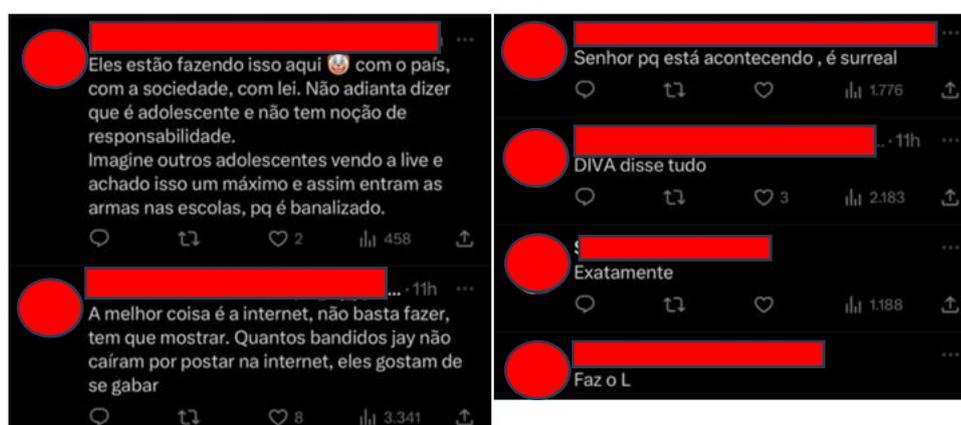
O mundo em que o ato realmente se desenvolve é um mundo unitário e singular concretamente vivido: é um mundo visível, audível, tangível, pensável, inteiramente permeado pelos tons emotivo-volitivos da validade de valores assumidos como tais. É isso que garante a realidade da singularidade unitária deste mundo — a singularidade não relativa ao conteúdo-sentido, mas a singularidade emotivo-volitiva, necessária e de peso — **é o reconhecer-me insubstituível na minha participação**, é o meu não-álibi em tal mundo. **Esta participação assumida como minha inaugura um dever concreto**: realizar a singularidade inteira como singularidade absolutamente não substituível do existir, em relação a cada momento deste existir. **E isso significa que esta participação transforma cada manifestação minha — sentimentos,**

desejos, estados de ânimo, pensamentos — em um ato meu ativamente responsável (Bakhtin, 2017b, p. 117–118, grifos nossos).

Na filosofia do discurso de Paveau (2015), não é diferente. Para a autora, pode-se classificar um discurso como virtuoso aquele “[...] *ajustado* aos valores vigentes na realidade complexa e instável dos agentes e de seus ambientes” (Paveau, 2015, p. 214), tendo em vista que esse ajuste ocorre através de três elementos constitutivos: 1) os agentes e suas relações; 2) o mundo e 3) o conjunto de produções verbais que constituem a memória discursiva das sociedades.

Assim sendo, o discurso sobre armamento em *live* se encontra em desajuste quanto às relações dos agentes, considerando o valor do respeito à pessoa humana, pois aciona a memória discursiva sobre genocídios ocasionados por armas, por exemplo. Nesse sentido, o comentário de @BryannaNasck está ajustado, quando ela compreende que o tema de armamento pode ocasionar danos à sociedade, especialmente no que diz respeito ao tempo em que a *live* aconteceu. Como Bakhtin (2017b) esclarece, o ser da existência é situado social e historicamente. O *post* da @BryannaNasck foi realizado no ano de 2023, após o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, o qual, em mandato, discutiu sobre a liberação de porte de armas³⁹. Esse contexto ilumina o ato valorativo de @BryannaNasck quando ela diz “com as coisas horríveis que estamos enfrentando no país”. Outros perfis reagiram ao que @BryannaNasck postou.

Figura 21 — *Print* de comentários no *post* de @BryannaNasck no X



Fonte: @BryannaNasck no X (2023)⁴⁰

³⁹ “Decretos pró-armas de Bolsonaro enfrentam resistência no Senado”. Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/23/decretos-pro-armas-de-bolsonaro-enfrentam-resistencia-no-senado> Acesso em: 29 ago. 2023.

⁴⁰ Disponível em: <https://twitter.com/bryannanasck/status/1651756363234648066?s=46&t=p-IR5xYvewHLcdevuYXLCQ>. Acesso em: 29 ago. 2023.

Como o Brasil pode ser considerado uma sociedade plural e bastante diversificada, diferentes posicionamentos axiológicos, a partir de diferentes perspectivas: religiosas, científicas, legais etc., podem ser evidenciados em atos digitais. O Primeiro comentário chama atenção pelo fato de abordar a temática aqui discutida: o ato responsável. O perfil que criou esse comentário enfatiza a importância da responsabilidade mesmo em se tratando de um ato realizado por jovens, os quais podem influenciar outros a assumirem um mesmo posicionamento valorativo, o que pode surtir efeitos como armamento nas escolas.

Sobre essa questão escolar, o Brasil presenciou casos, no ano de 2023, de atentados a ambientes escolares. Esta investigação, aqui, não se propõe a indicar que um ato digital (o da *live*) ocasionou o atentado à escola, pelo contrário, busca-se compreender esses atos, especificamente os digitais, e analisá-los sobre a ótica da filosofia moral em Bakhtin (2017b).

Assim sendo, o que chama a atenção em relação aos atentados escolares é a sua ligação a um ato digital, como evidenciado na notícia publicada, também, no *site* O Globo:

Figura 22 — *Print* de notícia sobre atentado à escola



Fonte: *Site* O Globo (2023c)⁴¹

Como exposto na discussão sobre a notícia anterior, o ato de postar é um ato responsável. Aqui, outro ato digital é foco de análise: a curtida. A rede social a qual essa segunda notícia alude é o ecossistema X, local onde ocorreu o *post* sobre ataque às escolas. O X, assim como outras redes sociais, feito o *TikTok*, o *Instagram* (até o momento de pesquisa), possuem a opção de curtir uma postagem, a qual é a mesma para qualquer usuário, utilizada para qualquer *post*; ou seja, não há variação nas curtidas. O *Facebook*, por outro lado, ampliou

⁴¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/03/adolescente-anunciou-ataque-a-escola-em-red-e-social-quem-interagiu-com-publicacoes-sera-investigado-diz-policia-de-sp.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2023.

as possibilidades valorativas desse ato, ao possibilitar aos usuários exibirem seus tons emotivo-volitivos, a partir da demonstração de diferentes emoções representadas nos *emojis*:

Figura 23 — Reações de curtir no *Facebook*



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Contudo, há discussões entre usuários desses ecossistemas, como no X, a seguir, sobre o fato de uma curtida ou compartilhamento conferir, ou não, endosso a um determinado posicionamento. O curtir, que na visão de Paveau (2021) é um enunciado de gesto, expressa emoções e outras significações contextuais. Como um ato responsável, através de um olhar baseado em Bakhtin (2017b), o curtir apresenta duas instâncias: uma repetível, que diz respeito à ação mecânica do curtir e uma irrepetível, que diz respeito à posição emotivo-volitivo daquele que curtiu, ou seja, sua avaliação. Isso revela a complexidade que esse enunciado gesto/ato pode ocasionar, como mostra a discussão a seguir:

Figura 24 — Discussão no X sobre curtida e compartilhamento serem endosso⁴²



Fonte: Ecossistema X (2023)⁴³

⁴² A figura 24 consiste em uma montagem realizada a partir de *prints* da tela do celular. Do lado esquerdo, encontra-se a postagem do usuário Vinicius sobre curtidas e compartilhamentos serem endosso; do lado direito, um trecho dos comentários dessa postagem.

⁴³ Disponível em: <https://x.com/viniciusduarte/status/1665325524632190977?s=46&t=p-IR5xYvewHLcdevuYXLCQ>. Acesso em: 22 ago. 2023.

Como é possível notar, a questão do endosso não é tão simples. O usuário Vinícius afirma, em seu post, que curtir não significa que sempre é endossar algum assunto, pois pode ser um recurso para arquivar a postagem para futuras consultas, isto é, no histórico de curtidas do ecossistema é possível acessar todas as curtidas e engajamentos. Contudo, o mesmo usuário, em sua postagem, comenta que compartilhar (RT) algo sem comentar sobre ele é endossar, o que gerou as demais respostas.

O comentário de Tiago argumenta que o algoritmo do ecossistema reconhece a curtida como engajamento, logo, endossando o assunto. Vinicius rebate o posicionamento de Tiago, ao dizer que nem todas as pessoas têm o conhecimento técnico do funcionamento do ecossistema. Sobre a questão do algoritmo, Santaella (2023) afirma ser uma questão complexa, principalmente após o advento das inteligências artificiais. De modo geral, o algoritmo é um conjunto de instruções para transformar um *input* em *output* desejado, ou seja, uma sequência de instruções que diz ao computador o que fazer.

Com a IA, a questão do algoritmo se complexifica, pois, agora, muda a forma como os dados são tratados. Isso ocorre, segundo Santaella (2023), através de três funções: 1) entrada — os algoritmos recebem os dados e a partir deles fazem predicções; 2) treinamento — dados usados para gerar o algoritmo e 3) *feedback* — dados usados para melhorar o desempenho do algoritmo através da experiência. Assim, em um primeiro momento, pode-se concluir que a curtida, referindo-se à discussão no *X*, aproxima-se da função de *feedback*, pois os ecossistemas recebem o dado da curtida como comportamentos de *feedback*, que, por sua vez, ajudam o algoritmo a entender as preferências daqueles que engajam e, conseqüentemente, personalizam o conteúdo que será exibido em sua rede social.

De forma complementar, Paveau (2021) entenderá a curtida, como já ressaltado, como um *enunciado de gesto*, pois:

[...] o ato de favoritar, que se tornou também um "eu gostei" na rede Twitter, são comentários não languageiros, que produzem, no entanto, um discurso implícito. Esses enunciados de gesto constituem manifestações fáticas, expressando a emoção ou significando uma aprovação e numerosas outras significações contextuais. Os enunciados de gestos ligados aos tecnosignos têm significações variadas e implícitas que só podem ser apreendidas a partir do contexto da comunicação (Paveau, 2021, p. 107–108).

Isso significa que a curtida se torna, num ecossistema digital, um gesto enunciativo que, a depender do contexto de comunicação, pode apresentar variadas significações. Nesse sentido,

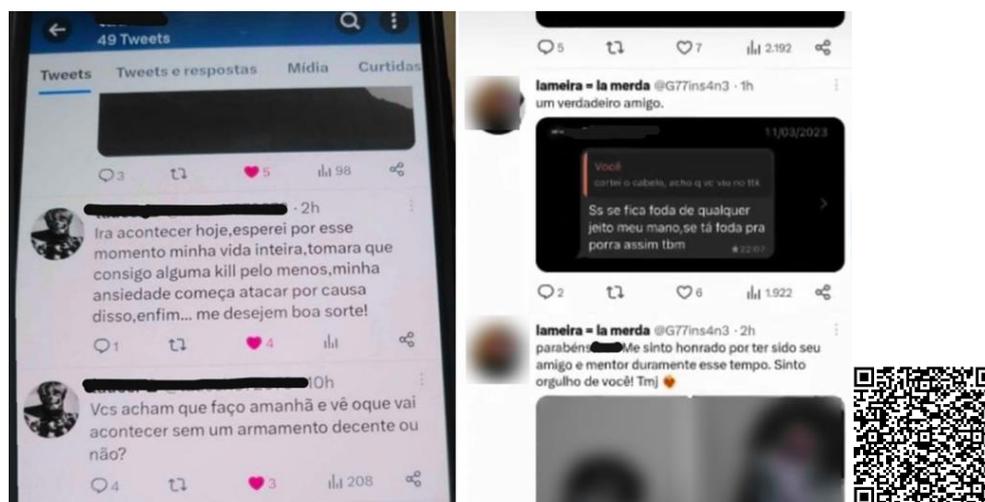
o pensamento de Bakhtin (2017b) pode fornecer uma proposta de compreensão sobre a curtida, de forma a contribuir com o pensamento de Santaella (2023) e Paveau (2021).

Para Bakhtin (2017b), como discutido anteriormente, há para cada ato dois tipos de responsabilização: a especial e a moral. Enquanto que a primeira diz respeito à repetibilidade do ato (a ação de curtir, que é repetível), a segunda diz respeito ao não-repetível, ao ser da existência que se posiciona em relação a uma realidade de forma valorativa. Esse ser exerce sua responsabilidade na vida concreta em atos concretos; contudo, não é o conteúdo do ato que o obriga a uma responsabilização moral, mas a aceitação do compromisso em realizá-lo.

Diante do exposto, conclui-se que a curtida se apresenta como um gesto/ato enunciativo complexo, cujas significações se desdobram em múltiplas dimensões contextuais, graças à sua repetibilidade no tecido comunicativo dos ecossistemas. Sendo assim, a singularidade desse gesto/ato comunicativo, em determinado contexto específico, confere uma espécie de valor na construção do significado, pois não representa uma ação mecânica do ato em si, mas uma expressão de emoção/valoração em determinado ato comunicativo.

Considerando essa complexidade e compreendendo que não são todos os ecossistemas que possuem mais de uma forma de curtir semelhante ao *Facebook*, uma curtida pode surtir diferentes efeitos de compreensão, por isso que, na figura 22, a manchete da notícia afirma que os policiais irão investigar quem interagiu com a postagem que falava sobre o atentado às escolas. Como a página do X em que estava o post era privada, a polícia teve acesso a ela e o portal O Globo publicou fotos e *prints*:

Figura 25 — *Print* de *post* sobre atentado à escola



Fonte: *Site* O Globo (2023c)⁴⁴

⁴⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/03/adolescente-anunciou-ataque-a-escola-em-rede-social-quem-interagiu-com-publicacoes-sera-investigado-diz-policia-de-sp.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2023.

De acordo com a matéria, tratava-se de um perfil privado criado pelo jovem de 13 anos que fez o *post* sobre atentado; nas palavras dele: "Irá acontecer hoje, esperei por esse momento minha vida inteira, tomara que consiga alguma kill [morte, em inglês], pelo menos, minha ansiedade começa a atacar por causa disso. Enfim... me desejem boa sorte" (O Globo, 2023c). Os policiais descobriram esses *posts* e curtidas ao investigarem o celular do adolescente. Fica evidente que o posicionamento valorativo desse *post*, ato digital, é visto pelas autoridades como prova criminal, logo as curtidas ao *post* podem ser interpretadas como uma forma de concordar, validar o ato digital (*post*) e, conseqüentemente, concordar com a realização do prometido no enunciado.

Em se tratando de lei ética, segundo Cabette (2014), não é uma descrição do comportamento das pessoas, mas diretrizes que apontam como se comportar em determinadas circunstâncias. Dessa forma, apesar de o discurso jurídico se mover no campo da abstração, tendo em vista o geral, ao falar de lei ética, é possível afirmar que o autor se aproxima de Bakhtin (2017b) quando evidencia a circunstancialidade do ato, que é indeterminada devido à natureza humana. Por isso, o ser da existência, como o autor do *post* sobre o atentado, por ter a qualidade de único, não pode ser indiferente ao se relacionar, ele se posiciona valorativamente — no caso em análise, ocasionando um crime, logo, há uma responsabilização decorrente dessa sua unicidade circunstancial.

Assim, a atitude em investigar quem curtiu esse *post* sinaliza que o ato de curtir também é um ato responsável, pois, no caso em questão, não só está em evidência a responsabilidade especial (a repetibilidade do curtir), mas se singulariza a responsabilidade moral (o irrepitível do ser-evento), ou seja, o de validar o discurso que levou o enunciado a praticar o crime de atentado, logo, a responsabilização não pode ser desconsiderada, desvinculada do ato digital.

De forma semelhante, mas com meios diferentes, foi o que aconteceu no Canadá. De acordo com O Globo (2023b), o tribunal canadense interpretou o uso de um *emoji* como confirmação de contrato. O caso ocorreu em 2021, entre um comprador de grãos em Saskatchewan, Kent Mickleborough, e o fazendeiro Chris Achter sobre a venda de 87 toneladas de linho. Mickleborough fez a assinatura de contrato e enviou uma foto para o fazendeiro, solicitando — por escrito, logo após a foto — que confirmasse o contrato do linho; Achter enviou o *emoji* de polegar para cima, mas não entregou o produto na data combinada.

O argumento do fazendeiro, Achter, segundo O Globo (2023b), foi que ele compreendeu, ao ler a mensagem, que receberia, posteriormente, um e-mail ou fax para revisão e confirmação do contrato. Já Kent Mickleborough interpretou o *emoji* como concordância em

relação ao contrato e à mensagem, visto que ele havia solicitado por escrito que Achter confirmasse.

Figura 26 — *Emoji*



Fonte: Criação própria

Diante desse contexto, o juiz Keene, ao perceber que ambos já possuíam uma relação comercial no passado e que sempre, em outros contratos, Achter respondia de forma simples com "parece bom", "ok" ou "sim", logo, o emoji foi interpretado como confirmação. Tendo, portanto, violado o contrato, Achter foi ordenado a pagar uma indenização de 82,2 mil dólares canadenses. Sobre sua decisão, o Juiz afirmou:

“Este tribunal reconhece prontamente que um emoji de polegar para cima (👍) é um meio não tradicional de 'assinar' um documento, mas, mesmo assim, nessas circunstâncias, essa era uma maneira válida de transmitir os dois propósitos de uma 'assinatura' e identificar o signatário" como Achter, porque ele estava enviando mensagens de texto de seu número de celular e "para transmitir a aceitação de Achter do contrato de linho", escreveu o juiz Keene. Ao tomar sua decisão, o juiz Keene citou a definição do site dicionário.com do emoji de polegar para cima: "usado para expressar consentimento, aprovação ou encorajamento em comunicações digitais, especialmente nas culturas ocidentais" (O Globo, 2023b).

Esse caso exemplifica que o ato concreto — nesse sentido, o envio do *emoji* — não está isento de uma valoração. O juiz percebeu que era recorrente nas interações discursivas, entre os pares, confirmações curtas através do envio de mensagens. Portanto, o *emoji* foi classificado como uma dessas confirmações valorativas. O uso da definição do dicionário, por parte do juiz, é reflexo da tentativa, considerando o histórico de interação discursiva, de evidenciar o tom emotivo-volitivo de confirmação.

É válido, por fim, retomar o pensamento de Paveau (2021), a qual classifica a curtida como um enunciado gesto, expressando emoção, aprovação etc., possuindo significações variadas e implícitas a depender do contexto da interação. É nesse sentido do enunciado gesto, que o envio do *emoji* em questão se aproxima de uma interpretação, pois além de ser uma

espécie de ato digital, ele foi realizado por alguém. Em termos bakhtinianos, o ser desse ato não tem como abdicar de sua responsabilidade (Bakhtin, 2017b) — por isso a decisão do juiz, ao condenar a falta de compromisso para com o ato acordado — nem ser substituído, ou seja, não há álibis para sua existência.

5.3.3 O não-álibi da existência

Outra característica do ser-evento, que está intrinsecamente ligado à subseção anterior, é o fato de na existência não haver álibis. Para Bakhtin (2017b), é o fato de o ser estar situado em um determinado momento histórico, social e temporal que só ele, em sua posição, pode realizar o que tem que realizar. Isso, é claro, levando em consideração o ato como seu agir-ético.

Neste preciso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único. E é ao redor deste ponto singular que se dispõe todo o existir singular de modo singular e irrepetível. **Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca.** A singularidade do existir presente é irrevogavelmente obrigatória [...] (Bakhtin, 2017b, p. 96, grifo nosso).

Nesse sentido, mesmo que em ambientes digitais o ser-evento possa criar páginas falsas para disseminar posicionamentos axiológicos dos mais diversos, a investigabilidade não somente dos sistemas policiais, mas dos próprios ecossistemas, como descrito por Paveau (2021), podem identificar o autor desses perfis e discursos digitais. Outra possibilidade é atribuir a responsabilidade do ato digital a outras causas, como no caso do ex-presidente Jair Bolsonaro, ao tentar justificar o *post* de um vídeo:

Figura 27 — *Print* de notícia sobre *post* de Bolsonaro no ecossistema X



Fonte: Estadão (2023)⁴⁵

⁴⁵ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-alega-a-pf-estar-sob-efeito-de-medicamento-ao-postar-video-contra-resultado-da-eleicao/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

Segundo o Estadão (2023), Bolsonaro, ao ter feito um *post* abordando a legitimidade dos resultados da eleição em seu perfil no X (e depois apagá-lo), estava levantando suspeitas sobre o sistema de votação brasileira. Segue o *post*:

Figura 28 — *Print do post* de Bolsonaro usado na matéria do Jornal Estadão



Fonte: Estadão (2023)

Na matéria, de acordo com Wajngarten, ex-secretário de comunicação social da Presidência e, na época, assessor de imprensa de Bolsonaro, o ex-presidente foi aconselhado a excluir a publicação. Contrariamente à teoria sem provas, divulgada por Bolsonaro, os resultados das eleições de 2022 foram reconhecidos até mesmo por autoridades estrangeiras (Estadão, 2023).

Sobre isso, o pensamento bakhtiniano se mostra pertinente:

Eu posso cumprir um ato político e um rito religioso na qualidade de representante, mas se trata já de uma ação especial que pressupõe que eu tenha a autorização para realizá-la; mas nem neste caso eu abduco definitivamente da minha responsabilidade pessoal; ao contrário, o meu papel representativo, o poder pelo qual fui autorizado, levam-no em conta. (Bakhtin, 2017b, p.112)

Nesse sentido, mesmo se estivesse na função de presidente e líder político⁴⁶, não eximiria Bolsonaro da responsabilidade de compartilhar informações que sejam verdadeiras. Logo, ao contestar, sem provas, os resultados eleitorais, seu ato digital não condiz com a responsabilidade ética que deveria estar em concordância com sua função social de liderança.

⁴⁶ A publicação do *post* no X foi feita por Bolsonaro no dia 10 de janeiro de 2023, após os resultados das eleições, ou seja, Bolsonaro já era ex-presidente no momento de sua postagem no X.

A conduta humana, na visão de Bakhtin (2017b), torna-se responsável por si mesma, mas não no sentido solipsista, isto é, apenas interna e voltada para si, mas em relação ao outro. Além disso, na vida concreta, diz Bakhtin (2017b), há dois centros valorativos (eu e o outro) e cada indivíduo não pode ser substituído por um outro para representá-lo.

Concomitante a esse posicionamento, Cabette (2014) afirma que a diluição da responsabilidade e, conseqüentemente, do próprio exercício de poder, resultaria em um contexto em que todos seriam culpados, mas ninguém responsabilizado. Para o autor, a ideia de inocência ou culpa coletiva não existe, pois somente ao indivíduo — nas palavras de Bakhtin (2017b), ser concreto, social e historicamente situado — é que essas ideias se aplicam. Por isso que:

Nos Crimes Contra a Honra, a mera dicção da palavra ou da narrativa ofensiva não é suficiente para a configuração dos tipos penais de Calúnia, Difamação ou Injúria (artigos 138 a 140, CP). Faz-se necessário, para além da palavra ou narrativa, a análise do contexto e do elemento subjetivo que norteia o agente. Exige-se o chamado "elemento subjetivo do injusto: o *animus injuriandi vel diffamandi*", imprescindível "como elemento integrante da conduta", implícito na figura típica como "a vontade e o intuito de atingir a honra alheia". **A mera palavra ou sentença é neutra, mas o enunciado que se conforma com o ingresso do elemento subjetivo, da entonação empregada pelo autor e de seus fins e valores ali expostos, se revela como uma tomada de posição ofensiva, o que, aí sim, é capaz de dar forma ao tipo penal** (Cabette, 2014, p. 22–23, grifo nosso).

Tendo em vista esse contexto, o discurso digital de Bolsonaro apresenta uma tomada de posição de valoração negativa em relação aos resultados das eleições. A explicação dada pelo assessor do ex-presidente, de acordo com a matéria, foi que o *post* foi realizado poucas horas após Bolsonaro ter alta do hospital, mas não foi explicado sobre o conteúdo do vídeo, inclusive, ele afirmou que “em nenhum momento o presidente fez juízo de valor do conteúdo do vídeo”. Contudo, na lógica bakhtiniana de moral, pelo simples fato de o ser começar a falar de algo (nesse caso, simplesmente postar algo), significa que esse ser já entrou “[...] em uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva [...]” (Bakhtin, 2017b, p. 85).

Assim sendo, o ato digital do ex-presidente revela sua posição axiológica a respeito da legitimidade dos votos na eleição, logo, sua existência digital não inibe sua responsabilização e, mesmo tendo apagado o *post*, como aconselhado a fazê-lo, a consequência de seu ato resulta, em 30 de junho de 2023, na sua inelegibilidade, conforme o portal de notícias O Globo (2023a):

A Corte entendeu que **o ex-presidente praticou abuso de poder político e usou indevidamente meios de comunicação ao atacar, sem provas, as**

urnas eletrônicas em uma reunião com embaixadores às vésperas da campanha do ano passado. Com isso, seis meses após deixar o poder, Bolsonaro está impedido de disputar um cargo público até 2030 e se tornou o primeiro ex-presidente na História a perder os direitos políticos em um julgamento no TSE (O Globo, 2023a)

Por isso que “viver uma experiência, pensar um pensamento (aqui, acrescento realizar atos digitais), ou seja, não estar, de modo algum, indiferente a ele, significa antes afirmá-lo de uma maneira emotivo-volitiva” (Bakhtin, 2017b, p.87) — o que explica a insubstituibilidade na existência e sua responsabilização para com ela.

É válido lembrar, como discutido anteriormente, que Bakhtin comentou sobre as pessoas que tentavam falsear a existência, criar álibis, a partir da assertiva de Morson:

Protegidas por uma teoria, as pessoas tentam criar o que Bakhtin chama de um “álibi” para a responsabilidade ética. Transferimos a responsabilidade para alguém, ou para algo, e nos comportamos *como se não estivéssemos ali* — como se tivéssemos um *álibi* e, assim, não pudéssemos ser responsabilizados. Não estamos agindo, mas sim a teoria. Ou, não estamos agindo, o Partido, sim; a Igreja, sim; ou a Nação (Morson, 2015, p. 127).

O interessante é que Bakhtin afirma que isso é uma tentativa, pois na realidade concreta não se consegue se substituir na existência, ademais, diz Bakhtin (2017b, p. 108–109, grifo nosso): “[...] a participação no existir-evento do mundo na sua plenitude não coincide com um abandono irresponsável ao ser [...] **não se pode viver sendo um impostor**”.

A temática da responsabilidade e do não-álibi na existência em ambientes digitais se torna um ponto indispensável para reflexão dos atos digitais performados por usuários em diferentes contextos. A título de exemplificação desses contextos, há o caso de *fake news* e discursos de ódio, como no episódio envolvendo um dos ex-ministros do ex-presidente Bolsonaro e o influenciador Felipe Neto:

Figura 29 — Marcelo Álvaro Antônio faz publicação atacando Felipe Neto

Ex-ministro de Bolsonaro é condenado a pagar R\$ 50 mil por associar Felipe Neto à pedofilia

Marcelo Álvaro Antônio fez publicação atacando influenciador digital em 2020

01/05/2023 11h29 - Atualizado



Fonte: O Globo (2023d)⁴⁷

⁴⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2023/05/ex-ministro-de-bolsonaro-e-condenado-a-pagar-r-50-mil-por-associar-felipe-neto-a-pedofilia.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2023.

De acordo com O Globo (2023d), em 2020, “Álvaro Antônio publicou em seu Instagram uma foto da capa do livro escrito pelo ex-Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, com a legenda: ‘Já nas bancas, ao lado dos livros pornográficos para crianças do Felipe Neto’”. Considerando essa postagem como ato digital, na configuração da filosofia do ato (Bakhtin, 2017b), a dimensão da responsabilidade está para com o dado da cultura e para o outro, partícipe da interação. Esse segundo ponto se faz pertinente, pois, na tentativa de compartilhar/postar alguma informação falsa ou discurso de ódio, como exemplificado pela notícia, é possível trazer danos para integridade do interactante, como em casos de *cyberbullying*.

No caso de Felipe Neto, sua defesa alegou que “a associação com pedofilia, além de irresponsável e perversa, tem potencial para destruir sua carreira” (O Globo, 2023d). Além da condenação judicial, Álvaro Antônio teve que fazer uma retratação em suas redes sociais. Esse momento de responsabilização reflete que no ato:

O tom emotivo-volitivo, que abarca e permeia o existir-evento singular, não é uma reação psíquica passiva, mas uma espécie de **orientação imperativa da consciência**, orientação moralmente válida e responsavelmente ativa. **Trata-se de um movimento da consciência responsavelmente consciente [...]** (Bakhtin, 2017b, p. 91, grifos nossos).

Isso significa que o autor do ato digital, ao assumir o compromisso em postar algo sobre Felipe Neto, não o fez de forma passiva, mas ativa e consciente, o que evidencia a sua responsabilidade para com seu ato realizado e, por fim, não o exime dela, ou seja, não há como criar um alibi para sua existência — como consequência: a decisão judicial, que lhe foi desfavorável.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS: NÃO EXISTE NADA ABSOLUTAMENTE
“ACABADO”, POIS CADA SENTIDO TERÁ SUA FESTA DE RENOVAÇÃO**

É você que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem
(Belchior)

Na cronotopia de uma “consideração final” o fechamento se revela mais como uma abertura para futuros sentidos e desenvolvimentos da investigação acerca do objeto analisado, em outras palavras, não é o encerramento que se alcança, mas uma conclusibilidade inacabada. Sobre essa questão, o próprio Bakhtin (2017a) assegurou que o objeto das ciências humanas é o ser expressivo, o qual é inesgotável em seu sentido e significado, logo, inacabado.

Assim sendo, neste espaço dedicado a mostrar um panorama geral da pesquisa, evidenciando os resultados e apreciações, é válido, como ponto inicial, retomar o questionamento que norteou a investigação: como comportamentos digitais se apresentam sendo passíveis de análise à luz de uma filosofia moral do ato responsável, configurando, assim, modos de interagir, na contemporaneidade? Para isso, na tentativa de compreender, ao longo do texto, como esses comportamentos digitais se constituíam, através de uma concepção pós-dualista e não-logocêntrica de linguagem, buscou-se desvelar as singularidades não-logocêntricas da concepção filosófica de linguagem presente no Círculo russo em diálogo com a Análise do Discurso Digital.

Tendo em vista a questão norteadora da pesquisa, na seção 2, foi discutido a evolução do pensamento filosófico em torno da linguagem, evidenciando que o pensamento do Círculo, especialmente de Mikhail Bakhtin, foi o de apresentar uma visão crítica ao formalismo e considerar a linguagem como sendo constitutiva de elementos para além do linguístico. Essa forma de se pensar a linguagem, anos mais tarde, ganhou escopo com as discussões do pós-dualismo — corrente do pensamento contemporâneo em que Marie-Anne Paveau se encontra. Por fim, a seção abordou a questão do que foi o dualismo e sua relação com a religião e a filosofia, apontando que, nessas duas instâncias, a realidade era vista de duas formas distintas. Esse cenário só teve mudança com o surgimento da concepção pós-dualista, a qual rompeu com o paradigma dualista de concepção da vivência humana e, com isso, o tema do ato responsável se tornou evidente, uma vez que, nesse novo paradigma, humanos se relacionam entre si, mas também com não humanos, isto é, com os ambientes em que se encontram.

Na seção 3, compreendendo a linguagem digital nesse viés pós-dualista, foi abordada a construção do enunciado digital, à luz de Paveau (2021), estabelecendo uma interlocução teórica com o pensamento do Círculo Russo, especificamente Bakhtin (2016). A princípio, ao destacar os contextos de produção de cada obra, foi possível observar que, apesar de não se situar no contexto das interações digitais, o pensamento do Círculo apresentava noções interessantes para se refletir a relação entre o ambiente e o tempo: cronotopo. Essa noção, nas reflexões de Paveau (2021), é de extrema importância, uma vez que o ser humano, na digitalidade, se relaciona com diversos ambientes e recursos tecnológicos para coconstruírem a linguagem.

A subseção 3.2 aprofundou a discussão sobre a constituição da linguagem digital ao evidenciar os elementos: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade, imprevisibilidade, apresentados por Paveau (2021), como categorias que representam a forma como se constroem e se comportam os discursos digitais. O texto finaliza apresentando, mais uma vez, uma interlocução teórica com Bakhtin (2016) e a forma como o pensador russo compreendeu a constituição do enunciado.

Já na seção 4, foram discutidas a “Filosofia da Virtude Discursiva” em Paveau (2015) e a “Filosofia do Ato Responsável” em Bakhtin (2017b). Do pensador russo, foram apontados os filósofos com os quais ele dialogou em sua obra: Aristóteles, Platão, Kant, Husserl etc., contribuindo para a reflexão em torno do ato responsável, nas interações sociais e, também, na interatividade digital. De Paveau, a influência que se destaca foi de Bruno Latour, do qual a autora se inspirou para apresentar o discurso digital como uma relação não somente entre humanos, mas, também, entre não humanos.

A seção finaliza mostrando que ambos pensadores compartilham uma visão crítica à concepção deontológica universal, como em Kant, e apontam o elemento individual-histórico como importante para se pensar a moralidade. Além disso, tanto Paveau (2015), quanto Bakhtin (2017b) dialogam com Aristóteles: enquanto a autora foca na ética das virtudes, Bakhtin centraliza a discussão da responsabilidade como algo interno ao sujeito. Diante disso, ficou claro que pensar a interatividade digital dialogando com Paveau (2015) e o pensamento de Bakhtin (2017b), à luz de suas filosofias, significou empreender o discurso digital como dinâmico e adaptável, no qual faz-se necessário refletir sobre os valores negociados pelos agentes e suas competências éticas, nas tramas da interação digital.

É válido ressaltar que, apesar de Mikhail Bakhtin e Marie-Anne Paveau serem os focos das discussões supracitadas, um terceiro nome foi importante durante essas interlocuções teóricas: Lúcia Santaella. A pesquisadora brasileira apresentou categorias para se pensar o

digital, que dialogam com as estabelecidas por Paveau (2021). Uma delas foi a noção de se compreender as redes sociais como “ecologias informacionais expansivas” (Santaella, 2021), pois são ambientes de interação que, semelhantes a ecologias, sempre estão em constante processo de adaptação. Outra categoria, importante para se compreender a constituição da comunicação digital, foi a noção de “hipermídia”, na qual a autora compreende a linguagem digital como uma coprodução entre a materialidade linguística e outras semioses (Santaella, 2021).

Diante desse cenário, foi possível chegar à conclusão de que as interações digitais revelam que assumir um paradigma dualista de concepção da vivência humana — especialmente sobre a linguagem — se mostra falho, quando analisada a comunicação digital, pois ao estabelecer separações como homem/máquina, realidade/digitalidade, linguístico/extralinguístico, uma concepção dualista não consegue apreender as especificidades constitutivas da realidade digital, proporcionadas não somente pelo hibridismo de diferentes semioses, mas também pela inter-relação constitutiva entre ser humano e ambiente tecnológico.

Diante disso, as análises do contexto de produção do Círculo russo e dos trechos de suas obras acerca do enunciado e da interação discursiva, na subseção 3.1, mostraram que ao conceber a interação discursiva como realidade fundamental da língua, ela não se constitui apenas de elementos linguísticos, mas é completada por uma série de elementos de índole não gramatical que mudam e dão concretude ao enunciado, como bem ressaltou Bakhtin (2016). Assim, ao se estabelecer uma interlocução teórica desse pensamento do Círculo com a Análise do Discurso Digital (Paveau, 2021) e com Santaella (2021), ao considerar o ser humano como hiper-híbrido, ou seja, habitante de espaços hiperconectados, cuja linguagem acontece de forma hipermediática, foi possível estabelecer pontos de aproximação com a teoria do Círculo, principalmente na forma de construção do enunciado.

Na seção 5, foram apresentados os aspectos metodológicos, trazendo o paradigma pós-dualista para realização da investigação das interações em ambientes digitais. Apresentando uma abordagem teórico-dedutiva, em diálogo com Muniz-lima (2021), o percurso metodológico procurou representar a dinamicidade do discurso digital através de conceitos como linguagem não-logocêntrica, ato responsável e não-álibi da existência. Diante disso, a coleta de dados, a fim de seguir uma abordagem ecológica, conforme Muniz-lima (2021), se utilizou de alguns recursos para analisar o fenômeno tecnodiscursivo: *QR codes*, *links* e capturas de tela disponibilizados no *iPhone* do pesquisador.

A análise do *corpus* de pesquisa seguiu os seguintes passos dos objetivos específicos:

(1) Desvelar singularidades não-logocêntricas da concepção filosófica de linguagem presentes no Círculo, com destaque para sua relevância na reflexão sobre discursos digitais;

(2) Refletir sobre *webnotícias* veiculadas em *sites*, que implicam comportamentos digitais, como atos responsáveis, à luz da filosofia bakhtiniana;

(3) Examinar como interações discursivas nos ecossistemas *TikTok*, *Instagram* e *X*, sob a concepção de linguagem do Círculo, em diálogo com a Análise do Discurso Digital, são passíveis de uma análise, a partir da ética bakhtiniana do ato responsável.

Assim sendo, os discursos digitais no *TikTok*, analisados na subseção 5.3.1, como o caso de @layllaqueiroz (2023) abordando o tema do racismo e Leandrinha Du Art (2023) criticando a produção de vídeos que usavam suas falas com um filtro distorcendo o rosto, foi possível empreender dois pontos de reflexão: 1) a natureza não-logocêntrica desses discursos, uma vez que recursos tecnológicos do *TikTok* foram utilizados na composição tecnodiscursiva e 2) a responsabilização para com a constituição desses tecnodiscursos, como no exemplo analisado de Leandrinha Du Art e o filtro do *TikTok*.

Concomitante a isso, seguindo o raciocínio de Bakhtin (2016), a conclusibilidade naquele ecossistema acontece quando três elementos são acionados: o projeto discursivo do autor, sua tentativa de conclusão sobre determinado tema e a união desses dois em um gênero do discurso, isso tudo levando em conta os aspectos não-linguísticos que fazem parte da constituição enunciativa e o outro (interactante), para quem o discurso é direcionado. Isso dialoga com a noção de “composição” levantada por Paveau (2021) sobre os discursos digitais serem constituídos por uma matéria mista que reúne o linguageiro e o tecnológico.

Além disso, Bakhtin (2017a) acreditava que o discurso sempre dialoga com outro discurso e que a interpretação de um enunciado não o finaliza, mas continua a criação. Novamente, pôde-se perceber outro ponto de contato com a teoria da Análise do Discurso Digital, na qual Paveau (2021) afirmou ser os comentários um espaço de ampliação discursiva. Isso é percebido na análise dos comentários, no discurso digital de @layllaqueiroz (2023), no qual uma pessoa assemelhou a situação de racismo feito pela Zara ao do Carrefour.

Portanto, apesar de estarem situados em contextos de produções diferentes, o Círculo russo apresenta um escopo teórico de caráter não-logocêntrico, e o fato de, na cronotopia digital, essa teoria conseguir estabelecer diálogo com a Análise do Discurso Digital revela o “retorno festivo” apontado por Bakhtin (2017a), no sentido de que as ideias do Círculo retornam hoje em um novo contexto de produção digital.

Já na análise da subseção 5.3.2, partindo da questão da responsabilização, na construção dos discursos digitais, o caso da *live* realizada no *Instagram* (O globo, 2023e) e sua repercussão

em notícias e em outros ambientes digitais, feito o *X*, ilustra o que Bakhtin (2017b) apontou como sendo a responsabilidade para com o dado conteúdo da cultura e para o interactante do discurso. Esse ponto também foi percebido por usuários do *X*, como @BryannaNasck (2023), após fazer uma postagem sobre a *live*, posicionando-se valorativamente sobre o ato digital, não concordando com ele. A discussão, em seu post, continuou nos espaços dos comentários, evidenciando, mais uma vez, o que Bakhtin (2016) entende como a cadeia de interação discursiva e Paveau (2021), como sendo relacionalidade dos discursos digitais.

Uma dessas relações nos comentários apontou a questão de armas nas escolas, isto é, um discurso que dialoga com casos sobre atentados. Ainda nessa subseção, o caso relatado pelo portal O Globo (2023c) sobre a questão do atentado às escolas e a investigação das curtidas no *post* do *X* relatando o plano de atentado, resultou em duas reflexões: 1) a responsabilização e 2) o endosso. Como analisado e discutido, a curtida não pode ser interpretada sem levar em consideração o contexto de seu acontecimento. O *post* no *X* do jovem falando sobre seus planos de atentado à escola e as curtidas nessa postagem como sendo enunciados de gestos, são exemplos de como a curtida representa uma valoração na interação. Logo, a discussão sobre a responsabilização é necessária, pois, nesse caso analisado, representa uma ação que pode ocasionar consequências para o outro, o interactante.

Por fim, a análise realizada na subseção 5.3.3 está intrinsecamente relacionada à subseção anterior, pois falar em responsabilização é também refletir sobre a insubstituibilidade na existência. O caso da *Fake news* de Bolsonaro sobre os resultados das eleições (Estadão, 2023) e o discurso de ódio — o caso de Felipe Neto (O globo, 2023d), evidenciam, como resultados, que a filosofia do ato responsável em Bakhtin (2017b) possibilita estabelecer uma reflexão sobre esses atos digitais como atos responsáveis, uma vez que não foram atos realizados de forma inocente.

O simples fato de se relacionar com algo já revela uma atitude volitivo-interessada como explicou Bakhtin (2017b), e “compreender um objeto [o uso de armas e drogas, o atentado às escolas, a *Fake news* e o discurso de ódio] significa compreender meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), **compreendê-lo em relação a mim** na singularidade do existir-evento: **o que pressupõe a minha participação responsável, e não a minha abstração**” (Bakhtin, 2017b, p. 66, grifos nossos). Em outras palavras, conclui-se que os autores dos atos digitais apontados pelas *webnotícias*, ao compreenderem o objeto e ao assumirem um determinado posicionamento valorativo sobre esse objeto na interação digital, ativaram a responsabilidade sobre os atos realizados e, mesmo que tentem burlar essa

responsabilização — o caso de Bolsonaro — como seres da existência concreta, suas singularidades são insubstituíveis, por isso as decisões judiciais sobre cada ato.

Portanto, comportamentos digitais, ao apresentarem uma linguagem não-logocêntrica, são passíveis de uma reflexão à luz da filosofia do ato responsável, pois são vistos como atos de seres concretamente situados na cronotopia digital, ao estabelecerem uma relação afetiva-intencional sobre determinada temática da cultura social, mas, também, por serem atos que se dirigem ao outro como partícipe da interação. Dessa forma, esta pesquisa não se propôs a ser a última palavra sobre comportamentos digitais, visto que, como salienta Bakhtin (2017a, p. 79) “não existe a primeira nem a última palavra [...]”, mas, sim, contribuir para o avanço em torno da Análise Dialógica do Discurso em parceria com a Análise do Discurso Digital, o que significa a necessidade contínua de retomar esse ponto de encontro e analisar futuros atos responsáveis na cronotopia digital.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Paulo. Comentários pornô no Instagram atraem usuários para golpe, diz site. **Techtudo**, 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/08/comentarios-porno-no-instagram-atraem-usuarios-para-golpe-diz-site.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- BAGNO, M. **Uma história da linguística**. 1. ed. São Paulo: 2023.
- BARBOSA, J. L. N.; PEREIRA, S. V. M. O discurso digital como ato responsável e prática indenitária no ensino de literatura: contribuições pedagógicas do uso do TikTok. *In*: Tânia Serra Azul Machado Bezerra; Edite Colares Oliveira Marques; Roberto Kennedy Gomes Franco. (Org.). **Cultura Escolar em Tempos de Pandemia**. 4ª ed. Campina Grande/PB: Editora Realize, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/92044>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa: Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo: Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017a.
- BAKHTIN, M. M. **O autor e a personagem na atividade estética**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2023.
- BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução: Miotello, V; Faraco, C. A. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017b.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018a.
- BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018b.
- BAKHTIN, M. M; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin**. 2.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- BBC. Por que usuários do Twitter se sentem 'traídos' por mudança da marca da rede social. **BBC**, São Paulo, 2023. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cllgp2n159go>. Acesso em: 07 nov. 2023.
- BEZERRA, P. Breve glossário de alguns conceitos-chave. *In*: BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BRAIT, B. **III construção coletiva da perspectiva dialógica**: história e alcance teórico-metodológico. *In*: FIGARO, R. (Org.). *Comunicação e Análise do Discurso*. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

BRUZZONE, A. **Ciberpopulismo**: política e democracia no mundo digital. São Paulo: Contexto, 2021.

BURGESS, J. “Toda sua chuva de chocolate está pertencida a nós?: Vídeos virais, Youtube e a dinâmica da cultura participativa”. *In*: CHAGAS, V. (org.). **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 127-138.

CABETTE, E. L. S. **Bakhtin e o direito**: uma visão transdisciplinar. Porto Alegre: Núria Fabris Ed., 2014.

CHAMBERLAIN, L. **Mãe Rússia**: uma história filosófica da Rússia. Tradução: Renato Aguiar. 1. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

COSTA, J. L.; GLÜCK, E. P. Imagem digital: entre divulgação científica e redes sociais. **Fórum Lingüístico**, v. 18, n. Esp., p. 5796—5811, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/79650>. Acesso em: 28 nov. 2023.

DI FELICE, M. **A cidadania digital**: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2020.

ESTADÃO. Bolsonaro alega à PF estar sob efeito de medicamento ao postar vídeo contra resultado da eleição. **Estadão**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-alega-a-pf-estar-sob-efeito-de-medicamento-ao-postar-video-contr-resultado-da-eleicao/>. Acesso em: 25 de Julho de 2023.

FARIAS, J. M. S. **Arquiteturas tecnodiscursivas no ensino-aprendizagem de língua(gem)**: textos digitais e letramentos em (trans)formação. Orientadora: Suzana Leite Cortez. 2022. 299 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

FERRANDO, F. **Philosophical posthumanism**. New York: Bloomsbury Academic, 2019.

FIGUEIRA, M. D.; NEVES-HORA. L. G.; HORA, D. Economia e/ou saúde: uma análise pragmática do posicionamento do governo Bolsonaro no ambiente digital durante a pandemia. **Soletras**, n. 43, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/64944>. Acesso em: 28 nov. 2023.

GLÜCK, E. P.; IRACET, E. E.; GIERING, M. E. O tecnodiscurso de divulgação científica: relações retóricas e deslinearização em hiperligações de notícias digitais. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 66, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/Fw8Sd6CtJMgLqgXFmHny6Vq/?lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2023.

GRILLO, S; AMÉRICO, E. V. Glossário. *In*: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.

Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo - São Paulo: Editora 34, 2017.

G1. Além do X: veja 10 mudanças no Twitter sob o comando de Elon Musk. **G1**, 2023a. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/07/25/alem-do-x-veja-10-mudancas-no-twitter-sob-o-comando-de-elon-musk.ghtml>. Acesso em: 07 nov. 2023.

G1. Chefe do Instagram diz que app não é mais voltado para compartilhar fotos; rede deve ficar mais parecida com TikTok. **G1**, 2021a. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/07/01/chefe-do-instagram-diz-que-app-nao-e-mais-voltado-para-compartilhar-fotos.ghtml>. Acesso em: 07 nov. 2023.

G1. Gerente da Zara é indiciado por racismo em caso de delegada negra barrada em loja de Fortaleza. **G1**, 2021b. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/10/18/gerente-de-loja-e-indiciado-por-racismo-em-caso-de-delegada-negra-barrada-em-loja-no-ceara.ghtml>. Acesso em: 25 de Julho de 2023.

G1. Jogador de futebol diz ter sido vítima de racismo em loja de shopping na Barra da Tijuca. **G1**, 2023b. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/06/21/jogador-de-futebol-afirma-que-foi-vitima-de-racismo-em-loja-de-shopping-na-barra-da-tijuca.ghtml>. Acesso em: 25 de Julho de 2023.

HAN, B.-C. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HAN, B.-C. **No exame**: perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Tradução: Marcia Sá Cavalcante Schuback. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HIRSCHKOP, K. **The Cambridge introduction to Mikhail Bakhtin**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

HUGO GLOSS. Mãe agredia Larissa Manoela e chegou a quebrar dente da atriz, diz ex-funcionária; assista. **Hugo Gloss**, 2023. Disponível em: https://hugogloss.uol.com.br/famosos/mae-agredia-larissa-manoela-e-chegou-a-quebrar-dente-da-atriz-diz-ex-funcionaria-assista/?fbclid=PAAaYRZl5XuLdgMAHYAa4smaduH9uU9oaSnr1UgZf-XwqhaHLx-vLCnVOgF60aem_AXczvMz9NBaGhpFbcMwR_Y-lSkxJ9p6YTYyFr8jQyBXjIo1KqvrOfTJGFjnHh5Wp5QI. Acesso em: 22 ago. 2023.

INSTAGRAM. Threads. **Instagram**, 2023. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/threads>. Acesso em: 07 nov. 2023.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa; revisão técnica de Stelio Marras. São Paulo: Editora 34, 2019.

LEMOS, André. O Pensamento de Bruno Latour (1947-2022). **Interfaces Científicas**. Aracaju. V.9. N.3. p.469-479. 2022.

MARCONDES, D. **As armadilhas da linguagem**: significado e ação para além do discurso. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MARCONDES, D. **Textos básicos de linguagem**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MORSON, G. S. O cronotopo da humanidade: Bakhtin e Dostoiévski. In: BEMONG, N. *et al.* **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução de Oziris Borges Filho, *et al.* 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MUNIZ-LIMA, I. **Modos de interação em contexto digital**. Orientadora: Mônica Magalhães Cavalcante. 2022. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

O GLOBO. Bolsonaro inelegível: TSE condena ex-presidente por 5 votos a 2. **O Globo**, 2023a. Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/06/julgamento-tse-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 25 de Julho de 2023.

O GLOBO. Emoji de “joinha” (👉) é considerado um acordo contratual por tribunal do Canadá. **O globo**, 2023b. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/07/07/emoji-de-joinha-e-considerado-um-acordo-contratual-por-tribunal-do-canada.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2023.

O GLOBO. ‘Irá acontecer hoje’: aluno anunciou ataque a escola em rede social; quem interagiu com publicações será investigado, diz polícia de SP. **O Globo**, 2023c. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/03/adolescente-anunciou-ataque-a-escola-em-red-e-social-quem-interagiu-com-publicacoes-sera-investigado-diz-policia-de-sp.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2023

O GLOBO: Marcelo Álvaro Antônio fez publicação atacando influenciador digital em 2020. **O Globo**, 2023d. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2023/05/ex-ministro-de-bolsonaro-e-condenado-a-pagar-r-50-mil-por-associar-felipe-neto-a-pedofilia.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2023

O GLOBO. Polícia prende jovens ao vivo durante transmissão de live em que exibem armas e drogas no Paraná (vídeo). **O Globo**, 2023e. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/04/policia-prende-jovens-ao-vivo-durante-transmissao-de-live-em-que-exibem-armas-e-drogas-no-parana-video.ghtml> . Acesso em: 25 de Julho de 2023.

O POPULAR. Conheça o TikTok, aplicativo que ultrapassou o WhatsApp como o mais baixado do mundo. **O Popular**, 2023. Disponível em: <https://opopular.com.br/economia/conheca-o-tiktok-aplicativo-que-ultrapassou-o-whatsapp-como-o-mais-baixado-do-mundo-1.1892969>.

Acesso em: 07 nov. 2023.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PAVEAU, M.-A. **Linguagem e moral**: uma ética das virtudes discursivas. Tradução: Ivone Benedetti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

PAVEAU, M.-A. **Os pré-discursos**: sentido, memória, cognição. Tradução: Greciely Costa e Débora Massmann. Revisão da tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PAVEAU, M.-A. Realidade e Discursividade: outras dimensões para a teoria do discurso. *In*: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. (org.). **Texto, discurso e argumentação**: traduções. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coordenação de tradução: Valdemir Mioetello. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.

RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de Marcos Marcionillo. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SANTAELLA, L. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: Edições 70, 2023.

SANTAELLA, L. **Humanos hiper-híbridos**: linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, L. **Neo-humano**: a sétima revolução cognitiva do Sapiens. São Paulo: Paulus, 2022.

SEIXAS, R. A ecologia digital argumentativa: possibilidades e perspectivas para uma análise retórica da argumentação multimodal. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 918—937, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i3.1961. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1961>. Acesso em: 27 nov. 2023.

SILVA, H. M. C. S. **Raízes filosóficas da filosofia bakhtiniana da linguagem**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

SOBRAL, A. **A filosofia primeira de Bakhtin**: roteiro de leitura comentado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017a.

SOBRAL, A. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017b.

SOBRAL, A. U.; PIRES, V. L. “Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov”. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, p. 205-219, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/13785>. Acesso em: 16 mar. 2023.

STOKEL-WALKER, Chris. **TikTok boom**: um aplicativo viciante e a corrida chinesa pelo domínio das redes sociais. Tradução Alexandre Raposo, Carolina Selvatici, Diego Magalhães. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

TECHTUDO. Oito recursos que o Instagram 'copiou' de outras redes sociais. **Techtudo**, 2022. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2022/08/oito-recursos-que-o-instagram-copiou-de-outras-redes-sociais.ghml>. Acesso em: 07 nov. 2023.

TERRA. Usuários do TikTok criam filtro simulando deficiência como piada. **Terra**, 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/usuarios-do-tiktok-criam-filtro-simulando-deficiencia-como-piada,b780f98cb4f61b9c9e62dfefb1dcebbexkj986ar.html>. Acesso em: 25 de Julho de 2023.

TIKTOK. Sobre o TikTok. **TikTok**, 2023a. Disponível em: <https://www.tiktok.com/about?lang=pt-BR>. Acesso em: 07 nov. 2023.

TIKTOK. Usando o TikTok: Criando Vídeos - Efeitos. **TikTok**, 2023b. Disponível em: https://support.tiktok.com/pt_BR/using-tiktok/creating-videos/effects. Acesso em: 25 de Julho de 2023.

UTTAL, W. R. **Dualism**: The Original Sin of Cognitivism. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução: Marcos G. Montagnoli. Revisão da tradução e apresentação: Emmanuel Carneiro Leão. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.